

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO/RS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

FELIPE FERREIRA

Dissertação de Mestrado

SURFE NA ESCOLA?

percepções docentes acerca do surfe em aulas de Educação Física Escolar.

**OSÓRIO
2022**

FELIPE FERREIRA

SURFE NA ESCOLA?

percepções docentes acerca do surfe em aulas de Educação Física Escolar.

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profº Dr. Leandro Forell.

Osório

2022

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO/RS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

FELIPE FERREIRA

SURFE NA ESCOLA?

percepções docentes acerca do surfe em aulas de Educação Física Escolar.

Dissertação de Mestrado

Aprovado em Osório, 02 de dezembro de 2022.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Forell

Banca de Qualificação

Prof. Dr. Fabiano Bossle

Prof.^a Dra. Rita Cristine Basso Soares Severo

Prof.^a Dr. Flávio Py Mariante Neto

À minha esposa, que nos momentos mais difíceis destes tão conturbados e longos tempos pandêmicos, não me deixou desanimar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha esposa Jéssica, que esteve ao meu lado durante todo este período de aprendizado e evolução pessoal e profissional, mesmo nos dias mais difíceis de uma dura e triste Pandemia que impactou a todos nós, ela não me deixou sequer pensar esmorecer deste compromisso assumido.

Agradeço à minha família, que me ensinaram a amar o Oceano e a praia, e que mesmo por vezes não compreendendo muito bem o tamanho e a responsabilidade desta jornada, sempre estiveram próximos e preocupados em saber sobre o andamento desta.

Agradeço ao meu orientador Leandro Forell, que acreditou em minhas ideias e com sua experiência, paciência e enorme carinho, amorosidade e amizade me conduziu pelas melhores trilhas para concluir esse trabalho.

Agradeço a todos os membros do GEPRACO, mas principalmente às meninas que junto a mim formaram o “Quarteto Fantástico” de orientandos de 2020. Cada um a seu modo contribuiu com a construção deste trabalho, mesmo antes de sua gênese até a conclusão, a cada um de vocês jamais terei palavras para explicar a importância e assertividade de cada crítica tão amorosamente pronunciada.

Agradeço aos docentes, funcionários e demais trabalhadores que todos os dias fazem esta Universidade Pública funcionar, prestando ótimos serviços apesar de toda a desvalorização e sucateamento posto em marcha pelos tempos neoliberais, que tentam reduzir o valor e a importância do serviço público no País.

Também gostaria de agradecer a todos aqueles e aquelas colegas que todos os dias, trabalham esforçadamente nas escolas públicas deste imenso país, acreditando sempre num futuro mais próspero e em uma Educação pública, gratuita e de qualidade para todos os educandos brasileiros.

Mar doce lar, vasto e profundo,
mais vasto é o meu coração,
que não cabe nesse mundo
e precisa transbordar.

Navegar não é preciso, é preciso surfar!

(Solitário Surfista - Gabriel O Pensador)

RESUMO

A presente dissertação constitui-se em uma investigação qualitativa em que o objetivo inicial foi o de identificar quais as percepções de docentes de Educação Física Escolar de escolas públicas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, acerca do surfe nas aulas do componente curricular. Foram adotados procedimentos de pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativa. Para a produção de informações, utilizou-se entrevistas semiestruturadas com sete professores de Educação Física Escolar. A interpretação das informações foi construída em um processo de imersão e de cruzamento entre as transcrições e vídeos das entrevistas, o referencial teórico previamente levantado e a experiência pessoal dos pesquisadores com a temática. Os resultados indicam que os docentes compreendem o surfe como uma prática existente nas localidades em que atuam, mas ainda não muito popular. Foi verificado que durante a Pandemia com a redução das aulas práticas e aumento de aulas expositivas, e com uma maior exposição desta prática nas mídias devido a sua inclusão no Programa Olímpico, o surfe foi utilizado como conteúdo nas aulas de alguns docentes, contudo, a predominância de perspectivas que privilegiam a prática nas aulas de Educação Física Escolar, é um importante elemento no processo de invisibilização do surfe enquanto possibilidade de conteúdo nas aulas dos docentes que nunca o utilizaram. Estratégias de ensino que utilizem materiais didáticos de forma teórica ou que apresentem possibilidades de adaptação ao meio escolar não aparecem de forma espontânea nas percepções dos docentes, sendo mais comum a presença de uma idealização de aulas no ambiente em que o surfe acontece, o mar. Consideram como conteúdo possível de ser apresentado nas aulas, mas que precisa de um tratamento pedagógico que acaba por impor ao docente o enfrentamento de diferentes dificuldades para sua implementação. A falta de material e a precariedade da estrutura física das escolas, bem como a falta de experiência prévia com a prática do surfe são elementos apresentados como dificultantes para seu estudo nas aulas segundo os docentes.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Surfe; Percepções docentes; Práticas Corporais de Aventura.

ABSTRACT

This dissertation is a qualitative investigation in which the initial objective was to identify the perceptions of Physical Education teachers from the North Coast of Rio Grande do Sul, about the use of surfing in the discipline's classes. Qualitative, descriptive and interpretive research procedures were adopted. For the production of information, semi-structured interviews were used with eight teachers of School Physical Education. The interpretation of the information was constructed in a process of immersion and crossing between the transcripts and videos of the interviews, the theoretical reference previously raised and the personal experience of the researchers with the theme. The results indicate that teachers understand surfing as an existing practice in the locations where they work, but not yet very popular. It was verified that during the Pandemic with the reduction of practical classes and increase of lectures, and with a greater exposure of this practice in the media due to its inclusion in the Olympic Program, surfing was used as content in the classes of some teachers, however, the predominance of perspectives that privilege the practice in Physical Education classes at School, is an important element in the process of making surfing invisible as a possibility of content in the classes of teachers who have never used it. Teaching strategies that use didactic materials in a theoretical way or that present possibilities of adaptation to the school environment do not appear spontaneously in the perceptions of teachers, being more common the presence of an idealization of classes in the environment where surfing takes place, the sea. They consider it as possible content to be presented in classes, but that needs a pedagogical treatment that ends up imposing on the teacher the confrontation of different difficulties for its implementation. The lack of material and the precariousness of the physical structure of the schools, as well as the lack of previous experience with the practice of surfing are elements presented as difficulties for their study in the classes according to the teachers.

Keywords: Physical Education, School; Surfing; Teacher perceptions; Adventure Body Practices.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CBS	Confederação Brasileira de Surfe
COREDE	Conselho Regional de Desenvolvimento
EF	Educação Física
EFE	Educação Física Escolar
GEPRACO	Grupo de Estudos em Práticas Cotidianas Educativas
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
PCA	Práticas Corporais de Aventura
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 APRENDENDO A SURFAR: NAS ONDAS DA VIDA E DA PESQUISA.	11
1.1 É preciso recuar e respirar para prosseguir...	13
1.2 ‘Dropando’ as ondas da pesquisa em educação.	14
2 APRESENTAÇÃO DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.	19
2.1 O fenômeno do Veraneio e o surfe no litoral Gaúcho	20
2.2 Panorama geral das escolas do Litoral Norte.	24
3 ESTADO DO CONHECIMENTO	26
3.1 A produção científica sobre surfe em contexto amplo..	26
3.2 A produção científica sobre surfe com foco na Educação Física Escolar.	43
4 A BASE NACIONAL COMUM E AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EFE.	59
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	66
5.1 Produção de informações: trilha escolhida, qual calçado usar para percorrê-la?	70
5.2 Autodeclaração de princípios e procedimentos éticos na pesquisa.	75
6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	75
7 CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O SURFE NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.	80
8 DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA ESPECIFICIDADE NA ESCOLA.	94
9 IMPLICAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS ACERCA DO CONTEÚDO SURFE NA AULAS DE EFE.	113
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
11 PRODUTO DE PESQUISA	141
REFERÊNCIAS:	142
APÊNDICE A	149
Estado do Conhecimento 1	149
APÊNDICE B	150
Estado do conhecimento 2	150
APÊNDICE C	151
Formulário online de seleção de informantes para a Pesquisa.	151
APÊNDICE D	155
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	155

1 APRENDENDO A SURFAR: NAS ONDAS DA VIDA E DA PESQUISA.

Minha relação com o mar iniciou cedo, pois com apenas dois dias de vida já estava sob o telhado da casa de veraneio ainda em construção de um de meus tios localizada na Costa do Sol, no município de Cidreira – RS, cidade a qual não por acaso hoje fixei residência e vida profissional.

Como dito, a casa era de veraneio, e vivia cheia de amigos e parentes durante o período do verão, a chamada “temporada” abre-se em dezembro na ocorrência do Natal e fecha-se após o feriado de carnaval, totalizando quase três meses de idas à praia aos finais de semana. Meus pais quase sempre frequentavam a casa de meus tios na praia, já que somos naturais de Palmares do Sul, cidade próxima de Cidreira.

As memórias que tenho firmes na lembrança são as de aproximadamente a partir dos 10 anos de idade, e lembro que até esta época minha vivência com o surfe eram pegar ‘jacaré¹’, ou brincar de tentar ficar de pé sobre as antigas pranchas de isopor, que eram mais acessíveis nos anos 90. Recordo que a partir desta idade, meus pais passaram por períodos difíceis financeiramente, e infelizmente não podiam ir todos os finais de semana para a praia. A saudade daquele lugar durante a semana era imensa, e a expectativa de poder ir à sexta feira e voltar domingo era enorme, e quando porventura isto não ocorria, a tristeza então tomava conta de mim e de meu irmão mais novo.

Porém, conforme fui crescendo meus pais permitiam que eu ficasse na praia com meus tios durante a semana, pois eles ficavam a temporada inteira por lá, o que pra mim era um sonho, que começou a se concretizar por volta dos doze anos de idade. Neste período, eu ficava semanas na casa de meus tios e assim fiz amigos, que também veraneavam no local ou que eram moradores, e comecei a estabelecer relações mais duradouras por lá. Conheci dois vizinhos próximos, que já surfavam com pranchas de fibra², e foi a partir daí que comecei a aprender a surfar “de pé”. Digo isto, pois, a dificuldade que a instabilidade do mar oferece ao equilíbrio sobre a

¹ Jacaré é considerado o nome popular da prática de mergulhar junto com o impulso da onda em direção à praia.

² São as pranchas utilizadas para surfar em pé, com maior resistência à possíveis danos e por isso também de maior custo e de pouco acesso para mim na época.

prancha apresentava-se para mim como um desafio maior do que surfar deitado com os *bodyboarding's*³ que eram as pranchas às quais eu tinha acesso naquela época.

A partir deste momento foram três ou quatro verões que passei quase por inteiro hospedado na casa de meus tios, aprendendo a surfar com os amigos e usando pranchas emprestadas, pois até minha vida adulta nunca tive uma prancha de surfe própria, mas, foi por volta dos meus 16 anos que para minha infelicidade, meu tio acabou vendendo a casa na praia, e, também nesta idade já estava pensando em terminar o Ensino Médio e no trabalho, o que me afastou por certo tempo do surfe e do mar.

Trabalhei como atendente de balcão em ferragens e casas de venda de material de construção da região neste período, profissão que meu pai e mãe também trabalhavam na época, mas foi na escola, em um casal de professores que encontrei uma inspiração para escolher minha profissão de professor de Educação Física. Estes professores atuavam no município de Palmares do Sul, seu filho era meu colega e também passava o verão na praia, porém na Praia da Solidão, no município de Mostardas. Pude observar nestes professores um estilo de vida que contemplava minha saudade do mar, afinal eles podiam passar o verão inteiro na praia, pois o período de férias mais longo dos professores é nesta época, e particularmente, eu sempre achei uma injustiça o fato das pessoas que moram na praia não tirarem suas férias neste período, para poderem desfrutar da natureza e do período mais quente em sua localidade.

Obviamente este não é o único motivo que me levou a ser professor, afinal, minha família é composta por diversos profissionais da área, uma tia por parte de pai, e cinco primos desta parte da família compartilham desta experiência de educar, e, aliando estas influências às minhas diversas participações em Jogos Escolares, invernadas de danças gaúchas, banda municipal de música entre outros eventos e experiências artísticas e culturais às quais tive acesso ao decorrer do meu crescimento, optei então por tentar cursar Educação Física que na época de minha

³ Pranchas também conhecidas popularmente como “Moreys”, “Morey Boogie”, são pranchas em que se surfa deitado, devido o seu tamanho reduzido.

primeira matrícula na Faculdade Cenecista de Osório no ano de 2008, neste período o curso ainda não estava dividido entre Licenciatura e Bacharelado.

Porém, minha passagem por esta Instituição foi breve, devido a algumas dificuldades que se impuseram como a de conciliar o trabalho com as aulas noturnas, questões financeiras como o valor do curso mais o do transporte de Palmares à Osório, tive que trancar o curso naquela instituição e dar uma pausa na minha caminhada para o ensino superior.

1.1 É preciso recuar e respirar para prosseguir...

Foi neste período onde tomei a decisão de sair de Palmares do Sul para tentar novas experiências, então me alistei para o serviço militar obrigatório no ano de 2010, e incorporei na extinta 1ª Companhia de Guardas na cidade de Porto Alegre, local onde morei e trabalhei por seis anos. Deixei minha cidade, meus pais e amigos com o objetivo de encontrar melhores oportunidades para minha vida pessoal e profissional, e, foi no terceiro ano de caserna que consegui uma vaga no curso de Licenciatura em Educação Física da PUCRS, obtendo uma bolsa integral através do Programa Universidade para Todos (PROUNI), programa do Governo Federal que oferece bolsas de estudo integrais e parciais para estudantes de baixa renda sem formação superior, sem o qual meu acesso ao Ensino Superior seria algo quase impossível à época.

Neste percurso de formação em que aprendi muito e pude crescer profissional e pessoalmente, sempre pensei no retorno ao litoral, por isso ao graduar-me no segundo semestre de 2015, solicitei a baixa do Exército e decidi me instalar em Cidreira, podendo assim retornar para perto de minha família e de minha namorada à época (hoje esposa). Já sabendo da abertura próxima de concursos para professor de educação física no litoral, empenhei-me e consegui aprovação para os municípios de Palmares do Sul, minha terra natal e Cidreira, minha terra de coração. Iniciei minha carreira atuando com anos finais em Palmares no distrito de Quintão, e com a Educação Infantil em Cidreira, e nos finais de semana auxiliava um amigo que dava aulas de surfe voluntariamente para jovens da região através de um Projeto Social.

Morando na praia, voltei a surfar e novamente me conectei com a prática do surfe e com o mar que tanto gosto e me satisfaz, também participei da Associação de Surfe local atuando nas diversas funções que as competições de surfe exigem como árbitro e locutor, o que me proporcionou uma visão um pouco mais ampla acerca do cenário competitivo do surfe local e também do estado. Mas, foi a partir do trabalho voluntário no Projeto que fui traçando relações entre as teorias educacionais, a Educação Física e a realidade dos locais onde eu trabalhava.

Quando em 2017 ingressei em uma Pós Graduação Lato Sensu no IFRS – Campus Osório, para o trabalho final, escrevi sobre as relações entre o trabalho do projeto social com ensino de surfe, e a autonomia dos jovens participantes. Neste caso baseei-me nas concepções teóricas de Paulo Freire sobre autonomia, e fui convidado a publicar este estudo no formato de capítulo de um livro organizado pela minha orientadora à época.

1.2 ‘Dropando’⁴ as ondas da pesquisa em educação.

A partir da escrita deste trabalho comecei a refletir sobre as possibilidades de tentar unir minhas experiências pessoais no surfe com a minha prática e carreira profissional, desta forma, inicio o processo de participação nos eventos científicos da região para apresentar o trabalho à comunidade, e, nestes eventos fiquei sabendo da oportunidade que cursar um Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, em um campus localizado em Osório, que até então eu desconhecia.

Apresentei meu trabalho em um Seminário do curso de Mestrado desta Instituição e o mesmo também foi publicado como artigo em um livro que reuniu as apresentações do evento, conheci as instalações da Uergs em Osório e gostei muito do ambiente, dos professores que me avaliaram, dos diálogos surgidos dali e então comecei a pensar sobre uma tentativa de entrada no Mestrado.

No ano de 2019 participei do processo seletivo, ficando de suplente neste primeiro processo, mas este período de espera até o próximo processo seletivo foi importante, pois me matriculei como aluno especial das disciplinas disponíveis e

⁴ ‘Dropar’ no meio do surfe consiste no ato de ficar de pé sobre a prancha, este exato momento ocorre em fração de segundos e exige boa percepção e habilidade do surfista para não cair, levando o que se chama frequentemente de ‘caldo’, ‘vaca’.

pude participar por um semestre do Mestrado de forma presencial e compreender melhor do que se trata o processo de formação do pesquisador, aprendendo principalmente sobre Antropologia e Sociologia, disciplinas que proporcionaram reflexões importantes sobre a pesquisa na área da educação.

No ano de 2020 submeti meu Projeto novamente ao processo seletivo, já de forma totalmente online devido à Pandemia de COVID-19⁵, pude obter êxito para o segundo semestre na linha de Pesquisa de Currículos e Políticas na Formação de Professores, sob a orientação do Prof^o Dr. Leandro Forell, com quem compartilho a construção deste Projeto de Pesquisa, além da ajuda de meu orientador, saliento aqui a importância do Grupo de Estudos em Práticas Cotidianas Educativas (GEPRACO) onde unidos construímos nossos projetos de maneira coletiva, compartilhando os saberes, dúvidas e angústias que nos afligem durante todo o processo.

A partir das leituras específicas do curso de Mestrado, e de minhas experiências pessoais e profissionais aqui relatadas, as relações entre surfe, Educação Física Escolar (EFE) e a formação de professores da área foram ficando mais intensas em minhas reflexões, e aos poucos fui costurando aquilo que compreendia como possível para uma pesquisa em educação em nível de Mestrado.

Pensei primeiramente em investigar como acontece o ensino do surfe em escolas especializadas de ensino do esporte, ou mesmo em buscar compreender como grupos de surfistas moradores e não moradores da praia de Cidreira significam o surfe em suas vidas. Porém a situação à época não permitiria tais tipos de pesquisa que necessitam de uma observação direta, devido às diversas restrições e protocolos impostos como medida de combate à Pandemia, além disso, não conseguia visualizar de que maneira estes conhecimentos poderiam contribuir para a EFE, fato que para mim é de suma importância, pois compreendo que é importante haver um retorno direto para a educação básica do investimento depositado em mim através da Universidade Pública.

Ao ter contato com o referencial antropológico através das pesquisas do GEPRACO comecei a compreender como a cultura é complexa e se relaciona com a

⁵ A pandemia de COVID-19, conhecida como pandemia de coronavírus, trata-se de uma doença infecciosa causada pelo Vírus (Sars-Cov-2). A pandemia foi declarada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde no dia 11 de março de 2020, mas seu surgimento é de 1º de dezembro de 2019, em Wuhan, província de Hubei, República Popular da China. Os dados mais atualizados indicam

formação dos seres humanos. Esta “teia de significados” que Clifford Geertz (1989) descreve, interliga os seres humanos através de símbolos e significados compartilhados pelos grupos sociais, ela sustenta as relações e dá sentido e pertencimento ao ser humano nos lugares onde vive, e, ao mesmo tempo em que ela é tecida pelos sujeitos também orienta suas ações no mundo.

Compreendo o surfe como uma prática corporal significativa nas “teias” da cultura da região litorânea, estando presente na rotina do litoral durante as quatro estações do ano, é uma prática que reúne diversas pessoas em um único lugar, o mar⁶, que banha diversas cidades ao meu redor, inclusive a de onde falo.

A partir disto, percebo enquanto docente da localidade uma grande relevância do mar para a comunidade, e acredito que este e as práticas que o utilizam, poderiam ser mais abordados pela Educação Física Escolar propondo diferentes olhares sobre seu uso, sendo que neste caso o foco é sobre a prática do Surfe.

Ao longo de minha trajetória docente, entre leituras de publicações e conversas com colegas da área, fui percebendo que mesmo o mar, o surfe e outras práticas estando presentes na realidade local das cidades litorâneas, eles são pouco ou nada abordados pela EFE, e isto me motiva a pesquisar sobre o assunto.

Também compreendo que um dos desafios da Educação Física Escolar é conseguir abordar de maneira plural os diferentes modos de se movimentar e atuar no mundo que o ser humano criou e cria ao longo dos tempos, apresentando aos estudantes os diferentes elementos da Cultura Corporal de Movimento (BRACHT, 1999) e todas as faces dos fenômenos que nesta se incluem.

A Base Nacional Comum Curricular – (BNCC) de 2018, embora muito questionada e problematizada na área, é atualmente a legislação normativa que instaura o currículo da educação básica no país, seu texto descreve a Educação Física Escolar enquanto componente curricular integrante da área de Linguagens que “tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de significação e codificação social...”. Percebo então que a legislação aponta para uma abordagem que privilegie a pluralidade de significações possíveis em cada prática corporal, considerando-as deste modo, “textos culturais passíveis de leitura e produção.” (BRASIL, 2018, p.214)

⁶ Em substituição à denominação Oceano, opto por utilizar “mar” por entender que esta percebo ser a denominação mais utilizada na cultura da região.

A partir destas leituras e reflexões penso nas diferentes possibilidades de abordagem do Surfe pela EFE, podendo ser apresentada aos estudantes da região de múltiplas maneiras a depender do modo como os docentes da região podem tratar ou não desta prática em suas aulas, portanto compreendo que é a partir do diálogo com os docentes da região pode-se compreender melhor as relações possíveis entre esta prática corporal existente nas localidades e suas possíveis relações com a EFE da região.

Sendo assim, considero que buscar ouvir e poder analisar suas experiências, opiniões, reflexões e percepções sobre o surfe como parte integrante do currículo e da prática pedagógica da Educação Física Escolar é um passo importante para a construção conjunta de um caminho possível para abordá-lo nas aulas de EFE, além da importância de realizar uma contribuição ativa para com o referencial acadêmico sobre esta prática corporal e as suas possíveis relações com a escola.

Deste conjunto de ideias foi construída a problemática inicial desta pesquisa, que se registra na seguinte questão: **Quais as percepções de docentes de escolas públicas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul acerca do surfe nas aulas de Educação Física Escolar?**

Com o questionamento posto, é chegado o momento de então 'remar em direção às ondas' da pesquisa em educação, mas não sem antes apresentar as trilhas pelas quais passei em busca de informações acerca da temática proposta.

No capítulo 2 apresento de forma breve o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, localidade de onde resido, penso, reflito e escrevo este Projeto, na sequência um panorama geral das escolas desta região, demonstrando que a mesma possui um grande número de escolas, logo, de professores da área para discutir a temática proposta neste projeto, haja vista que a EFE é um componente curricular obrigatório do currículo nacional.

Posteriormente, no capítulo 3 apresento um estado do conhecimento⁷, que se desdobrou em duas investigações sobre o surfe na literatura acadêmica, um mais amplo sobre publicações que citassem o surfe independente da área de pesquisa, e outro mais específico, em busca de publicações relacionadas diretamente à EFE.

⁷ Uma referência ao estado atual do conhecimento sobre o objeto de análise ou estudo em questão. (FERREIRA, 2002)

Estas revisões oferecem uma exposição das publicações acerca do surfe na literatura nacional e internacional, e nelas descrevo o processo de seleção das publicações e aqui registro que, nesta fase da construção do projeto a maior dificuldade que se apresentou ocorreu no momento de selecionar os artigos e publicações que pudessem de alguma maneira contribuir para a discussão. As publicações selecionadas foram resumidas e auxiliaram no processo de exploração da temática no mundo acadêmico e, espera-se que ainda possam contribuir para a discussão e interpretação das informações produzidas.

No capítulo 4 está construído um diálogo entre a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) que incluiu a temática das Práticas Corporais de Aventura no currículo da EFE brasileira e alguns trabalhos de autores dedicados a pesquisar sobre a temática da aventura em ambiente escolar no país, pensado com base na possível relação entre o surfe e as aulas de EFE.

O capítulo 5 apresenta a metodologia empregada nesta pesquisa, juntamente à descrição das ferramentas utilizadas na produção de informações, bem como apresenta o compromisso ético desta pesquisa para com os informantes que participaram de sua construção.

Por fim, o capítulo 6 apresenta a análise das informações que foram cruzadas com outras informações e dados que foram reunidos neste trabalho. Nesta seção foram construídas 3 categorias de análise que foram elaboradas ao longo da finalização do trabalho, e que apresentam em diálogo com os dados e autores selecionados um panorama geral sobre a percepção dos docentes acerca do surfe como conteúdo nas aulas de EFE, seguido das considerações finais do autor sobre o estudo.

2 APRESENTAÇÃO DO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.

O litoral norte do Rio Grande do Sul é uma grande área territorial que compõe cerca de 7 mil km², e possuía em meados de 2017 cerca de 350 mil habitantes, segundo os dados do Conselho Regional de Desenvolvimento do Litoral (COREDE), que foi criado em 1991, e é composto por uma aglomeração de 21 municípios.

A região do litoral apresenta em grande parte de sua área características do Bioma Pampa, porém na região norte apresenta também o Bioma de Mata Atlântica, é caracterizado como região de planície costeira, composto por dunas, lagoas, lagunas e zonas agrícolas de verão. (OSÓRIO, 2017)

Segundo o Perfil Socioeconômico realizado pelo Governo do Estado, o Litoral apresenta boa disponibilidade de recursos hídricos, porém, esse estudo também apresenta que:

“...um dos principais problemas ligados ao recurso água no COREDE Litoral diz respeito à qualidade da água dos mananciais e à balneabilidade das praias, principalmente nos meses de verão, quando a população, em alguns casos, chega a quadruplicar por conta da ocupação para o período de férias.” (OSÓRIO, 2017, P. 18)

O processo de urbanização do litoral norte decorreu de forma lenta e gradual, acontecendo simultaneamente aos processos de industrialização e de exploração turística que aumentaram ao longo do período entre o fim do século 19, o século 20 com grande crescimento a partir da década de 1960 chegando até os dias atuais no início do século 21. Segundo Strohaecker e Toldo Junior (2007) apud. Osório (2017), a ocupação do território do litoral foi primeiramente realizada por portugueses, açorianos e africanos, e posteriormente viu a chegada de italianos, alemães, japoneses entre outros.

Ainda segundo os mesmos autores, as emancipações municipais que ocorreram a partir da década de 1960 em grande quantidade, contribuíram de forma substancial para as migrações do centro do estado para as cidades litorâneas, deste modo o setor imobiliário têm investido cada vez mais em loteamentos no litoral, principalmente em condomínios horizontais de médio e alto padrão, para fins de recreação e lazer não somente na temporada de verão, mas durante o ano inteiro.

Demograficamente o litoral representa 2,77% da população do estado, e possui apenas 3 municípios com mais de 40 mil habitantes, que são: Osório, Capão da Canoa e Tramandaí, seguidos por Torres que possui entre 30 e 40 mil habitantes e o restante dos municípios da região possuem 20 mil habitantes ou menos. Como já dito anteriormente, o litoral recebe grande quantidade de pessoas na temporada de veraneio, período em que, segundo os dados, pode-se calcular o aumento de habitantes da região para 1 milhão, quadruplicando seu número oficial fora de temporada. (OSÓRIO, 2017, P. 23)

Quanto à qualidade de vida, mensurado através do IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) é possível observar que 12 municípios da região encontram-se no nível alto, e 9 no nível médio, porém mesmo com estes bons resultados o nível médio do litoral norte ficou abaixo do nível médio do estado (0,746) e do Brasil (0,727). (OSÓRIO, 2017, P. 38)

Em relação à cultura, o documento não teve intenção de buscar uma identidade cultural única que possa caracterizar a região com efetividade, já que o processo histórico de ocupação da área conta com diferentes grupos étnicos em sua constituição apresentando uma identidade multicultural da região. Mas, os municípios de maior porte populacional apresentam diversidade de estruturas e equipamentos para o desenvolvimento de atividades de lazer e culturais. Dentre as potencialidades identificadas nos municípios estão listadas as “práticas desportivas relacionadas à valorização da natureza”, onde a prática do surfe inclui-se dentre tantas outras. (OSÓRIO, 2017, P. 55)

2.1 O fenômeno do Veraneio e o surfe no litoral Gaúcho

Segundo Schossler (2017), a prática de se deslocar até o litoral para banhar-se no Atlântico, acontece de forma simultânea tanto no Rio Grande do Sul quanto no litoral do Uruguai, por volta de 1860. Inicialmente sob a forma de práticas terapêuticas onde acreditava-se na utilização do banho de mar como um processo de cura de doenças para enfermos, que vinham em longas caravanas que podiam

durar até dois dias de junta de bois para se chegar ao litoral, à época caracterizado como inóspito e hostil.

Nas décadas seguintes, investidores de iniciativa privada, composta principalmente por imigrantes que iniciaram na construção dos balneários litorâneos seguindo fortes influências de modelos de balneários de banho da Inglaterra e França que ofereciam estruturas para receber “curistas” que se deslocavam ao litoral em busca dos benefícios terapêuticos, e posteriormente os banhistas que buscavam recreios de final de semana. (SCHOSSLER, 2017, P. 7)

Desde este início até os dias atuais, o número de pessoas que habituaram-se à se deslocar até o litoral, principalmente nos meses de calor, é crescente, e tão seguidamente à construção dos balneários, muitas pessoas já iniciaram a construção de residências de veraneio, para que pudessem passar não apenas um final de semana, mas o período inteiro do verão no litoral, e, para Schossler (2017), “a residência de veraneio é a manifestação material dessa tradição e do desejo de habitar a praia.”

A mesma autora ainda defende que:

“As cidades balneárias e a prática social do veraneio podem ser entendidas como um patrimônio das sociedades contemporâneas, pois essa é uma tradição que se repete a cada ano, sendo passada de geração em geração.”
(SCHOSSLER, 2017. p. 4)

Os balneários cresceram e desenvolveram-se, transformando a paisagem litorânea antes inóspita em locais habitáveis e modernizados, que hoje são em sua maioria municípios emancipados e com características particulares que os fazem diferenciar entre si, mas o fenômeno do veraneio atinge toda a região litorânea, modificando muitos aspectos da vida em comum no litoral.

Este é o momento do ano em que parques de diversão e circos se instalam nos municípios, shows musicais proporcionados pelo poder público são mais frequentes, e a dinâmica social nestas localidades muda completamente, aumentando consideravelmente o número de vagas de emprego devido ao expressivo número de turistas circulando.

Em meio a este turbilhão de verão, os estudantes da região e suas famílias também são atingidos, e as oportunidades aumentam tanto para aqueles que precisam dedicar-se ao trabalho em quiosques à beira-mar, à venda como ambulantes na praia ou como funcionários dos comércios locais, quanto para aqueles que desfrutam de momentos de lazer à beira mar durante as férias de verão escolares.

E é neste momento que a orla e o mar aparecem como opção de lazer nas vidas tanto dos veranistas quanto dos moradores locais da região litorânea, e facilmente observa-se um aumento nos jogos de vôlei, futebol ou frescobol à beira mar, dentro deste aumento do contato dos estudantes com a praia e o mar, também é possível observar um aumento expressivo no número de pessoas com os mais variados tipos de pranchas para deslizar sobre as ondas.

O aumento do número de frequentadores nas praias durante o veraneio é fator fundamental para o aumento do número de surfistas e também de aprendizes da prática, que ocorre tanto por meio de escolas especializadas, projetos sociais ou com amigos, parentes, etc. Com maior presença da mídia na região neste período, é neste momento em que a prática é contemplada com matérias nos meios de comunicação estaduais, seja em telejornais ou em jornais impressos conforme apresentado neste texto.

Em 2014, a página G1 do site globo.com exibiu matéria⁸ com relatos de surfistas considerados ‘pioneiros’ do surfe no estado, que relatam os primeiros aparecimentos da prática no litoral por volta do final na década de 1960, com pranchas de madeira.

Também há matéria mais recente de Gaúcha ZH⁹ por meio eletrônico, destacam os ‘principais picos de surfe’ do litoral, demonstrando que as encostas de morro e as plataformas de pesca são os ‘lugares preferidos’ pelos surfistas para a

⁸ Disponível em:

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/ha-65-anos-surfe-ganhava-seus-primeiros-praticantes-no-rs.html>

⁹ Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2020/02/os-melhores-picos-de-surfe-no-litoral-norte>.

prática do surfe no litoral norte, além das matérias do Correio do Povo ¹⁰ envolvendo as escolas e instrutores de surfe do estado.

Utilizo estas matérias jornalísticas com o propósito de ilustrar a presença do Surfe como uma prática frequente no litoral do estado, a qual, muitos de nossos estudantes podem ter interesse em conhecer e experimentar.

É importante também, salientar que o surfe acontece no Litoral Norte durante o ano inteiro, sendo inclusive o Outono a estação que proporciona as melhores condições tanto de ondulação quanto de vento para os surfistas gaúchos, quando as frentes frias começam a ser mais frequentes, trazendo ventos da fronteira para o Oceano, esses ventos chamados de “Terral” vêm de direções variadas do quadrante Oeste no Rio Grande do Sul, entrando de frente para as ondas deixam sua face mais lisa e oca, proporcionando uma onda melhor para os surfistas.

Aliados às constantes correntes marítimas que vêm do sul, e que naturalmente têm mais força e tamanho do que as de Norte, Nordeste ou Leste, essa combinação proporciona os melhores momentos do ano para o surf gaúcho, movimentando campeonatos oficiais de entidades esportivas, atletas, fotógrafos entre outros como fabricantes locais de pranchas, conhecidos como *shapers* e lojas locais de venda de equipamentos e vestuário do segmento.

Podemos observar desta forma, que o surfe é uma das práticas corporais de aventura específica de localidades litorâneas, e que ainda não possui uma literatura vasta sobre sua apresentação no litoral gaúcho. A intenção deste estudo, é, além de contribuir para a literatura na temática do surfe na localidade, traçar relações entre esta prática local e a educação física escolar da região litorânea, que é o componente curricular do currículo escolar que utiliza como objeto de estudo as práticas corporais criadas pelos seres humanos ao longo da história.

Para tanto, entendo que é fundamental buscar compreender como os professores do Litoral Norte estabelecem relação entre o surfe e as aulas de

¹⁰ São duas matérias com esta temática, disponíveis em:

<https://www.correiodopovo.com.br/verao/projeto-no-litoral-norte-forma-surfistas-e-cidad%C3%A3os-1.319953> e:

<https://www.correiodopovo.com.br/verao/aulas-de-surf-chamam-aten%C3%A7%C3%A3o-de-veranistas-em-atl%C3%A2ntida-1.548459>.

educação física escolar da região litorânea, para desta forma analisarmos os motivos de suas presença ou ausência nas escolas da região.

Contudo, entendo que não há como realizar tal tarefa sem antes conhecer um pouco mais sobre as escolas das diferentes regiões que compõem o Litoral Norte, que, como já observado anteriormente, é vasto e abrange muitos municípios que apresentam diferentes particularidades, desta forma o próximo subcapítulo reúne informações acerca dos dados educacionais da região a que me proponho pesquisar.

2.2 Panorama geral das escolas do Litoral Norte.

Segundo os dados da Secretaria Estadual de Educação através do Censo Escolar da Educação Básica (RIO GRANDE DO SUL, 2018) os 25 municípios do Litoral Norte são supervisionados pela 11^a Coordenadoria Regional de Educação que possui sua sede em Osório – RS, e juntos, totalizam 435 estabelecimentos de ensino que vão desde o ensino infantil ao médio, EJA e profissionalizantes, Deste total, 2 são federais, 101 estaduais, 256 municipais e 76 particulares.

Se considerarmos apenas as etapas do ensino básico, o Litoral Norte possui 252 escolas de Ensino Fundamental e 45 de Ensino Médio, um número considerável de escolas que engloba um total de 67.482 alunos nestas duas etapas. Existem municípios que são pertencentes à 11^a CRE, ou seja, fazem parte da região chamada Litoral Norte, mas estão distantes do mar e da praia, não possuindo assim balneários ou escolas próximas ao mar.

Neste sentido acredito ser importante salientar que são 12 os municípios do Litoral Norte que possuem faixas de praia e escolas que possam oferecer o contato direto com o oceano, são elas: Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Cidreira, Imbé, Mostardas, Osório, Palmares do Sul, Tavares, Torres, Tramandaí e Xangri-lá, juntos estes municípios possuem um total de 254 escolas, contabilizados aqui as de educação infantil, fundamental e médio. (RIO GRANDE DO SUL, 2018)

Para suportar esta temática e apresentá-la neste trabalho, no próximo capítulo apresento um estado do conhecimento referente ao Surfe na literatura acadêmica nacional e internacional mais recente, com vistas a compreendermos de que modo o

Surfe vem sendo pesquisado pela comunidade acadêmico-científica, em um primeiro momento apresento os estudos que contemplam a temática do surfe em um contexto amplo de pesquisa, que permeia diversas áreas do conhecimento e diferentes olhares sob o fenômeno do surfe no Brasil.

Porém, ao concluir esta primeira etapa ficou evidente que mesmo existindo uma pluralidade de olhares sobre a temática do surfe, ainda existe uma escassez de publicações em forma de artigo, dissertações ou teses que busquem tratar do surfe enquanto temática da educação física escolar, portanto, em um segundo momento dediquei-me a buscar por monografias ou publicações em outros periódicos que pudessem trazer maior suporte à esta investigação.

3 ESTADO DO CONHECIMENTO

O objetivo deste capítulo é trazer para este trabalho um panorama das publicações sobre surfe na bibliografia nacional mais recente. Foram reunidos aqui diferentes publicações acerca da temática do surfe, sendo provenientes de diferentes áreas e abrangendo diferentes olhares sobre o surfe, este estado do conhecimento foi construído a partir de dois movimentos distintos e que aconteceram em momentos distintos desta pesquisa.

No primeiro momento, estão resumidos os trabalhos encontrados a partir do levantamento bibliográfico realizado ainda antes da banca de qualificação deste trabalho, e, tinha como objetivo trazer informações para construção de um panorama da pesquisa sobre surfe na bibliografia nacional de modo amplo, não encontrando de forma específica trabalhos que objetivaram discutir o surfe como conteúdo do currículo de EFE.

No segundo momento, posteriormente à banca de qualificação, foi realizado então um outro movimento, que, em busca de publicações que tivessem foco maior na EFE e buscassem discutir implementações ou possibilidades teóricas de utilização do tema surfe nas aulas de EFE.

Estes trabalhos, por constituírem-se de monografias e relatos de experiência, não foram encontrados na primeira busca, que visava publicações como artigos originais, dissertações e teses. Estando ciente da existência de trabalhos que buscavam pesquisar as relações do surfe e a EFE neste outros meios, fui em busca de encontrá-los para uma melhor complementação das informações que serviriam de suporte às análises posteriormente.

3.1 A produção científica sobre surfe em contexto amplo..

Inicialmente foi realizado um levantamento acerca da produção científica sobre o surfe na comunidade acadêmica tanto nacional como internacional, realizou-se a busca de artigos, monografias, dissertações ou teses publicadas no período de 2011

– 2021, devido a este ser o período que concentra mais publicações, e, pelo fato de existirem outras revisões já analisadas acerca dos períodos anteriores a este.

Foram utilizados os descritores “surf” e “surfe” por entender que muitas pesquisas mesmo nacionais utilizam a denominação estrangeira para se referir a prática, e, ainda na tentativa de ampliar os resultados, foram utilizados os conectores “OR” e “AND” em todos os periódicos e bases acessadas.

Primeiramente foi feito o acesso no Portal de Periódicos da Capes, e nesta primeira pesquisa foram utilizados os descritores supramencionados com o uso do conector “OR”, e foram encontrados 36.535 documentos, considerando este um número muito alto de publicações e observando a multiplicidade de áreas de conhecimento das publicações, foi realizada uma segunda busca onde foram excluídas as áreas de Física, Engenharia e Medicina, o que resultou em 479 documentos. Após isto foram refinadas as áreas de publicação utilizando as ferramentas específicas do próprio site para “*Surf*”; “*Surfing*”; “*Recreation & Sports*”; também foram excluídos os documentos duplicados e assim o resultado nesta terceira busca refinada foi de 28 documentos, sendo 22 em língua inglesa, 5 em português e 1 em língua espanhola.

Sabendo da existência de alguns artigos brasileiros deste período e que não foram encontrados nesta primeira busca, realizei uma segunda busca no Portal utilizando o conector “AND” e além dos documentos já encontrados na primeira busca foi possível adicionar mais 4 artigos em língua Portuguesa, totalizando 32 documentos.

Depois de finalizar a busca no Portal Capes, foram realizadas buscas nas Revistas do CBCE deste mesmo período de tempo e foi encontrado apenas um artigo que já estava na busca do Portal Capes. Também foram realizadas buscas nas seguintes Revistas Eletrônicas: *Liceri* - UFMG (5 artigos); *Revista Motrivivência* - USFC (1 artigo); *Revista Movimento* UFRGS (2 artigos) e *Revista Pensar a Prática* - UFG (2 artigos) totalizando 10 documentos no período de 2011 – 2021 nestas Revistas.

Concluídas as buscas foram lidos os resumos de todos os 42 documentos, e foram excluídos aqueles considerados sem relação com a proposta epistemológica de pesquisa deste projeto, como artigos das áreas de Biologia, Economia, Medicina, Fisiologia e Turismo, este último representa a área com mais publicações em língua estrangeira. Após esta seleção 13 documentos foram incluídos para a leitura completa, sendo 11 em língua portuguesa e 2 em língua inglesa, os artigos estão catalogados por ano de publicação, autoria, área/local de publicação e metodologia no Apêndice A.

Três artigos de revisão analisaram a temática do surfe enquanto objeto de pesquisas científicas em diferentes espaços de tempo, o mais recente deles de autoria de Perez-Gutierrez & Cobo-Corrales (2020), desenvolveu uma análise bibliométrica da produção indexada do surfe nos sites *Web Science* e *Scopus*, e descobriram um total de 318 documentos publicados no período de 1967 até 2017. Os autores apontam para um crescimento nas publicações a partir de meados de 2005, pois até então tinham sido encontradas cerca de 5 publicações por ano, aumentando para cerca de 10 publicações ao ano na primeira década de 2000 e após esta data o crescimento das publicações indexadas aumenta significativamente chegando à marca de quase 40 publicações no anos de 2016/17.

Os números referentes à quantidade de autores, instituições e países de onde advêm as publicações também acompanham este crescimento, demonstrando que a temática do surfe vem ganhando espaço na produção científica nacional e internacional. Porém isto não é exclusividade do surfe, segundo os autores outros esportes e práticas como o futsal, handebol, taekwondo e judô também possuem publicações a partir da década de 60 e com aumento exponencial a partir do início do século 21. (PEREZ-GUTIERREZ & COBO-CORRALES, 2020, p. 8).

Diferentes abordagens foram evidenciadas no estudo, com uma forte contribuição da área médica sobre as publicações sobre surfe, seguida depois pelas “*Life Sciences*” e Sociologia. Juntas estas três áreas contribuíram para mais de 70% das publicações encontradas, esta última com diversos estudos sobre fronteiras de gênero e identidade do surfista. A área da Pedagogia também contribuiu para esta produção, mas em um número baixo em relação às outras áreas, somando 6

publicações entre 2000-2017. (PEREZ-GUTIERREZ & COBO-CORRALES, 2020 p. 8).

Também foi evidenciado que a maioria das publicações é australiana e que os autores com maior número de publicações são desta região trabalhando em colaboração nas publicações que possuem uma média de 3 autores por artigo, os autores sugerem uma possível contribuição do contexto sociocultural e a identidade do surf australiano, que é classificado como um esporte icônico nacional, e às ações do governo para a promoção e o fortalecimento do surfe como esporte no crescimento e incentivo à produção científica sobre surfe no país. (PEREZ-GUTIERREZ & COBO-CORRALES, p. 11)

O segundo artigo de revisão de Brasil, Ramos e Goda (2013) realizou busca em outras bases de dados, analisando a produção científica de surfe entre os anos de 2000 e 2011. Neste estudo os autores encontraram 150 publicações que foram analisadas e classificadas posteriormente em 5 grandes categorias: Sócio-Antropológica, Qualidade de Vida e Saúde, Desempenho esportivo, Administrativa e Pedagógica.

As publicações em periódicos do exterior são superiores às publicações nacionais, chegando a atingir 79% das publicações utilizadas no estudo, e a área de estudos que mais possui publicações é a da sócio-antropologia com 58 dos 150 trabalhos analisados, dentre suas temáticas de pesquisa estão: os espaços e prática dos surfe, a história e a popularização, os comportamentos e a subcultura surfe, os valores e a adesão à prática, e as interações na prática do surfe. (BRASIL; RAMOS; GODA; 2013, P. 874)

Outras áreas de estudo foram categorizadas como a “Qualidade de Vida e Saúde”, “Desempenho esportivo”, “Administrativa” e “Pedagógica” que buscou estudar os processos de ensino aprendizagem e os programas e currículos possíveis para o surfe. (BRASIL; RAMOS; GODA; 2013, P. 875)

O terceiro artigo de revisão encontrado nas buscas foi o de Gomes, et.al (2017), publicado pela Revista *Licere*, e mapeou a produção de conhecimento sobre surfe publicado em revistas científicas brasileiras, no período de 2000 a 2015. Os

autores catalogaram 27 artigos distribuídos em 17 periódicos nacionais. Foi constatado que a temática dos “Aspectos sociais, culturais e históricos” predominou perante as demais com 11 publicações, corroborando os achados de Brasil, Ramos e Goda (2013) vistos anteriormente.

Porém quando confrontados os artigos relacionados à área das Ciências Naturais superam aqueles ancorados em referenciais das Ciências Humanas, e segundo os autores esta predominância epistemológica é prevista, pois o número de pesquisadores nesta perspectiva é maior, e há uma “... tradição epistemológica da área da Educação Física ser mais próxima das Ciências Naturais...” (GOMES et.al, 2017, p. 296).

Os três estudos iniciais apontaram para esta predominância dos estudos acerca das áreas das Ciências Naturais, principalmente no âmbito internacional, e, observa-se um crescimento dos estudos focados em perspectivas sócio-antropológicas principalmente nos estudos nacionais a partir dos anos 2000, impulsionados por autores de diferentes áreas e em regime de colaboração em muitos casos, conforme descrito por Gomes, et.al (2017).

Ficou evidenciada a pluralidade de áreas da produção científica sobre surfe até aqui, o que segundo os autores “é salutar para uma área que quer se consolidar cientificamente”, por isso, os mesmos consideram “fundamental que as temáticas cresçam em quantidade e qualidade”. (GOMES, et.al, 2017, p. 306). Esta pluralidade encontrada pelos autores citados até aqui também foi identificada neste estado do conhecimento, onde podemos encontrar publicações de áreas como a Comunicação Social, História, Antropologia, Lazer, Pedagogia e Ciências do Movimento.

No artigo *Sobre as ondas: juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960* (2012), os autores Dias, Fortes e Melo abordam as relações entre o surgimento do surfe nos Estados Unidos como uma prática corporal e esportiva nova nos anos 1950 e frequentemente associada às ideias de contracultura e rebeldia para a sua época, e a apreensão e desenvolvimento do surfe no Brasil dos anos 1960, especificamente nas praias do Arpoador e Copacabana no Rio de Janeiro. Segundo os autores, o surfe brasileiro dos anos 1960 tem uma forte relação com a juventude

das altas classes sociais da época, que possuíam o privilégio de não precisar trabalhar e desta maneira passavam os seus dias na praia, praticando a pesca submarina, o nado e a nova prática advinda a América do Norte, o surfe.

Os autores apresentam a influência dos filmes cinematográficos sobre as representações acerca do surfe, que tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, produziram diversos filmes que abordavam a prática e toda a cultura envolvida neste novo “estilo de vida” que estava crescendo. Ora como protagonista, ora como coadjuvante nas filmagens, o surfe veio sendo representado como uma prática de lazer fortemente ligada à natureza, a um estilo de alimentação ‘natural’, ao desprendimento às obrigações da sociedade moderna e capitalista e a um modelo de jovem saudável e hedonista.

Dias, Fortes e Melo (2012) ressaltam que no cenário norte-americano dos anos 60 o surfe tornou-se uma expressão da cultura juvenil, e que também criou muitas noções contra culturais, e quando propagada pela indústria cultural, foi exportada para diversos outros países juntamente com a expansão mundial do entretenimento norte-americano. No Rio de Janeiro, nos anos 60 o surfe consolidou-se através de um processo de valorização de algumas influências norte-americanas, mas neste período ainda não havia relações fortes com as ideias de contracultura, e sim com um estilo de vida descompromissado, com a extravagância dos comportamentos e o exotismo da aparência dos surfistas.

Em artigo posterior Alves e Melo (2017) realizaram uma pesquisa histórica com o objetivo de melhor entender a relação entre a prática esportiva e o contexto sociocultural, e de compreender os sentidos e significados do esporte para os praticantes da época, neste caso os anos 1970. O estudo foi realizado através de depoimentos de surfistas cariocas publicados em livros e periódicos, na tentativa de lançar alguns olhares sobre a noção de contracultura, pois consideram que sua interpretação e suas manifestações foram múltiplas e diversas.

Segundo Alves e Melo (2017), o surfe dos anos 70 no Rio de Janeiro estava mais próximo dos ideais contraculturais que foram importados juntamente com a prática deste novo esporte do que nos anos 60, pois nesta época o país vivia um

período político extremamente ditatorial e repressor que impunha regras duras na tentativa de controlar certos comportamentos e atitudes.

Os autores indicam que os depoimentos utilizados são do período entre 1990-2000, período onde o surfe já estava consolidado como um esporte no país, e que se trata de uma produção de memória, coletiva e individual, já que os informantes interpretam o seu passado, mas estão imersos no presente, e podem balizar seus depoimentos em versões míticas de suas atuações. Ainda, para os autores isto “não invalida tais depoimentos, apenas constitui uma condição que se deve ter em conta na análise/interpretação.” (ALVES E MELO, 2017, p. 4)

As relações entre os surfistas, artistas de diversos meios, produtores e vários outros personagens da cena cultural carioca do período foram aproximadas pelos encontros para surfar e passar o dia no Píer de Ipanema, construído para a execução de uma obra de um emissário submarino de esgotos os pilares do píer melhoraram a qualidade das ondas ao seu redor, e a areia retirada do fundo, foi depositada na praia formando dunas onde todos podiam se esconder da vista do calçadão.

Uma aglomeração de jovens, que partilhavam de ideias ligadas à contracultura e de rebeldia acontecia naquele local, e todos juntos eram considerados “subversivos” ou “suspeitos”, mas segundo Alves e Melo (2017) é bem possível que os surfistas dos anos 1970 não se envolvessem tanto com as ideias contraculturais quanto assumem ter se envolvido nos anos 1990, pois nem todos se envolvem com a prática de uma mesma maneira, mas salientam que “isso não invalida a percepção de que houve algum grau de aproximação”. (ALVES E MELO, 2017. p 8)

Também nos anos 1970 o surfe carioca iniciou a realização dos grandes eventos de competição da modalidade, e, aliado a alguns festivais de música que ocorriam durante o campeonato despertou o interesse do mercado cultural que acabou por infiltrar-se e ‘surfou’ a onda jovem e descompromissada que os movimentos apresentavam, e se “antes a idéia era ‘cair fora do sistema’, a partir de determinado momento passou a ser ‘negociar com o sistema’”. (ALVES E MELO, 2017, p. 8)

Esta captação do surfe pelo mercado auxilia no seu processo de popularização para além de um estilo ou filosofia de vida, e passa dos anos 80 em diante a ser construído e encarado como um esporte organizado e que possibilita uma carreira esportiva levando uma vida de atleta profissional da modalidade.

Fortes e Melo (2013), analisaram cinco filmes brasileiros nos quais o surfe é tema central e foram lançados entre os anos de 1991 e 2006, com o intuito de compreender as novas representações da modalidade, surgidas após a década de 80 que é considerada pelos autores, a de maior crescimento do surfe no cenário esportivo. Segundo os autores, o surfe surge na filmografia brasileira pela primeira vez em um longa-metragem em *Garota de Ipanema* filme de Leon Hirszman de 1967, mas afirmam que é na transição dos anos 70 para 80 que o surfe tem maiores aparições no cinema nacional, aliado também a cerca de 8 revistas especializadas no esporte que circulavam à época o surfe começa a ter maior atenção por parte das mídias em geral.

Para Fortes e Melo (2013) a mídia constantemente oferta muitas e renovadas oportunidades de representação e comercialização dos esportes, mas seria necessário analisar filmes que dialogam tanto com os espectadores da subcultura surfe, como com o grande público que não possuía um vínculo tão direto com a prática.

Apesar de serem filmes diferentes e criados em períodos diferentes entre 1991 e 2006, Fortes e Melo (2013) perceberam uma forte ligação em comum com a imagem do surfe dos anos 70-80, apresentando um esporte da juventude, exótico, que instiga o confronto de gerações, e, além disto, as produções já surgem com maiores e significativos traços de modernização do esporte como o uso intenso de tecnologias digitais de produção e edição de imagens, os campeonatos, as marcas patrocinadoras, rádios, revistas do mercado que estava crescendo ao entorno da cultura surfe.

Para Fortes e Melo (2013) a representação do surfe nos filmes analisados busca afirmar uma imagem positiva da prática, onde as sensações, emoções e a adrenalina são protagonistas na vida do surfista, por isso certos problemas como o

localismo, pouco aparecem nas filmagens, com a exceção de apenas um do filmes, os grandes perigos apresentados são os que o encontro entre homem x natureza oferece nas práticas de aventura.

Bandeira e Rubio (2011), realizaram uma pesquisa antropológica acerca do surfe no litoral paulistano, os objetivos deste estudo foram descrever as dinâmicas do surfe e os significados da sua prática através do método etnográfico de pesquisa, acompanhando 5 estudantes que realizavam “*SurfTrips*”¹¹ aos finais de semana em busca de boas ondas para surfar no litoral.

Ao longo do estudo as autoras relatam diversos aspectos do surfe enquanto espectadoras dos pesquisados que já o praticavam, e, observando a impossibilidade de registrar alguns diálogos e interações que ocorriam dentro d’água, devido à distância do “*outside*”¹² até a areia, uma das pesquisadoras resolveu aprender a surfar durante o período da pesquisa, para que pudesse obter acesso a estes dados diretamente do local onde os surfistas esperam a chegada das ondas para surfá-las.

Bandeira e Rubio (2011) descrevem as dificuldades de inserir-se em um ambiente extremamente masculinizado, e que é permeado por regras de convivência próprias, como o respeito à preferência de entrada na onda, que é sempre daquele surfista que está mais bem posicionado perante a onda que entra. O *localismo*, que não obrigatoriamente ocorre em todas as praias, mas que se refere às relações entre os surfistas “locais” da praia em questão e aqueles que não são dali, muitas vezes chamados de *haoles*¹³, e, que por vezes pode acabar em violência dentro e/ou fora d’água.

Mesmo com estas dificuldades apresentadas durante a pesquisa e a aprendizagem da pesquisadora, o aspecto que fica evidenciado no referido artigo são as questões referentes ao gênero no surfe. Bandeira e Rubio (2011) debruçam-se sobre a evolução do surfe feminino e das dificuldades que as mulheres encontram ao persistir no aprendizado e prática do surfe (e que se agravam quando se analisa o cenário competitivo), enquanto também descrevem as técnicas

¹¹ Nome que se dá às viagens com objetivo de explorar o litoral em busca de ondas especificamente.

¹² Local posterior à última arrebentação do mar, onde o surfista se posiciona a espera da entrada das ondas.

¹³ Segundo Bandeira e Rubio (2011) nome pelo qual são chamadas as pessoas que não moram na localidade, mas a visitam para surfar.

específicas e necessárias à prática da modalidade contribuindo para uma melhor compreensão do surfe, seus espaços de prática e das diversas relações que decorrem desse encontro entre homem x natureza.

Posteriormente, Bandeira (2014) publica um artigo em língua inglesa intitulado, “*Territorial disputes, identity conflicts and violence in surfing*”, onde teve como objetivo fornecer uma análise descritiva detalhada de um caso de localismo ocorrido durante sua pesquisa etnográfica, para revelar a lógica social que permeia este fenômeno.

Bandeira (2014) apresenta resultados acerca das relações sociais e interpessoais que permeiam a vida dos surfistas paulistas investigados em seu estudo, segundo a autora, há uma forte ligação entre os amigos que se reúnem para realizar as viagens de final de semana, muitos se nomeiam como “irmãos” mesmo sem ter qualquer ligação de parentesco, sendo apenas unidos pelo objetivo de surfar no litoral, já que a cidade de São Paulo fica afastada do oceano e exige um longo deslocamento para poder praticar o surfe, logo, manter boas relações e trocas com estes amigos é importante para conseguir surfar com mais frequência e assim manter seu nível técnico e físico.

Outras relações também são observadas através da etnografia realizada por Bandeira (2014) como aquelas que ocorrem entre os moradores locais e os surfistas de fora (*haoles*), ou entre os surfistas considerados raiz “*roots*” e os “*playboys*”, observando que de modo geral os conflitos acontecem no sentido de realizar uma organização do surfe na localidade, pois a quantidade de surfistas na água afeta diretamente na qualidade da sessão de surfe de cada um.

Aliado aos diferentes níveis técnicos destes surfistas, assim, os “locais”, que são surfistas nativos ou moradores da praia em questão utilizam-se de certo poder, o qual a autora analisa através do conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu, para determinar através de atitudes violentas, de maneira simbólica ou física seu espaço e o dos outros dentro d’água, este comportamento é popularmente conhecido como localismo.

A autora ressalta em suas análises que as grandes revistas utilizam-se do argumento da globalização e esportivização como um fato inevitável para o surfe moderno, e que o acesso de surfistas de outros locais não pode ser negado a nenhuma praia que queira ir, assim contribuindo para uma visão geral acerca do localismo, representando-o como violento e repressor de forasteiros apenas. Bandeira (2014) observou que o localismo não se dá somente em relação aos momentos em que se está surfando, mas também envolve toda uma questão ambiental sobre os cuidados com a praia e a natureza local, pois “o ‘*haole*’ ou o turista é percebido como alguém que quer usar a praia temporariamente e não dar nada em troca.”, segundo seus informantes (p. 23).

A autora realiza análises embasadas nos conceitos de Pierre Bourdieu como o de “*habitus*” para explicar a multiplicidade de interpretações do fenômeno do localismo no surfe, afirma a importância do alerta do autor para uma análise que considere a diversificação social dos praticantes das modalidades estudadas, pois os mesmos possuem relações diferentes com a prática e também apresentam variados níveis de habilidade. Ainda destaca que o localismo é “altamente referencial”, pois também diz respeito às relações entre diferentes grupos sociais e étnicos e não apenas a termos geográficos como morar ou não na localidade. (BANDEIRA, 2014, p. 25)

Em artigo recente, Nepomuceno et.al (2020) também utilizam o referencial de Pierre Bourdieu para analisar o processo de esportivização do surfe, além de, tentar contribuir na identificação de algumas vias de construção de objetos de pesquisa sobre surfe através da perspectiva sociocultural, por isso, os autores consideram que o surfe pode ser apropriado de diversas maneiras pelos praticantes, pois o mesmo é, assim como outros esportes, um fenômeno social muito complexo.

Segundo Nepomuceno, et.al (2020), esta multiplicidade de apropriações se apresenta na conjuntura de diversas categorias de surfistas criadas através dos anos de evolução da prática como os profissionais, amadores, *freesurfers*, *aerialistas*, *tuberiders*, *longboarders*, clássicos ou experimentalistas, esta divisão segundo os autores têm como consequência algumas disputas de poder entre as categorias. Os autores operam com os conceitos de campo e poder simbólico do

referencial Bourdiesiano para fazer a leitura do processo de expansão e esportivização do surfe, e ressalta que há uma tensão entre os esportes de rendimento e as formas não competitivas de praticar o surfe que permeia o processo de consolidação do surfe moderno.

Os autores analisam o processo histórico de constituição do surfe enquanto um esporte moderno, que passou e passa por diversas transformações que ocorrem através das décadas e também da sua expansão mundial, todo este processo é dotado de histórias próprias e de uma especificidade na constituição dos espaços de surfe, e observam que alguns dados considerados “originais” e “essenciais” para a prática do surfe, como o lazer, o prazer e a liberdade, vêm perdendo cada vez mais espaço devido aos processos de esportivização que conduzem a uma padronização da prática, para transformá-lo em um esporte de espetáculo. (NEPOMUCENO, et.al, 2020, p.14)

A expansão e criação de um mercado ao redor do surfe é um ponto muito importante na evolução do processo de esportivização do mesmo, grandes grupos que coordenam marcas de roupas, equipamentos e acessórios, são importantes patrocinadores de atletas profissionais do esporte, além de muitas outras profissões envolvidas no processo de formação dos atletas e na criação/organização de campeonatos, locais, estaduais, nacionais e internacionais, movimentando uma grande quantia de dinheiro anualmente através do surfe de competições.

O artigo de Pereira Neto et.al (2017) investigou os motivos que levam mulheres jovens a aderirem e permanecerem praticando o surfe no estado do Ceará na região nordeste do Brasil. Os autores estruturaram um questionário que foi distribuído às participantes do estudo, cujo critérios de exclusão eram: idade acima da maioria legal de 18 anos; estar praticando surfe há mais de 6 meses; ter aprendido em uma escola de surfe; assinatura do Termo de Consentimento.

A metodologia consistiu no uso de dois questionários, o primeiro deles chama-se IMPRAF-54, que pretende avaliar a motivação para a realização de atividades físicas regulares e o segundo questionário foi desenvolvido pelos próprios

autores numa tentativa de ampliar os dados e realizar questões mais específicas acerca do surfe.

Este último meio buscou levantar informações acerca de diversos temas como os motivos que as levaram a praticar o surfe, o que as influenciou a escolher uma escolinha, as causas de sua permanência na prática, as emoções e dificuldades encontradas na modalidade, se sofreu algum preconceito, as mudanças no estilo de vida e a satisfação quanto aos serviços das escolinhas que participa/participou. (PEREIRA NETO et.al, 2017, p.123)

Os resultados apontaram para o prazer proporcionado pela atividade como o maior motivo de permanência na modalidade, seguido pelos benefícios físicos relacionados à saúde dos praticantes de atividade física regular. Já dentre os motivos que levaram as entrevistadas a iniciar o aprendizado do surfe, o contato com a natureza foi o que ficou mais evidenciado. (PEREIRA NETO et.al, 2017, p. 136)

Também foi observado que a maioria das entrevistadas já sofreu algum tipo de preconceito por praticar a modalidade, o que corrobora as informações levantadas acerca dos preconceitos de gênero por Bandeira e Rubio (2011) em seu estudo etnográfico apresentado anteriormente. Quanto às mudanças no estilo de vida, as informações apresentam um aumento na tranquilidade das entrevistadas, o que segundo Pereira Neto et.al (2017) pode estar relacionado com as interações entre ser humano e natureza proporcionadas pela prática do surfe.

Dentro do questionário específico foram realizadas perguntas acerca da relação das entrevistadas com as escolinhas de surfe que freqüentaram, e foram freqüentes as boas referências à qualidade do material, do ensino e das técnicas utilizadas pelos profissionais na prestação dos serviços. O fator segurança no aprendizado foi fundamental para que as entrevistadas buscassem o aprendizado através de uma escolinha de surfe da região, fato que evidencia a importância destas instituições e a ampliação do número de praticantes do esporte no litoral brasileiro.

Pensando na importância destas instituições e também no trabalho de treinadores que participam da formação de jovens que iniciam na modalidade, Ramos; Brasil; Goda (2013), realizaram um estudo de casos múltiplos, com 11 treinadores de surfe reconhecidos por serem formadores competentes de jovens surfistas. A pesquisa teve como objetivo “verificar a percepção de treinadores a respeito dos conhecimentos pedagógicos empregados para o ensino do *surf*” (RAMOS; BRASIL; GODA; 2013, p. 381)

Reunindo informações através de entrevistas semi-estruturadas e posteriormente utilizando-se da análise de conteúdo para buscar responder seus questionamentos iniciais, os autores observam que os treinadores consideram a experiência de ser surfista como um dos principais indicadores de conteúdo a ser mobilizado no ensino do surfe. É importante ressaltar que os 11 treinadores possuem uma média de tempo de 27 anos de prática do esporte e apenas 3 sujeitos possuem graduação na área da Educação Física, formação considerada essencial para a atuação como treinador de qualquer esporte. (RAMOS, BRASIL, GODA, 2013, p. 392)

Os relatos dos treinadores também evidenciam a necessidade de um conhecimento acerca do mar, pois a imprevisibilidade e a instabilidade proporcionadas pelas variações de condição do local são fundamentais para uma aula de surfe segundo os mesmos, e o conhecimento dos equipamentos necessários também está presente entre os conteúdos citados.

Os mesmos autores aliados a outros, publicaram o artigo “Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados da prática pessoal e profissional” Ramos et al., (2014), e identificaram através de um roteiro de entrevista semi-estruturada e posterior análise de conteúdo das transcrições das entrevistas que a maioria dos treinadores obteve seus primeiros contatos com o surfe através de atividades de lazer durante o verão, e um segundo ponto de contato com o surfe foi a participação como espectador de campeonatos de surfe.

Os motivos para permanecer praticando o surfe foram variados, bem estar, liberdade, paciência, prazer, entre outros, porém, destacaram-se entre estes o

contato com a natureza e o sentimento de renovação, significado pelos entrevistados como “sentimento de viver todo dia, todo momento redescobrimo algo dentro d’água”. (Ramos et al., 2014, p. 820).

Para a inserção na prática profissional como treinador de surfe, foi observado que os participantes tiveram suas primeiras experiências na profissão através das redes de relacionamento que construíram na comunidade surfista da sua localidade, o que proporcionou situações e episódios de convívio sociocultural, entre os outrora praticantes e, amigos, parentes ou conhecidos que já atuavam como treinadores de surfe. Os autores também apresentam estudos que indicam que a prática pessoal de um esporte durante um longo período de tempo é um dos fatores fundamentais para exercer a profissão de treinador em diversos esportes. (RAMOS, et al., 2014)

Ramos et al., (2014, p.828), concluem observando que as experiências pessoais são fundamentais para as decisões e objetivos de ensino dos treinadores pesquisados, que utilizam-se da valores mais individuais e pessoais do que coletivos para o ensino do surfe, isto significa que a maioria deles tem como objetivo que seu aluno(a) possa vivenciar momentos que se assemelham àqueles que ele próprio vivenciou no início de sua trajetória no esporte. Também sugerem que a utilização do conceito de comunidades de prática para a realização de análises socioculturais no mundo do surfe, o resumo do conceito para os autores é:

“(Comunidades de prática)...nas quais pessoas se unem para compartilhar um interesse ou paixão por algo, interagindo regularmente para aprender mais a respeito deste domínio de interesse. Segundo o autor, para se constituir em uma comunidade de prática, são necessários: um “domínio de interesse” compartilhado pelos seus membros, (neste caso, o surfe é o domínio); a segunda característica é a própria comunidade (neste caso os surfistas, principalmente); a terceira é a própria prática”.(RAMOS, et.al, P. 825)

Para os autores, o conceito de comunidades de prática “surge como um conceito útil para se interpretar como ocorrem as aprendizagens no esporte, enquanto um processo de participação e engajamento social”, apresentando um

possível caminho de investigação do mundo do surfe e sua cultura. (RAMOS, et.al, 2014)

Finalizando, o último artigo a ser descrito por este levantamento é o publicado por Brasil et al., (2015), nesta pesquisa os autores buscaram analisar as ações pedagógicas necessárias para o ensino do surf, conforme o entendimento de 5 treinadores experientes entrevistados pelos pesquisadores, foi realizado o procedimento de estudos de casos como método de investigação e análise das informações disponibilizadas.

Foram contemplados nas entrevistas quatro grandes tópicos acerca das ações pedagógicas dos treinadores de surfe, são elas: ações de planejamento e intervenção, ações durante e após a intervenção, e ações para a avaliação da aprendizagem dos alunos.

Segundo Brasil et al., (2015) as ações de planejamento para o ensino do surfe, possuem uma peculiaridade que vai além das ações comuns entre outros esportes como objetivos, conteúdos e estratégias a utilizar, segundo as informações, as ações relacionadas ao ambiente de prática do surfe (mar) são importantíssimas para o bom rendimento das aulas, pois este ambiente é instável e altera-se dentre espaços de tempo do próprio dia de aulas, o que pode acarretar em mudanças nas estratégias dos profissionais ou até mesmo na suspensão das atividades em casos de risco alto para os alunos.

As ações pedagógicas exercidas durante a prática são aquelas relacionadas à interação entre o professor, aluno e o ambiente, que segundo as entrevistas deve ser conduzida de forma que proporcione uma relação de “felicidade” (BRASIL et al., 2015, p. 409), mas também de respeito mútuo para que as atividades sejam executadas de maneira segura, divertida e eficiente quanto aos objetivos.

E as ações pedagógicas executadas após a prática são referentes à manutenção dos equipamentos, à avaliação e apontamento das evoluções individuais dos alunos e a reflexão acerca das estratégias mobilizadas durante a referida aula, o que pode ocorrer através da observação, do diálogo com os alunos ou através das análises de imagens e vídeos quando houver a disponibilidade.

Apesar desta multiplicidade de fatores que devem ser considerados pelos treinadores de surfe para a aplicação das aulas ou de um programa de ensino de surfe, os autores destacam que os aspectos relacionados à individualidade dos praticantes e à instabilidade do ambiente (mar) de prática, fazem parte de um conjunto particular de restrições a serem consideradas pelo profissional, e que este dinamismo da natureza “exige do treinador uma elevada capacidade de reconhecer a singularidade das novas situações de ensino e aprendizagem, com as quais ele se defronta no cotidiano de aula”, demonstrando assim uma maior complexidade na tarefa dos treinadores de surfe e de atividades na natureza quando comparados a treinadores de esportes convencionais (BRASIL, et.al, 2015, p. 2016)

Conforme observado, os estudos catalogados por este capítulo apresentam uma vasta gama de possibilidades metodológicas e epistemológicas de abordar o surfe como objeto de pesquisa, além dos milhares de estudos excluídos anteriormente relacionados às áreas de Medicina, Medicina esportiva, Turismo, Biologia Marinha, entre outros que demonstram a complexidade do fenômeno social que o surfe se constituiu ao longo dos anos.

Os 13 estudos apresentados neste estado do conhecimento observaram o surfe através de diferentes vieses, passando por áreas como a sócio-antropologia, história, comunicação e as ciências do movimento humano, ligadas diretamente à área de educação física. Os estudos de caráter sócio-antropológicos buscaram obter informações acerca das relações sociais e culturais que a prática ou a vivência aproximada do mundo do surfe pode nos oferecer.

Percepções diferentes sobre o próprio corpo, a natureza ou sobre as relações entre surfistas de diferentes gêneros e localidades, foram alguns dos aspectos observados por estes estudos, além das percepções acerca do desenvolvimento histórico e esportivo do surfe, e, as formas como era/é representado nos cinemas, nas memórias ou no imaginário popular das diferentes épocas as quais foram estudadas.

Os artigos de revisão demonstraram que as áreas da saúde e do turismo são as que mais contribuem para a produção acerca do surfe, principalmente na

produção internacional, que é liderada pelos pesquisadores australianos. Mas que, a partir dos anos 2000, as produções ligadas às áreas da Sociologia e Antropologia aumentaram consideravelmente, principalmente quando nos referimos à produção nacional. Mesmo assim, observa-se um número baixo de autores, que contribuem com um número alto de produções, muitos deles em regime de colaboração, e seus nomes aparecem em diversos trabalhos contemplados aqui.

Os dois artigos catalogados como pertencentes à temática da pedagogia do esporte são diretamente relacionados ao ensino de surfe em escolinhas especializadas no ensino do esporte, observam as percepções dos treinadores sobre os conhecimentos e ações pedagógicas necessárias para o ensino do surfe e suas trajetórias de vida até formarem-se como treinadores de surfe.

Conteúdos importantes relacionados a diversas áreas de conhecimento foram observados pelos pesquisadores, mas é interessante notar, que nenhum dos estudos aborda o surfe como um conteúdo do componente curricular de educação física escolar, o que me faz questionar se esta prática corporal/esporte é abordada dentro deste ambiente.

Por isso, reflito em um segundo momento deste estado da arte sobre algumas monografias e trabalhos publicados em outros periódicos que foram buscados a partir de um cruzamento entre a temática do surfe e da educação física escolar de forma mais específica, afinal, este trabalho se propõe a refletir sobre esta relação na região da qual escrevo, onde a prática do surfe integra a cultura corporal de movimento, podendo o mesmo ser um dos fenômenos abordados pela educação física escolar.

3.2 A produção científica sobre surfe com foco na Educação Física Escolar.

Nesta segunda busca a intenção foi a de encontrar na literatura nacional da área de Educação Física, artigos, monografias, relatos de experiência dissertações e teses, que abordam o surfe como temática de pesquisa, porém desta vez com ênfase nas publicações que estabeleçam relação entre o Surfe e a Educação Física Escolar.

A pesquisa utilizou os descritores Surf, Surfe, Educação Física Escolar, Pedagogia, e Educação, no Portal Capes, Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, os termos foram combinados entre si de diversos modos, como Surf AND Educação Física Escolar, ou Surfe AND Pedagogia, também Surfe OR Surf AND Educação, sempre com busca aberta para os termos em qualquer parte dos textos.

As buscas nos Portal Capes, Lilacs e Scielo resultaram em 4 trabalhos, e no site do Google Acadêmico que inclusive, foi o que mais contribuiu para a busca aqui realizada incluiu mais 21 publicações variadas em formato, chegando a um total de 25 publicações que foram lidas por completo.

A partir da leitura foram excluídas 14 publicações, sendo 6 monografias e 5 relatos de experiência, que discutem o surfe e suas relações com a educação física escolar de diferentes perspectivas, as quais poderemos refletir a seguir.

Rolim (2010) inicia sua monografia discutindo sobre a formação inicial da Educação Física, que, ao longo dos anos, dividiu-se em duas subáreas de formação, sendo elas o Bacharelado e a Licenciatura.

Neste trabalho o autor apresenta uma breve contextualização das principais linhas de entendimento sobre o surgimento do surfe, e também discute de forma breve o início da prática no Brasil, na cidade de Santos, estado de São Paulo.

Também categoriza o surfe como um esporte de aventura, e traça relações entre a prática e o meio ambiente, a saúde dos praticantes chegando até a discussão a que se propôs, sobre os aspectos pedagógicos do surfe.

Segundo o autor:

A inserção do surfe como conteúdo em aulas de Educação Física escolar começou na Austrália, em meados da década de 80, como forma de motivar e evitar a evasão escolar de escolas públicas (NETO, 2005). No Brasil, encontram-se algumas iniciativas que acontecem em escolas particulares, principalmente no Rio de Janeiro/RJ; e, em escolas públicas, como Ubatuba/SP, onde desde 1997, o surfe foi incluído no currículo de Educação Física das escolas. (ROLIM, 2010, p. 27)

E mais à frente:

No entanto, o surfe dentro do ambiente escolar tem constituído um processo demorado e desvinculado às teorias didático-pedagógicas da educação. De acordo com MARTINS (2008), mais especificamente nas aulas de Educação Física, os conteúdos devem condizer com a realidade da cultura corporal

presente naquela comunidade ou localidade, já que as especificidades dos indivíduos diferenciam-se de acordo com as características ambientais em que estes se constituíram. Portanto, o surfe acaba por constituir um ótimo conteúdo para se trabalhar nas aulas de Educação Física em escolas de cidades litorâneas, por ser o mar uma realidade presente no dia-a-dia do indivíduo residente em proximidades de praias. (ROLIM, 2010, p. 41).

A partir de suas constatações primeiras, o autor então resolve investigar como o surfe é apresentado nos cursos de formação inicial em Educação Física na sua região, pois o mesmo compreende que há forte relação entre os conteúdos ofertados na formação inicial do professor de EF e as práticas que o mesmo irá ter mais familiaridade no momento de atuar profissionalmente, e assim, depois de mapear 75 instituições de Ensino Superior em cidades litorâneas, apenas 8 foram incluídas na pesquisa, isto devido ao fato de que eram as únicas a ofertar algum tipo de contato com o surfe na Universidade.

Encontrou poucas ementas disponíveis para leitura e as que possuíam muitas tocavam de maneira pouco profunda, incluindo o surfe numa seara com diversas outras modalidades.

A Universidade Veiga de Almeida de Cabo Frio foi a única a oferecer uma disciplina de esportes de praia, com foco nas atividades que ocorrem na localidade onde está inserida, e na Universidade Santa Cecília existia a disciplina específica de Surfe, e que esta aborda de maneira mais ampla as possibilidades de atuação dos professores de educação física com a prática do surfe.

O conteúdo programático é dividido em 19 unidades, distribuídos em 2 semestres, apresentando tópicos de estudo que contemplam a história do surfe na localidade e no mundo, jogos e brincadeiras para o ensino da prática, aspectos de segurança do surfe em piscina e também no mar, aspectos do treinamento específico para surfe, conhecimento sobre manobras e evolução técnica do esporte e dos equipamentos, previsão climatológica e de ondas, além de práticas de ensino para crianças, adultos e idosos, e segundo o autor, esta proposta pode ser uma referência para se trabalhar com surfe na Universidade e na formação de professores de Educação Física. (ROLIM, 2010)

Já Goulart (2016) escreve sobre o surfe como conteúdo específico da Educação Física Escolar, e justifica a inserção da prática na escola a partir de

argumentos polêmicos como a "falta de criatividade" e a "acomodação do professor" em buscar novos conteúdos que possam motivar seus alunos.

Ressaltou a importância do surfe no contexto do lazer, e aborda o tema por diversas faces, contextualizando os "esportes radicais", "a relação da natureza com os esportes de aventura", a "História do surfe", relacionou "lazer e educação" e por último propõe maneiras de aplicar o surfe nas aulas de EFE principalmente no ensino fundamental Anos Finais.

O autor apresenta também uma ideia de produção de prancha de PET, onde pretende aliar o surfe com os princípios de educação ambiental, reciclando lixo reutilizável em forma de prancha para o ensino de surfe.

Este como outros trabalhos contextualizam o surfe como um esporte "radical" ou "de aventura", e que segundo o autor promovem contatos direto com a natureza, que podem auxiliar no extravasamento de emoções, através da aventura e da adrenalina descarregada durante a prática. (GOULART, 2016)

O autor também reflete sobre os impactos da modalidade na natureza, usando como exemplo os excessos de material descartados na construção da prancha, que, afinal, é o equipamento mais importante para a realização da prática, e que utiliza em sua construção muitos materiais não-degradáveis como a resina de poliéster e o isopor, por exemplo, porém, por outro lado o autor cita que em eventos de surfe, é comum que se realizem ações de conscientização nas praias, durante os dias de campeonato, como reciclagem de materiais, ações de limpeza da orla onde ocorre o evento. (GOULART, 2016)

Para pensar uma inclusão do surfe na escola, o autor considera o componente curricular da EFE como o responsável por levar os educandos a uma ampliação dos seus conhecimentos acerca da cultura corporal de movimento, e é nela que o surfe deve estar incluído, principalmente devido ao seu crescimento junto às grandes mídias recentemente.

Porém o autor não avança muito além deste limite para refletir por exemplo, o quanto as mídias televisivas ainda tem influência sobre os educandos da atualidade, que têm mais opções de entretenimento virtual do que apenas a televisão e os programas por ela transmitidos, não sendo necessariamente influenciados somente por programas de esporte ou de aventura de canais abertos ou fechados.

Já o estudo de Chagas (2017), apresenta o surfe como possibilidade de ensino na Educação Física Escolar baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o autor justifica seu estudo a partir da compreensão de que o surfe é um esporte muito praticado em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina e local de onde escreve.

A partir de sua problemática de pesquisa o autor aborda o surfe de diferentes perspectivas, mas é o desejo de transformação que o instiga a estudar as maneiras de inserir o surfe nas aulas de educação física da localidade especificamente.

Já na introdução defendendo sua posição do seguinte modo:

“Sendo assim, apontamos o surfe como um conhecimento que pode ser tratado no contexto escolar como uma prática pedagógica inovadora, haja vista que explora possibilidades para além dos muros da escola, especialmente ao nos referimos às escolas localizadas no litoral, em que aproximamos o conhecimento supracitado à realidade concreta e social em que o aluno está inserido.” (CHAGAS, p. 9, 2017)

O autor também identificou uma carência de publicações nacionais que discutam o trato pedagógico do surfe em ambiente escolar, utilizando este espaço como oportunidade para construir seu trabalho de conclusão de curso.

Em seu estudo, também inicia apresentando uma regressão histórica aos polinésios e as influências européias na divulgação do surfe para o mundo, contextualiza a prática dentro dos esportes de aventura e apresenta diversos trabalhos que expõem os possíveis benefícios da prática do surfe.

Ao refletir sobre o ensino do surfe na EFE, o autor defende a diversificação das vivências nas aulas, para além dos “esportes tradicionais”, entendendo que ela pode possibilitar múltiplos caminhos para uma maior identificação dos educandos com os conteúdos apresentados, além de compreender que:

[...] o surfe na esfera escolar seria uma forma de beneficiar o aluno com uma atividade voltada para o meio ambiente, que permitisse ao aluno ultrapassar seus limites, e se confrontar com situações que ele mesmo possa enfrentar durante sua trajetória de vida. (CHAGAS, P. 32, 2017)

Outro argumento no qual se apoia para a concretização de suas ideias, é a importância de se trabalhar com práticas comuns à realidade dos educandos das escolas litorâneas, segundo o autor, ao respeitar a realidade da comunidade onde a

escola está inserida, o surfe enquanto conteúdo escolar, pode ser um importante mecanismo de desempenho para o processo reflexivo de aprendizagem, além de apresentar uma grande quantidade de movimentos em seu repertório, há muitas outras oportunidades de aprendizagem que esta prática pode proporcionar, em relação direta com a comunidade local. (CHAGAS, p.32 2017)

O autor realiza um levantamento das escolas próximas ao mar na região, e separa aquelas que possuem uma localização que permita um deslocamento a pé até uma praia com condições de surfe, que poderia ser utilizada por professores nas aulas. Também apresenta uma proposta de ensino de surfe que perpassa todos os ciclos do ensino fundamental, sugerindo atividades que contemplam os 3 aspectos do conteúdo: conceitual, procedimental e atitudinal, baseado em Zabala (1998).

Porém, mesmo compreendendo o surfe como uma manifestação da cultura local da região, é, ao questionar sua ausência nas aulas de educação física que o autor reflete sobre alguns problemas comuns ao se pensar no trabalho com surfe no componente curricular, como por exemplo, sair da escola.

Segundo autor, ao mesmo tempo que o ensino de surfe nas aulas de EFE pode ser visto como uma inovação, que rompe com ciclos tradicionais de ensino de esportes coletivos ao longo do ano, estas propostas podem aparecer como um elemento que causa estranhamento e receio na comunidade escolar, como admite neste trecho:

[...]sabemos que o mar é um espaço físico que proporciona alguns perigos, e não seria nada fácil apenas um professor, reunir uma turma com mais de 30 alunos e se deslocarem até a praia para uma aula de surfe. (CHAGAS, P. 71-72, 2017)

O autor utiliza o conceito de “cultura do medo” (COSTA, 2015), para justificar os receios de colegas, pais e direção escolar sobre propostas em áreas externas da escola, afinal ele significa que “há uma compreensão generalizada de o espaço ‘de dentro’ é seguro, enquanto o exterior é perigoso e potencialmente arriscado.” (COSTA apud. CHAGAS, 2017).

Entendo que é necessário levar em consideração todos os aspectos envolvidos em uma proposta que envolve uma prática de aventura, afinal, ela significa envolver-se e enfrentar uma série de riscos, que mesmo sendo gerenciados e reduzidos, ainda estarão presentes durante a atividade.

O autor sugere que para “driblar” esta cultura, deve-se estabelecer parcerias com entidades de ensino de surfe, como escolas, projetos sociais ou mesmo instrutores reconhecidos na região da proposta, além de propor também que os professores construam práticas interdisciplinares, traçando relações entre os conhecimentos de diversos componentes curriculares possíveis, como geografia, história e ciências.

Outro fator considerado pelo autor é a necessidade de material para o ensino de surfe, que mesmo que possa ser adaptado, exige tipos diferentes daqueles que a educação física já possui longo contato, como bolas, redes e quadras.

O estudo de Machado (2019), também menciona o surfe como uma proposta inovadora, em confronto com uma “bagagem de conhecimentos das aulas, que em muitos casos ficaram somente nos esportes conhecidos como quarteto fantástico: futsal, voleibol, handebol e basquete.” Para o autor, o surfe pode promover uma “fuga do cotidiano” que pode ser um trunfo para aumentar a motivação dos estudantes para a participação nas aulas de educação física, pois, segundo o mesmo, há uma diminuição do interesse dos estudantes de nível médio pela educação física.

Assim como Chagas (2017) o autor também compreende que uma separação do ensino do surfe em dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais são importantes para um bom andamento da proposta, e sugere que se trabalhe os esportes na natureza em forma de pesquisa num primeiro momento, para posteriormente em um processo de escalada de complexidade, se passe para atividades adaptadas na quadra, com skates, para se chegar com maior conhecimento e segurança na experimentação em meio líquido. (MACHADO, 2019)

O autor também reflete sobre as preocupações envolvidas em atividades fora da escola, neste trecho:

Quando falamos em levar o aluno para fora da escola percebemos a preocupação da direção e dos próprios pais em tirá-los de perto dos seus olhares. Muitos pais têm um conhecimento errôneo sobre os esportes de aventura e natureza, achando que só oferecem perigos aos seus filhos, e muitas vezes não deixam os mesmos participarem. (MACHADO, P. 14, 2019)

E a partir disso, reforça a importância de estudar previamente a prática, abordando os conhecimentos necessários para a prática segura, como o histórico,

os equipamentos, precauções e segurança, mostrando que com riscos calculados e acompanhamento de profissional capacitado a prática pode ser mais prazerosa do que perigosa.

Gluszczuk (2019) também reflete a partir de Florianópolis, e realiza um trabalho voltado para as relações entre a legislação e a prática pedagógica do surfe na EFE, embasada em duas abordagens críticas conhecidas da área, a autora dialoga os documentos nacionais que normatizam a Educação Brasileira com as possibilidades de ensino do surfe em todas as etapas do ensino fundamental e médio.

Realiza uma revisão sobre a cultura de Florianópolis e sobre o grande número de surfistas e também o mercado envolvido neste setor, favorecendo a localidade em uma espécie de ciclo, que liga o surfista e o shaper (fabricante de pranchas), ao lojista, ao mar e ao meio ambiente da Ilha.

Defende a partir das abordagens críticas que apresenta, que a escola realize uma seleção de conteúdos a partir de conhecimentos que permitam que os educandos construam uma visão crítica sobre sua realidade, a partir de práticas comuns ao seu cotidiano, deste modo, permitindo que possam ser capazes de perceber, atuar e vivenciar aquilo que aprendem na escola.

Apresenta um panorama plural de conhecimentos possibilitados pela abordagem da temática do surfe nas aulas, que perpassam assuntos que vão muito além da formação de atletas, como neste trecho:

A educação através do surfe pode estar na conscientização ambiental, cooperação e socialização, promoção da saúde, melhora do aproveitamento escolar, aspectos psicológicos, motores, cognitivos, capacidade de concentração, superação de limites, contato com a natureza, experimentação de sensações, conhecimento de si, autonomia e etc. Acredita-se que por todos esses fatores e nessa perspectiva, o surfe pode contribuir para formação de pessoas mais atuantes, conscientes e responsáveis na melhora da sua qualidade de vida. (GLUSZCZUK, P. 33, 2019)

As possibilidades de diálogo e conhecimento que o surfe pode trazer para as aulas são diversas, e assim como outras práticas ainda não tão comuns às aulas de EFE têm muito a contribuir para a área, porém, não são discutidas neste trabalho, as possíveis dificuldades a serem enfrentadas pelos professores que se propuserem a tomar o caminho do ensino do surfe dentro das aulas.

Deste modo, o trabalho acaba se tornando um bom documento no auxílio da construção de uma justificativa legal que ampare os docentes da área, mas não contribui de modo mais significativo a reflexão sobre uma implementação prática destas ideias.

Borges (2021), arrisca-se um pouco mais e vai além da discussão legal sobre o uso do surfe nas aulas de EFE, neste trabalho recente o autor, baseado em documentos nacionais, apresenta os objetivos da educação física para o ensino médio, propõe atividades para esta etapa da educação baseado nas diferentes dimensões do conteúdo do surfe.

Ao autor disponibiliza em seu trabalho 5 planejamentos de aula que atravessam as dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais do conteúdo, e que são colocados como sugestão para os interessados na temática, interessante notar que este é um dos primeiros trabalhos encontrados, que se propôs a anexar propostas práticas de aulas sobre a temática, o que pode vir a auxiliar de forma mais eficaz os professores da área.

Nos planejamentos o autor apresenta diferentes possibilidades de adaptação da prática para o meio sólido, mesclando jogos e brincadeiras conhecidas como o pique-bandeira, com movimentos específicos da prática do surfe, e também há breve momento em que sugere uma prática na água, seguida de alguns passos a serem seguidos pelo docente.

No final do trabalho, nota-se uma passagem muito interessante até então não discutida:

Além disso, para o ensino do surfe importa conhecer, com certo nível de profundidade, as características do contexto da prática, assim como as características dos equipamentos e do praticante. Identificar estes elementos e suas peculiaridades permitirá ao professor, portanto, estruturar modos de ensino mais adequados e dotados, por exemplo, de uma sequência de progressão mais ajustada às necessidades de aprendizagem dos seus alunos. (BORGES, P. 28, 2021)

Esta afirmação nos apresenta uma situação até então não refletida pelos outros trabalhos, que é a necessidade de aprofundamento prévio do professor na temática a ser trabalhada com a turma, principalmente neste caso, onde há escassez de atividades na formação inicial dos docentes, conforme visto em trabalhos anteriores.

Porém, o autor não avança nesta temática, deixando uma lacuna interessante a ser discutida, que é o interesse do docente por atividades as quais já possui experiência prática, e que lhe dão maior segurança e conforto em detrimento de atividades que desconhece ou nunca sequer experienciou.

Consideramos esta uma importante oportunidade para discutir com os docentes de educação física, os modos com que conduzem seus planejamentos anuais de ensino, compreendendo como e quais conteúdos são maior prioridade em suas escolhas e que possíveis motivos os levam a escolhê-los ao invés de outros.

Os relatos de experiência aqui reunidos são cinco, e tratam de propostas concretizadas em diferentes regiões do país, e também em diferentes níveis de ensino da educação brasileira, iniciando pelo relato de autoria conjunta entre Souza, Freitas e Rigo (2010) que implementaram uma proposta de aula de surfe com crianças da Educação Infantil de uma escola pública do balneário Cassino, litoral sul do estado.

Em suas atividades o propôs a construção de pranchas de papelão, de forma artesanal em conjunto com as crianças, valorizando a experiência delas no processo, descreve as atividades com minúcia enquanto reflete suas próprias experiências com a prática, sim, detalhe importante é que o autor já é familiarizado com a prática do surfe desde sua infância,

Em um dos momentos de reflexão, o docente esclarece que a ideia de valorizar a imaginação das crianças na proposta da construção das próprias pranchas, surge de suas leituras para a disciplina de estágio supervisionado em conjunto com a falta de pranchas para as aulas, superando desta forma uma das suas principais dificuldades.

A construção das pranchas levantou questões por parte das crianças sobre o surfe, instigando sua curiosidade e percepção sobre a prática, posteriormente foram realizadas práticas simuladas no pátio da escola, envolvendo um contexto imaginário narrado pelo docente.

Pela mesma perspectiva que o relato anterior, o artigo de Port, Prazeres & Pinto (2013) mostra de forma mais completa a abordagem do surfe e das lutas em uma turma de sétimo ano de ensino fundamental de Florianópolis.

Os autores evidenciam a fundamental contribuição de suas experiências prévias para se lançarem na empreitada de lecionar o surfe e o judô no Ensino Fundamental.

Segundo os autores, o desafio principal foi introduzir a prática na escola, e mobilizar os alunos para a participação, para tanto, tentam articular as relações com o saber na sua prática pedagógica, e sob a ótica do Coletivo de Autores apresentar os conteúdos sob um ponto de vista histórico e social, e é sob a proposta crítico superadora que os autores propõe o surfe e o judô nas suas atividades, sendo que a ecologia, saúde pública, segurança, entre outros são os conteúdos transversais propostos na metodologia.

Em um momento os autores reconhecem que os espaços físicos da escola, podem não ser tão propícios à estas práticas:

Para isso, pensamos os espaços físicos e constatamos que não é adequado para nenhuma das duas práticas, principalmente no caso do Surfe, onde o simples deslocamento para a praia mostra-se uma tarefa das mais difíceis, devido aos temores da ocorrência de acidentes fora do ambiente escolar, mas também porque muitas crianças e suas famílias moram “ilhados numa ilha”, ou seja, não conhecem as praias. (PORT, PRAZERES & PINTO, P. 41, 2013.)

Os autores descrevem as aulas e os recursos didáticos utilizados, principalmente para a parte prática, que é muito característica da Educação Física, evidenciam em diversos momentos a insegurança da comunidade escolar como um todo, em realizar as aulas no mar, já que, o percebe como um ambiente muito desafiador, e que proporciona muito mais risco do que qualquer outro local dentro da escola.

Ao final, os autores relembram que a exposição dos alunos à novas situações podem ser muito desafiadoras como neste caso:

Os alunos tendem a se a[^]rmar enquanto indivíduos e sentem o peso da exposição, tornando muito difícil, do ponto de vista emocional, a realização de algumas tarefas solicitadas a eles pelos estagiários, coisas simples como, por exemplo, quando solicitados a deitar em decúbito ventral para algum exercício de subida na prancha de surfe, ou quando se faz necessário que retirem seus sapatos. (PORT, PRAZERES & PINTO, P. 41, 2013.)

Parecem ser coisas simples, entretanto, no contexto de uma turma de sétimo ano, fazem diferença, e precisamos levar isso em consideração no momento de propor novas atividades aos educandos na escola, o que pode nos auxiliar a complexidade envolvida em apresentar uma atividade ainda tão pouco conhecida no meio da EFE como possibilidade de ensino.

O relato de Araújo, Ferreira e Silva & Oliveira (2018) apresenta uma proposta realizada no litoral paulista, na cidade de Bertioga, em uma escola municipal situada a cerca de cinco quadras do mar. O professor do componente curricular de educação física, praticante de surfe da localidade, ao perceber uma diminuição gradativa dos praticantes da região, resolve então apresentar o surfe nas aulas da escola, como uma forma de motivar seus alunos à prática do surfe.

As aulas do professor envolvem atividades teóricas e práticas, iniciando com conhecimentos sobre o mar e a construção das pranchas, os momentos de prática iniciam-se pelas aulas na quadra da escola com skates que simulam os movimentos do surfe. O autor admite que a proximidade da escola com o mar favorece a exploração deste conteúdo, e também possibilita intervenções práticas diretamente na água, o que para escolas não litorâneas se torna em uma barreira ou impedimento devido ao deslocamento maior.

Porém, segundo o mesmo, a maioria das suas atividades é realizada no pátio da escola de forma simulada, o que não exclui a possibilidade por completo destas escolas também recriar uma experiência com surfe dentro das suas possibilidades materiais e geográficas.

No relato de Rivelli e Ribeiro (2019), o meio ambiente é colocado como ponto central da justificativa do trabalho com surfe nas aulas de educação física, e é em diálogo com as legislações que inseriram as práticas corporais de aventura no currículo nacional da educação física escolar, como por exemplo a BNCC (2018). Para o autor, é através destas práticas que “promovem uma interação plena e complexa entre o ser humano e o ambiente” que podemos sensibilizar os estudantes para as questões ambientais, auxiliando-os no processo de construção de uma consciência sobre a importância de sua atuação sobre o local em que vivem.

Porém, o autor ressalta que a inserção de atividades de aventura, podem não ser tão simples como podem parecer, devido à algumas resistências oferecidas

pelos alunos, devido ao risco e a insegurança que as práticas podem gerar. E, salienta que foi escolhida a prática do surfe para ser desenvolvido em aulas, por ser algo incomum, e por ter sido recentemente incluído nos Jogos Olímpicos de Tóquio, que no entendimento do autor é um evento que pode influenciar os jovens para a prática de esportes.

É importante esclarecer que a proposta apresentada no artigo foi executada em uma escola da zona leste da cidade de São Paulo, distante cerca de 90 km da praia mais próxima, e segundo a autora, “a prática adaptada do Surf no ambiente escolar que tem a ausência do meio líquido tornou-se num obstáculo para o êxito das nossas aulas.” Rivelli e Ribeiro (p. 29, 2019)

Os autores indicam que foi necessário a construção de recursos didáticos, e do uso de muitos materiais não comuns à prática dos esportes coletivos, o que felizmente a escola possui e foi aproveitado pelos docentes, sabemos que esta não é a realidade de boa parte das escolas, que por muitas vezes não possui estrutura ou material básico, mas neste caso os docentes utilizaram do que possuíam e adaptaram outras coisas, deixando clara no estudo a importância do planejamento pedagógico prévio para a atividade.

O último e mais recente relato encontrado nesta pesquisa, foi o de Avila et.al (2020), que descreve uma proposta de atividades em aulas de educação física com turmas de 6º e 7º anos, realizada pelo grupo de Programa de Iniciação à Docência - PIBID, e contou com 10 alunos de graduação em educação física, uma coordenadora representante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, e um supervisor, professor titular das turmas na escola parceira do projeto.

Nesta ação foram escolhidas três modalidades de Aventura: o skate, o surfe e o *parkour*, e os autores explicitam que “a busca pelas atividades levou em consideração, especialmente, a realidade dos alunos e as condições físicas e materiais da escola.” Avila et.al (2020)

E no caso do surfe especificamente:

Posteriormente, a primeira modalidade ensinada foi o surfe. A escolha dessa modalidade levou em consideração a localização geográfica da cidade em que a escola está localizada. Essa se localiza em um município litorâneo em que a prática do surfe é frequente nos meses de verão e outono, com a presença de escolas de surfe para crianças e adolescentes. (ÁVILA. et.al, 2020)

Os autores ainda explicam que para a realização das 6 aulas planejadas para o tema surfe, foram necessárias diversas estratégias de ensino, desde pesquisas históricas, construção de materiais alternativos para a prática, empréstimo de pranchas por parte de integrantes do projeto que já surfavam, e ainda, uma palestra com um instrutor de surfe local. Não foi possível a execução de uma aula prática no mar devido à falta de recursos para o transporte dos alunos e materiais até a praia mais próxima, mesmo não sendo tão distante.

Nas análises posteriores às atividades, os resultados apontaram para alguns fatores que contribuíram para o sucesso do projeto como, a receptividade dos alunos para com a proposta, que segundo os autores foi melhor do que o esperado, conforme podemos observar neste trecho citado por um dos professores: “Acredito que as facilidades vieram da vivência que muitos alunos já possuíam fora da escola com o skate e o surfe, além do fato de termos na cidade uma prática bem acentuada” (ÁVILA, et.al p. 6, 2020)

A apropriação teórica prévia dos professores acerca dos conteúdos propostos também foi ponto importante para o sucesso das atividades, uma vez que não são conteúdos considerados tradicionais nas aulas de educação física, eles exigirão um aprofundamento maior por parte dos docentes, além, do professor também ter que desenvolver um planejamento prévio conforme suas possibilidades materiais na escola. (ÁVILA, et.al, 2020)

Os alunos de PIBID que tiveram a oportunidade de lecionar estas atividades consideradas não comuns à educação física escolar, descreveram a experiência como um fator muito importante de suas formações, que em muitos casos permitiu um primeiro contato com estas práticas tanto para si, quanto para os alunos das turmas que lecionam.

Alguns relatam que após esta atividade, sentem-se mais seguros para quando forem atuar nas escolas, abordarem estes conteúdos com mais segurança e tranquilidade, pois já tiveram essa vivência prévia ainda na graduação. (ÁVILA, et.al, 2020)

Neste segundo momento deste estado da arte, pudemos conhecer e analisar algumas publicações recentes advindas de diferentes locais do país, e, embora haja uma concentração de publicações nas região de Florianópolis - SC, proveniente das

Universidades Federal e Estadual da localidade, observa-se uma pluralidade de olhares sobre o surfe enquanto conteúdo nas aulas de EFE.

Mas, dentro desta pluralidade, há certas convergências que acreditamos serem importantes de pontuar para a reflexão neste trabalho, como por exemplo, boa parte dos estudos justifica a inserção do surfe como um conteúdo das aulas de EFE a partir do diálogo com o meio ambiente e com a oportunidade de refletir sobre suas ações e os impactos desta na sua localidade, sendo assim para os autores o surfe, por ser uma prática executada em contato direto com o mar, é uma atividade considerada facilitadora da inclusão deste diálogo nas aulas.

Também há, por parte de alguns trabalhos a menção à uma “renovação”, “inovação” das aulas de EFE, ligado a um discurso comum de um certo tipo de rompimento com práticas consideradas tradicionais pelos autores dentro das aulas de educação física, sendo elas principalmente, os esportes coletivos. Para que este rompimento seja realizado, é necessário primeiramente vontade dos docentes das localidades litorâneas em trabalhar com estes assuntos.

Alguns autores justificam inserção do surfe nas aulas a partir de novas legislações, principalmente a BNCC (2018) que introduziu as PCA's na grade curricular da EFE, ampliando o horizonte de possibilidades para os docentes do componente curricular trabalharem com estas atividades em suas aulas. Mas, é de se questionar se apenas um documento normativo bastaria para que docentes que até então não são habituados a trabalhar com estes conteúdos, mudem suas concepções e iniciem esta “renovação” das aulas de EFE.

Uma coisa importante a se considerar, e que não se fez presente em nenhum dos trabalhos acima referidos, é a busca por compreender como os docentes de EFE entendem estas possibilidades de inclusão do surfe em suas aulas, não há trabalho que tenha se voltado a compreender porque ainda as práticas de aventura, e neste caso específico, o surfe, não são conteúdos comuns às aulas de EFE.

Neste trabalho, a partir do diálogo com os docentes da região do litoral norte do Rio Grande do Sul, buscamos compreender de que forma os docentes desta região percebem a prática corporal do surfe em suas localidades e como possibilidade de conteúdo a ser trabalhado em suas aulas.

Entendemos que a Educação é um caminho de mão dupla, onde o encontro entre docente, discente e os conhecimentos de ambos é o ponto de partida para a jornada educacional à qual se lançam, e, nestes conhecimentos, que não provém somente dos livros didáticos ou da sabedoria docente.

Há muito espaço na EFE e entendo que deve haver prioridade para aqueles conhecimentos próximos à realidade vivida pelos educando, deste modo atingindo-o não somente nos momentos de aula, mas também em seus momentos fora do ambiente escolar, onde a partir da visualização das práticas corporais da sua localidade, o aluno possa reencontrar-se com o conteúdo, fazendo conexões entre suas aulas na escola e sua realidade.

Aqui, discute-se o surfe como um elemento da cultura corporal do litoral, e que, como veremos, apresenta-se de modo plural a partir das percepções dos docentes da região, que fazem a sua leitura a seus modos e possibilidades de ensino em cada localidade.

Este “segundo” estado da arte, serviu para uma renovação em minhas próprias concepções sobre o surfe como possibilidade nas aulas de Educação Física Escolar, em um primeiro momento para encorajar os caminhos desta pesquisa, que até então, parecia solitária e exaustiva, mas que foi reorganizada a partir das informações levantados nesta segunda busca.

O próximo capítulo apresenta de forma breve como a BNCC (2018) sugere que as práticas de aventura sejam apresentadas na EFE, e também discute a partir de alguns trabalhos a inserção destas atividades dentro das aulas de EFE a partir de autores importantes que se voltam a pesquisar esta temática com maior profundidade.

4 A BASE NACIONAL COMUM E AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EFE.

A BNCC (BRASIL, 2018) foi formulada em um período de cerca de 4 anos de discussão entre educadores do Brasil dos componentes curriculares da educação básica nacional, e este documento define um modelo que pressupõe um único currículo base para todo o País. Embora exista muita discussão em aberto tanto sobre a produção quanto à sua implementação, assim o documento é descrito em suas primeiras linhas:

“A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica...” (BRASIL, 2018, P. 7)

A BNCC (2018) normatiza o currículo base para todos os sistemas educacionais do país e tem como objetivo “concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.” (BRASIL, 2018, P.8)

A Educação Física é contribuinte deste processo de desenvolvimento de competências e desde a primeira versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 1996 é “componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, Art.25, §3, 1996), portanto está presente na vida escolar dos brasileiros desde os anos iniciais (1º ao 5º anos) do ensino fundamental, perpassando os anos finais (6º à 9º anos) até o Ensino Médio.

Na BNCC (2018) a educação física está inserida na área das Linguagens e suas Tecnologias, que conforme o documento “têm se comprometido com uma formação voltada a possibilitar uma formação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (BRASIL, 2018, P. 481)

Especificamente na área de linguagens a educação física “possibilita aos estudantes explorar o movimento e a gestualidade em práticas corporais de diferentes grupos culturais...” e no âmbito do ensino fundamental “procurou garantir aos estudantes oportunidades de compreensão, apreciação, e produção de brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura.” (BRASIL, 2018, P. 483)

O documento descreve através de códigos, as habilidades a serem desenvolvidas através das atividades na escola, estas estão estruturadas dentro de diferentes Unidades Temáticas para ano da trajetória discente na Educação Básica.

No caso do surfe, é possível observar sua aproximação com a Unidade Temática das Práticas Corporais de Aventura, que segundo o documento:

“exploram expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pela imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador” BRASIL (2018, P. 218)

Esta unidade temática ainda é subdividida em duas categorias, que são as “Práticas corporais de aventura na natureza” e “Práticas corporais de aventura urbana”, às primeiras ligadas à prática em ambientes naturais que proporcionam incertezas e requer gerenciamento de risco controlado, já as práticas de aventura urbana, estão ligadas às atividades realizadas dentro das cidades, utilizando-se da “paisagem de cimento” para as práticas corporais. (BRASIL, 2018, p. 289)

Ainda que as práticas corporais de aventura na natureza estejam inscritas como conteúdo apenas no quarto ciclo do ensino fundamental, ou seja, para as turmas de 8º e 9º anos, é importante ressaltar que a BNCC permite que todas as práticas corporais sejam objeto de ensino através de trabalho pedagógico, desde que sejam observados os critérios de progressão do conhecimento, “tais como os elementos específicos das diferentes práticas corporais, as características dos sujeitos e os contextos de atuação, sinalizando tendências de organização dos conhecimentos.” BRASIL (2018, P. 290)

Importante também ressaltar que o documento faz clara referência à importâncias dos estudantes brasileiros terem oportunidade de acesso à práticas corporais realizadas em meio líquido, “dado o seu inegável valor para a segurança pessoal e seu potencial de fruição durante o lazer” e, mesmo se tratando neste trecho mais sobre uma ambientação e fruição do meio líquido no sentido de aprender a controlar emoções e instintos próprios do ser humano (como prender a respiração ao submergir) não exclui-se a possibilidade de proporcionar de forma prática a vivência da prática corporal de surfe nos encontros de EFE. (BRASIL 2018, P. 290)

Outro ponto relevante do texto faz referência a uma reconstrução das práticas corporais para o ambiente da escola, de maneira que podem ser modificadas para adaptarem-se ao espaço físico destas instituições, que podem possuir diversas limitações quando falamos de atividades aquáticas especificamente. Neste sentido, o surfe pode ser adaptado ao ambiente escolar, mesmo que para isso, sua prática precise ser simulada no ambiente “sólido”, utilizando skates ou simuladores de surfe adaptados.

Mesmo esta modificação da prática permite algum nível de fruição por parte dos alunos possibilitando que acessem e apropriem-se das lógicas que são intrínsecas a estas manifestações como os códigos, regras, rituais e etc., ocasionando possibilidades de troca com a sociedade e entre si, de representações e significados atribuídos a cada prática corporal experimentada.

Dentro da temática das práticas corporais de aventura na natureza o surfe pode ser tratado como um conteúdo escolar que emerge da cultura local das regiões litorâneas, sendo facilmente observada sua prática pelos estudantes o que proporciona uma relação mais próxima entre o conteúdo e a realidade dos estudantes.

Em boa parte dos trabalhos encontrados no capítulo anterior, o surfe é caracterizado como uma atividade de aventura, realizada no mar e que proporciona

diferentes sensações a partir do contato com a natureza e sua imprevisibilidade de condições climáticas e meteorológicas.

Segundo Paixão (2018) é crescente nas últimas décadas a prática de “esportes de aventura” no Brasil, e o mesmo os define como:

“Trata-se de práticas corporais, manifestadas no âmbito do lazer e da competição e que, por sua vez, tem como eixos norteadores a aventura, o risco e as fortes emoções em sua máxima intensidade e profusão experienciadas no meio natural.” (PAIXÃO, 2018, p. 171)

Estas atividades pautadas pela fruição no meio natural sugerem uma “(re)-aproximação com a natureza” segundo o autor, e o surfe se enquadra nesta categoria de atividades, conforme visto em Pereira Neto (2017) esta prática pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida, ou também podem ocorrer conflitos, conforme as observações de Bandeira (2014) acerca do “*localismo*” entre os praticantes no litoral paulista.

Estas atividades já foram nomeadas de diversas maneiras na literatura, como “Atividades de Aventura” ou esportes de aventura e Correa et. al. (2020) destacam que as discussões e publicações acerca da temática vêm crescendo e tomando corpo maior desde as décadas de 1990 e 2000, quando propostas de “curricularização” das PCA’s na Educação Física começam a crescer gradativamente através da contribuição de diversos autores, e que, mesmo existindo esta diversidade de nomenclaturas, na Base Nacional Comum Curricular (2018) as mesmas foram denominadas como Práticas Corporais de Aventura (PCA) na Natureza e Urbanas. (CORREA, et. al. 2020, p. 254)

Segundo os autores:

“as PCA’s seriam expressões privilegiadas do movimento por estarem em consonância com a realidade local e com a destradicionalização em marcha da contemporaneidade, presente nos novos hábitos sociais, corporais e esportivos.” (CORREA, et.al, 2020, p.254)

O crescimento do Surfe e de outras práticas corporais de aventura na sociedade moderna apresenta novas temáticas para a EFE, o que amplia as possibilidades de cumprir com suas finalidades, já que um dos objetivos principais

da EFE é apresentar as diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento aos educandos.

A opinião dos autores acerca das PCA's na escola é de que:

“[...] o ensino das modalidades de aventura na escola traz um novo olhar sobre as emoções, os riscos, e a apropriação dos ambientes, além de surgir como uma possibilidade de rever as modalidades mais tradicionais da área (futebol, voleibol, basquete handebol e futsal) que ainda são trabalhadas em uma perspectiva tradicional.” (CORREA, et. al. 2020, p. 254)

Os autores salientam também que as práticas de caráter coletivo, embora continuem sendo importantes para a EFE por constituírem parte da Cultura Corporal de Movimento, não mais representam os anseios individuais e as características da “sociedade pós-tradicional”, devendo ser refletida pelos docentes. E salientam que a inclusão das PCA's torna necessária a criação de novas práticas docentes, o que certamente dificulta e traz alguns desafios aos professores que pretendem abordá-la em suas atividades de aula. (CORREA, et.al. p. 260)

Paixão (2018) também salienta que, por serem consideradas “novas” estas práticas e sua inserção na educação física escolar, precisam enfrentar um processo de quebra de diversos paradigmas da área, e para ele o paradigma esportivo, que privilegia a prática de atividades consideradas tradicionais, é o maior desafio.

Segundo Paixão (2018) estas atividades surgem como possibilidades de “novas vivências”, que possibilitam desde novas oportunidades de estímulo às sensações corporais proporcionadas pelo contato com o ambiente e com os riscos, quanto à possibilidade de repensar questões relacionadas à preservação do meio ambiente, considerada uma demanda crescente no contexto atual pelo autor.

Os dois trabalhos aqui citados apresentam práticas que já foram realizadas por outros docentes envolvendo as PCA's como conteúdo da Educação Física Escolar. Paixão (2018) apresenta como a atividade de Montanhismo foi trabalhada como conteúdo das aulas de uma turma de Ensino Médio, e descreve possibilidades de intervenção nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo em questão.

Já Correa et.al. (2020) apresentam 5 atividades terrestres (escalada, orientação, parkour, skate e slackline) realizadas pela Escola de Aventuras, que surgiu de um projeto de ensino-pesquisa-extensão do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá em 2014, e que foram analisadas sob a luz da Teoria Reflexiva de Educação Física. As duas propostas apresentadas contribuem para uma fundamentação teórica e prática das PCA's na escola, servindo também como ponto de reflexão para o diálogo entre Surfe e Educação Física Escolar proposta nesta pesquisa.

Entendo que foi possível observar a emergência das Práticas Corporais de Aventura como uma Unidade Temática no último documento normativo do currículo da Educação Básica, e entendo que, a partir desta inserção esta pesquisa surge para auxiliar na construção de novas práticas pedagógicas para a EFE, contribuindo para a região em que pesquiso, a partir de uma prática de ocorrência na Cultura Corporal de Movimento local.

É necessário deixar explícito que compreende-se neste trabalho todas as “incoerências e inconsistências” da Base Nacional, onde a “ausência de criticidade é alarmante” segundo Neira (2018, p. 222), para o autor, que direciona múltiplas críticas ao documento tudo já iniciou errado em sua formulação, pois o documento não foi construído com base nas vozes de uma ampla maioria de docentes e intelectuais do país, deixando evidente as direções neoliberais e tecnicistas que se pretende dar ao futuro da Educação Brasileira.

Contudo, a referência a este documento neste trabalho é tida como inevitável, já que foi a partir dele que as Práticas Corporais de Aventura foram incluídas como uma das Temáticas a serem abordadas no currículo nacional da EFE, que até então não fazia referência de forma centralizada à estas atividades especificamente.

Após esse importante parêntese, ressalto que compreendo que é a partir do diálogo com os docentes da região, que centra-se o empreendimento desta pesquisa, buscando compreender de que modos eles percebem esta prática em suas localidades de atuação, levando em consideração o tamanho e a possível

pluralidade de manifestações do surfe da região do Litoral Norte, para a partir disso discutir com os mesmos suas possibilidades de inserção como conteúdo nas aulas de EFE da região.

O próximo capítulo apresenta a construção da metodologia que orientou esta pesquisa, sustentada em princípios e técnicas da pesquisa qualitativa, e que se propõe a investigar a partir das percepções dos docentes de EFE da região como o surfe pode ser utilizado enquanto conteúdo das aulas de EFE nas escolas litorâneas.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Quando nós surfistas, vamos a uma praia nova, em busca de dias perfeitos e ondas melhores, sempre procuramos encontrar aqueles lugares onde há poucos surfistas, vento fraco e claro, ondas perfeitas. Naturalmente nem todo lugar é assim, e encontrar este tipo de local exige algum esforço por parte do surfista.

Recordo aqui, uma viagem recente que fiz à região do Farol de Santa Marta no município de Laguna –SC. Um amigo que estava comigo me contou sobre a praia do Gravatá, que fica próxima a barra do município de Laguna, e que, para acessá-la era necessário realizar uma trilha, fato que se apresenta como uma dificuldade para algumas pessoas que preferem locais de mais fácil acesso.

Isto nos instigou a acreditar que encontraríamos um local conforme descrito acima, poucos surfistas, vento fraco devido à praia ser localizada entre dois morros, e boas ondas, ou seja, perfeito para nós. Sendo assim, nos deslocamos do Farol em direção ao Gravatá pela manhã, e ao passar pela praia do Cardoso, já observamos muitos surfistas na água naquele local, estacionamento cheio, pois era um belo dia de sol, isto nos deixou felizes de imaginar que estávamos deixando um lugar lotado para talvez encontrar um lugar com alguns poucos surfistas além de nós.

Acessando o Gravatá, que fica a cerca de 30 minutos de carro ao Norte do Farol de Santa Marta, pode-se chegar até um estacionamento particular de valor acessível, de onde se realiza uma trilha de 20 minutos até a praia. Na chegada da trilha havia dois caminhos, um deles tinha uma placa indicando o nome “Grava-Tubo” apelido da praia do Gravatá na região, mas, devido à euforia e a pressa para chegar logo às ondas, acabamos entrando direto no segundo ponto sem prestar atenção à placa e fizemos uma trilha em meio a uma mata nativa mais densa, com muitas subidas e descidas, o que tornou o caminho mais difícil devido ao peso dos equipamentos, mochilas e cadeiras de praia.

Resultado: acabamos levando cerca de 40 minutos para chegar à praia, que felizmente, é linda, e naquele dia tinham exatamente 4 surfistas na água além de nós, o que tornou o dia perfeito, pois, tudo que imaginamos se concretizou. Ao voltar, percebemos que todos que saíam da praia, entravam em outro local que não aquele pelo qual viemos, então decidimos retornar por essa “outra” trilha, e descobrimos que esta era a “oficial”, muito aberta, de caminhada fácil com percurso bem definido e poucos desníveis. Isso me fez perceber que, pegar outro caminho devido à pressa ou mesmo a desatenção, também pode te levar ao mesmo destino, porém as dificuldades que se apresentam sempre são maiores e tornam a jornada mais demorada e menos proveitosa.

Ao retornar pela trilha já feita, por tantas e tantas outras pessoas, percebi a importância de apoiar-se aqui nesta pesquisa, naquilo que já foi feito por outros, realizando as modificações e ajustes necessários para chegar ao ‘destino final’ específico deste trabalho, portanto, a partir deste momento, inicio a explanação da trilha metodológica que orientou o processo de investigação desta pesquisa.

O objetivo principal desta pesquisa é buscar compreender como os docentes de Educação Física Escolar desta região litorânea percebem o surfe em suas localidades de atuação e nas aulas de EFE, para tanto, este estudo foi conduzido a partir das orientações da abordagem de pesquisa qualitativa.

Segundo Minayo (2002), esta abordagem preocupa-se com a investigação de níveis de realidade mais profundos das relações sociais, como os significados, crenças, aspirações, valores e atitudes, ou seja, para a autora: “esta corrente teórica, coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente.” (MINAYO, 2002, p. 23)

Deste modo, sendo o surfe uma prática corporal que encontra-se inserida na Cultura Corporal de Movimento local, entendo que as formas como o surfe é ou não é percebido e utilizado por docentes de EFE em suas aulas pode ser investigada a partir dos métodos de pesquisa qualitativa, pois ao operar no mundo do simbolismo

e da significação estamos lidando com relações sociais específicas e de uma enorme profundidade.

Segundo Trivinos (1987), “uma das raízes da pesquisa qualitativa está no campo da antropologia, e foi o funcionalista e positivista Malinowski que criou o método etnográfico”. Bronislaw Malinowski ficou longo período imerso nas Ilhas Trobriand, observando, descrevendo e realizando análises acerca da cultura, dos costumes e crenças dos nativos destas ilhas, o resultado destas observações foi publicado em “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1978), que apresentou o fazer etnográfico ao mundo no início do século 20.

Para Trivinos (1987) tentar definir o que é a etnografia não é uma tarefa fácil, e uma simples resposta como “é o estudo da cultura”, não dá conta de satisfazer por completo a questão. Para o autor, a primeira premissa da pesquisa etnográfica é “que existe um mundo cultural que precisa ser conhecido.”

Sendo assim, “a etnografia baseia-se na realização de descrições do real cultural que lhe interessa para tirar dela os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade.” Porém, estas premissas obrigam o investigador a imergir no contexto cultural ao qual “escolheu” para a observação, pois permite que o mesmo compartilhe diversos momentos com os indivíduos que ali interagem, na intenção de observar as relações *in loco* e obter as informações diretamente do campo.

É opinião compartilhada dentro do Grupo de Estudos em Práticas Cotidianas Educacionais (GEPRACO) do qual sou parte (e de onde grandes partes das ideias que fundamentam este Projeto surgiram), que todos os integrantes têm vontade de realizar uma pesquisa utilizando-se do método etnográfico.

Infelizmente no momento em que escrevia estas linhas, o Brasil já atingia a marca de mais de 680 mil óbitos devido à Pandemia de COVID-19, segundo os dados do Ministério da Saúde.¹⁴

¹⁴ Dados consultados em: <https://covid.saude.gov.br/> no dia 22 de outubro de 2022 às 11:15 horas.

Desta forma, as medidas de isolamento social adotadas pelos governos Federal, Estadual e Municipal mantiveram as escolas fechadas para atendimento presencial durante o período de produção de informações desta pesquisa, impossibilitando a realização de uma pesquisa etnográfica.

Portanto para cumprir com os objetivos desta pesquisa foram utilizado outros instrumentos qualitativos de produção de informações, porém, isto não significa que as informações produzidas neste estudo não possam ser observadas por um olhar que privilegie a cultura, apenas que esta vontade de “etnografar” e de poder “estar lá” conforme sugere Geertz (1989) terá ficar para um próximo estudo.

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo e exploratório, exploratório no sentido de poder aproximar-se do problema para obter maior familiaridade com o mesmo, desta forma tornando-o mais explícito e suscetível ao “aprimoramento de ideias e descoberta de intuições”, e, os levantamentos bibliográficos realizados até aqui certamente contribuem com este processo conforme indica Gil (2002).

Descritiva, pois, segundo Gil (2002) “as pesquisas descritivas são, junto com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores preocupados com a atuação prática.” Tão logo sabemos que esta pesquisa se refere à relação do surfe com as aulas de EFE, portanto está diretamente relacionado à parte importante da atuação prática dos docentes nas escolas, e que a descrição das variadas características a serem levantadas na produção de informações, serão importantes para todo o processo de análise desta pesquisa e suas implicações posteriores.

Segundo Trivinos, (1987) as pesquisas descritivas formam maioria entre as que investigam o campo da educação, e levantam informações importantes para o pesquisador acerca da comunidade observada, como o número de professores de uma rede, o nível de escolaridade de cada indivíduo, as diferentes escolas em que trabalham e suas características, e através destas informações pode-se também estabelecer “relações entre variáveis”.

Ao investigar a percepção dos docentes de educação física escolar sobre um elemento da cultura local, estamos lidando com o mundo do simbolismo, e da interação entre a subjetividade e objetividade, desta forma, podemos dizer que estamos analisando as crenças, opiniões e também as atitudes dos docentes em relação ao surfe nas aulas de EFE, o que também se alinha com Gil (2002) quando escreve que “são incluídas neste grupo, (das pesquisas descritivas) as pesquisas que têm por objetivo levantar opiniões, atitudes, e crenças de uma população.”

Para Minayo (2002), a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo trabalhar com o universo dos significados, crenças, valores e atitudes. E, em suas diferentes manifestações epistemológicas, o conceito central da investigação qualitativa é o significado. Ainda segundo a autora:

“...a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular. A este ritmo denominamos *ciclo de pesquisa...*”
(MINAYO, 2002 P. 25)

O ciclo de pesquisa caracteriza-se como um processo que inicia-se por uma “fase exploratória de pesquisa” onde delimita-se um problema ou uma pergunta inicial para o trabalho, e partir desta, se dedica tempo às reflexões e levantamentos bibliográficos necessários acerca do objeto de pesquisa, construindo a partir disto um projeto de investigação, que será seguido de outras fases como o trabalho de campo, o período do tratamento do material que compreende a ordenação, classificação e análise das informações produzidas pelo estudo.

Segundo a autora, este ciclo não se fecha nunca, pois a pesquisa sempre produz novas questões que serão aprofundadas posteriormente, e também não se sustenta a ideia de um ciclo com etapas solidificadas, mas sim em planos que se complementam, suscitando também uma delimitação do trabalho no tempo através de um cronograma de trabalho. (MINAYO, 2002)

5.1 Produção de informações: trilha escolhida, qual calçado usar para percorrê-la?

Tão importante quanto percorrer a trilha, é chegar ao final dela em boas condições físicas, para caminhadas longas é recomendável que se use algum tipo de calçado, mas, este pode ser desde um chinelo, passando por sandálias fechadas, tênis leves ou pesados, botas, botinas e sapatos sociais. A escolha do calçado adequado para percorrer uma trilha, portanto, torna-se importantíssima para atingir o objetivo final com o menor desconforto possível, ou alguém imagina conseguir caminhar na areia fofa com botas de couro e bico de ferro sem sentir algum desconforto?

Deixando de lado toda a questão estética que pode envolver-se na escolha de um calçado, no sentido apresentado aqui, o mesmo coloca-se como uma ferramenta importante para o cumprimento da jornada do viajante.

Pensamos agora, em nossa trilha metodológica proposta, a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, que nos oferece uma grande quantidade de ferramentas para a produção de informações, e para este trabalho serão utilizados o Formulário de pesquisa e a entrevista semiestruturada.

Esta pesquisa foi dividida em duas etapas, a primeira consistiu na busca pelos informantes interessados em participar do estudo, esta busca se deu baseada em alguns critérios de exclusão previamente estabelecidos, elencados abaixo:

- Docentes de educação física escolar dos anos finais do ensino fundamental (6º à 9º ano).
- Atuantes em escolas públicas localizadas em ao menos uma das 13 cidades do Litoral Norte do Rio Grande do Sul que possuem contato com o mar.

Nesta primeira etapa, o pesquisador entrou em contato com as Secretarias de Educação de cada um dos 13 municípios do Litoral Norte gaúcho que possuem contato direto com o mar já descrito no capítulo 2.

No primeiro movimento, foi realizado contato telefônico e a intenção foi a de divulgar a pesquisa e seus objetivos para os Coordenadores Pedagógicos de cada

município, para que então estes pudessem repassar a seus docentes de EFE um formulário produzido através da plataforma “*Google Forms*” (Apêndice B) que teve como objetivo selecionar os informantes que participaram do estudo.

Este primeiro contato demorou cerca de uma semana para ser concluído, pois nem todas as localidades possuíam telefones fixos, o que dificultou o contato com alguns municípios mais afastados. Contudo devo salientar que a comunicação com os coordenadores pedagógicos, se deu de forma muito mais eficaz pelo aplicativo *WhastApp* que permite a troca de mensagens instantâneas e foi a ferramenta que facilitou o contato e distribuição do *link* de acesso ao Formulário de busca dos docentes.

Obtive contato com todos os coordenadores pedagógicos dos municípios elencados para a Pesquisa pelo aplicativo e o *link* de acesso ao formulário foi repassado aos mesmos, que se comprometeram em repassá-lo aos docentes da sua rede de ensino. Assim, chegou então o momento de aguardar pelas respostas dos docentes ao formulário, que ficou aberto para respostas por um período de 15 dias inicialmente.

Neste período revisei as leituras e iniciei a construção do roteiro de entrevista semiestruturada para a segunda etapa da pesquisa. Neste período aguardar ansiosamente as respostas ao formulário, e todos os dias entrava no site do formulário para conferir o número de respostas.

Dentro dos 15 dias obtive 10 respostas de docentes que atuavam em diversos municípios da região, mas ainda não abrangendo a maioria destes e considerando ser um número baixo frente aos números levantados na pesquisa sobre a região, resolvi abrir o formulário por mais 15 dias e retornar o contato com os coordenadores pedagógicos para pedir que se possível, reforçassem o pedido de resposta ao formulário de seleção.

Após este segundo contato foram adicionadas mais 7 respostas, totalizando então 17 docentes da região, com idades entre 29 e 58 anos de idade e tempo de atuação que variou entre 3 e 33 anos. A maioria destes docentes (15) atua nos Anos

Finais do Ensino Fundamental, contudo foi possível identificar que grande parte (12) divide sua carga horária de trabalho também com os Anos Iniciais, enquanto apenas outros 2 atuam na Educação Infantil.

Ainda foi possível identificar que 13 destes profissionais relataram já ter abordado algum tipo de Atividade de Aventura em suas aulas de EFE, com grande presença de atividades como o Skate, o Slackline, a escalada e o Le Parkour. Apenas 1 docente disse já ter abordado o Surfe em suas aulas, fato que me causou estranhamento pois neste momento da Pesquisa, esperava encontrar docentes que já haviam abordado esta prática, pois entendia que isto facilitaria o diálogo sobre a temática nas entrevistas.

Contudo, dentre estas informações iniciais também foi possível identificar que o surfe não é uma prática invisível aos olhos dos docentes do litoral, haja vista que segundo os mesmos é uma prática comum de suas localidades e que a maioria já pensou em abordar em suas aulas na escola, o que me auxiliou na compreensão de que esta prática já é vista como uma possibilidade de conteúdo pelos docentes da região.

Após estas análises iniciais foi realizado o contato direto com os informantes, a partir de seus telefones e e-mails que foram disponibilizados no formulário. Dentre os 17 respondentes, um total de 12 docentes aceitaram participar da segunda etapa, a entrevista semiestruturada.

Segundo Trivinos (1987) a entrevista semi-estruturada e a observação livre (direta) são as ferramentas as quais se aprofundaram os investigadores em pesquisa qualitativa, buscando estudar como os sujeitos pensam suas experiências, projetos e suas vidas os investigadores procuravam “detectar os significados que as pessoas davam aos fenômenos.”

Também segundo o autor, a entrevista semiestruturada “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.” (TRIVINOS, 1987, p. 146).

Este tipo de entrevista parte de algumas questões básicas, que estão diretamente relacionadas às teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, mas, na sequência das respostas dos informantes abrem-se possibilidades de diálogo sobre novas hipóteses que vierem a surgir, deste modo, o informante tem liberdade para seguir uma linha de pensamento própria dentro dos limites estabelecidos pelo foco principal da pesquisa, participando da elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVINOS, 1987)

Neste momento, havia conseguido contato efetivo com 7 docentes que se disponibilizaram a participar da entrevista, e que devido à crise sanitária instalada no País à época, foram realizadas a partir de meios eletrônicos que possibilitaram a interação síncrona entre pesquisador e informantes. Nesta etapa foi elencado o aplicativo *Google Meet* como meio de encontro virtual, pois o mesmo permite interação em áudio e vídeo em tempo real, e também oferece a possibilidade de gravação do diálogo, o que possibilita uma revisita às conversas da entrevista em momentos posteriores.

No início da chamada de vídeo, foram explicados os objetivos da pesquisa e suas possibilidades de contribuição com a área da EFE, este momento inicial foi importante para que os participantes pudessem tirar suas dúvidas e também se familiarizar com ambiente virtual e o pesquisador, neste momento também foi solicitada a autorização do docente entrevistado para a gravação da entrevista.

Todos os docentes autorizaram a gravação do material, e imediatamente após o início da mesma foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido junto ao participante, bem como foi requisitada novamente sua autorização para a gravação do conteúdo da chamada.

As entrevistas tiveram durações variadas, sendo a mais curta de 50 minutos e a mais longa com 1 hora e 15 minutos de duração sendo a média das entrevistas por volta de 1 hora. O total dos materiais das 8 entrevistas foi de 7 horas e 30 minutos, que foram transcritos textualmente para melhor organização e compreensão durante a fase das análises.

5.2 Autodeclaração de princípios e procedimentos éticos na pesquisa.

Com intuito de garantir o cumprimento com as obrigações éticas envolvidas no âmbito da pesquisa em Educação, deixo aqui autodeclarado meu compromisso e responsabilidade para com os princípios e procedimentos éticos envolvidos no processo de pesquisa, conforme apontam Mainardes e Carvalho (2019).

Esta pesquisa e suas posteriores análises são pautadas em valores éticos como a responsabilidade e a honestidade por parte do pesquisador, além do respeito à individualidade e à liberdade de crença dos informantes e o compromisso para com o sigilo absoluto de suas identidades originais.

É de livre escolha de todos os participantes sua saída a qualquer momento do processo de investigação aqui proposto, fica também exposto que esta pesquisa não oferece riscos à saúde de seus participantes, e que o objetivo principal desta é contribuir primeiramente para com o conhecimento acadêmico e para a prática pedagógica da área de educação física escolar.

O pesquisador compromete-se com o rigor científico nas análises, pautadas pela honestidade e responsabilidade para com os resultados que daí emergirem, os dados aqui levantados ficarão sob a responsabilidade com pesquisador, onde poderão ser utilizados para estudos posteriores.

Também é compromisso desta pesquisa tornar público quaisquer dilemas éticos que possam surgir durante o processo de investigação, bem como o modo como foram solucionados pelo pesquisador e demais envolvidos. E, por último fica aqui meu compromisso para com a garantia de acesso por parte dos participantes aos resultados e a todos os documentos nela envolvidos, sendo garantida a devolutiva do trabalho em sua forma final por parte do pesquisador aos participantes do mesmo.

6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Segundo Trivinos (1987) uma análise interpretativa apóia-se em três aspectos que são fundamentais:

a) nos resultados alcançados no estudo (respostas aos instrumentos, ideias dos documentos etc.); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chave das teorias e de outros pontos de vista); c) na experiência pessoal do investigador. (TRIVINOS, 1987, p. 173)

A união e o confronto entre as informações do campo, da bibliografia e da experiência pessoal do investigador, são importantes para uma análise e interpretação mais minuciosa e detalhada das percepções dos docentes entrevistados, que certamente podem ser muito plurais, dificultando qualquer tipo de categorização *a priori* acerca dos mesmos.

Entende-se também, que “existe uma enorme multiplicidade de maneiras de conceber agrupamentos na nossa sociedade[...]” e que “não podemos prever de antemão que o modelo que construímos seja a “chave da compreensão”, ele deve ser colocado em teste ao lado de outras hipóteses, pois é isto que é, mais uma hipótese. E que por fim, “serve para oferecer uma alternativa, para abrir o leque de interpretações possíveis, não fechar o assunto ou criar fórmulas dogmáticas.” (FONSECA, 1999, P. 76)

Concordamos com Fonseca (1999), e é neste sentido que a perspectiva antropológica perpassa este trabalho, portanto também suas análises, e é embasado nesta concepção que durante a construção das análises os caminhos teóricos foram sendo articulados a partir do processo interpretativo dos diferentes dados levantados ao longo de toda a pesquisa.

Este trabalho, se propôs inicialmente a compreender quais as percepções de docentes de EFE acerca do surfe nas aulas de EFE. Contudo, ao longo da pesquisa, diversas outras possibilidades foram se apresentando e, conforme avançava nas leituras e principalmente a partir das entrevistas com os participantes, foi possível perceber que a partir desta temática pude ter acesso também a outras percepções que ampliaram o trabalho em direção à temáticas mais abrangentes, como o próprio

componente curricular de EFE e seus modos plurais de apresentação nas escolas do litoral.

Reflito o surfe enquanto uma prática corporal específica da região litorânea, que se apresenta como uma prática da cultura corporal de movimento, disponível para os alunos, afinal, eles moram em localidades onde o surfe está presente durante o ano inteiro, e, muito embora sua maior popularidade se dê durante o verão, devido à intensificação da migração turística neste época, também há incidência desta prática mesmo que em escala menor durante o inverno.

Pressupus inicialmente, que esta prática não estaria sendo contemplada nas aulas de educação física da região, levando em consideração um histórico da EFE em trabalhar com conteúdos relativos à esportes coletivos, muito conhecidos no meio da área como os mais tradicionais das aulas de educação física, que no geral são as práticas do futebol, com ênfase no futsal, voleibol, handebol e basquetebol.

Saliento que não há julgamento prévio ou problema algum na apresentação destes fenômenos socioculturais tão reconhecidos na sociedade nas aulas de EFE, se há um problema não é na presença destes que ele existe, mas sim na ausência de apresentação de outras práticas igualmente significativas da cultura corporal de movimento aos estudantes.

Neste trabalho, o surfe surge como elemento principal, que conduziu as entrevistas e permitiu o acesso à diferentes percepções dos docentes sobre este assunto na escola, sendo apresentado a partir da ideia central de que sua inclusão nas aulas de EFE se faz necessária devido ao fato de ser uma prática corporal específica da região litorânea, que pode oferecer elementos singulares às aulas do componente curricular, permitindo uma gama de relações possíveis entre o conteúdo curricular e a realidade local dos estudantes.

Ao contrário do que havia pressuposto, a ausência do surfe nas aulas de EFE da região não é absoluta, o que foi revelado a partir do contato com os informantes desta pesquisa, que contribuíram de forma significativa para os temas que descrevo e analiso nas próximas linhas. E que, abrem um leque ainda maior de possibilidades para a compreensão desta prática local na região, além das diferentes percepções dos docentes sobre sua presença ou ausência nas aulas de EFE.

A partir dos diálogos e reflexões ocorridos durante as oito entrevistas semiestruturadas realizadas com docentes de Educação Física de escolas públicas do litoral nesta pesquisa, diferentes assuntos foram abordados, alguns relacionados diretamente ao surfe no litoral e à sua inserção em aula, e outros com a Educação Física Escolar em um espectro amplo.

Nestes diálogos, surgiram informações que nos fizeram compreender que falar de surfe na EFE, foi, de certa forma instigar uma reflexão sobre o próprio componente curricular na atualidade. O que nos possibilitou acessar diferentes compreensões sobre o que é/deve/deveria ser a educação física escolar para os docentes entrevistados, contribuindo de forma mais ampla para esta pesquisa.

Esta multiplicidade de assuntos está separada em três categorias de análise, as quais construímos a partir das leituras e releituras das entrevistas transcritas, muitas vezes acompanhadas simultaneamente com a gravação em áudio e vídeo das entrevistas, observando a cada pergunta, resposta ou reflexão, os jeitos, movimentos e olhares dos participantes, mudanças de voz ou mesmo de posição nas cadeiras, na busca de uma interpretação mais profunda possível do transmitido naquele momento. (TRIVINOS, 1987; GEERTZ, 1989)

As análises foram realizadas a partir de um processo interpretativo das diferentes informações reunidas prévia, durante e posteriormente às entrevistas, sendo considerada como elemento principal de análise os vídeos e transcrições das entrevistas, em articulação com a literatura encontrada a partir do estado do conhecimento previamente construído, das leituras realizadas durante todo o período da pesquisa e também a subjetividade do pesquisador que no meu entendimento nunca está desarticulada de todo o processo de construção de uma pesquisa científica conduzida com o devido rigor metodológico. (TRIVINOS, 1987)

As entrevistas semiestruturadas individuais foram conduzidas a partir de um roteiro previamente elaborado, que, inicialmente, abordou dados gerais sobre os participantes da pesquisa e também das escolas e localidades onde atuam.

Observa-se de forma geral, que o grupo de informantes é bastante variado, com docentes com diferentes idades, níveis de formação acadêmica e tempo de docência na educação básica bem distribuídos, sendo ainda que, apenas dois

docentes atuam no mesmo município, e outros três atuam em dois municípios diferentes ao longo da semana, sendo possível assim contemplar docentes que atuam em 7 municípios da região litorânea, que são: Palmares do Sul, Cidreira, Tramandaí, Imbé, Osório (balneário de Atlântida Sul), Capão da Canoa e Xangri-lá.

Os primeiros momentos de uma entrevista sempre são permeados de incertezas de ambos os lados, o fato de ambos, entrevistador e entrevistado, muitas vezes nem se conhecerem exige a construção de uma rápida relação de confiança entre ambos, e, ao realizar isto de forma *online* não consigo determinar ainda se foi menos ou mais complexo do que uma entrevista presencial, mas, posso afirmar com certeza que de fato, é diferente.

Estes primeiros passos foram importantes para que pudesse conhecer aos poucos as especificidades de cada localidade, de cada escola citada, as distâncias percorridas pelos docentes, a distância de cada escola até o mar, suas carências e necessidades materiais, compreender melhor a partir de suas percepções como se dá o contexto onde atuam, quais as dificuldades que cada docente enfrenta em seu cotidiano na docência e as maneiras como refletem isso em suas atividades na escola.

Sobretudo, a centralidade deste estudo está voltada para as percepções dos docentes da região sobre a inclusão da prática do surfe nas aulas de EFE, e, para fins de manter o sigilo de suas identidades e melhor organização das informações do campo, seus nomes foram substituídos por códigos alfanuméricos em sequência de aparição, sendo eles D1, D2, D3, D4, D5, D6 e D7.

Foram criadas a partir das temáticas que emergiram durante as entrevistas três categorias de análise, sendo que a primeira categoria aborda as percepções dos docentes referentes às questões direcionadas ao surfe nas localidades em que atuam. Sua compreensão sobre a relação de seus estudantes e da comunidade escolar com o mar, e, também suas percepções sobre como a prática corporal do surfe se apresenta na Cultura Corporal de Movimento da região litorânea, que denomino de concepções docentes sobre o surfe no litoral norte do Rio Grande do Sul.

7 CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE O SURFE NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL.

Após um primeiro momento de apresentações e de questionamentos relativos à informações gerais dos docentes, como a sua formação, idade, tempo de docência na educação básica, a quantidade de turmas e outras informações básicas sobre a rotina dos docentes, adentramos aos questionamentos mais específicos relativos à temática da pesquisa.

Conversamos então de maneira leve mas não descompromissada, sobre como eles percebiam o surfe na sua localidade de atuação, se era possível perceber a presença de surfistas no município, e se, entre estes era possível identificar estudantes de suas escolas que praticam o surfe, ou mesmo não existindo essa possibilidade, quais seriam os motivos para a inexistência/invisibilidade desta prática corporal na localidade.

Destes diálogos iniciais, surgiram diversas informações importantes, como por exemplo a percepção sobre as diferentes formas que os alunos das escolas, se relacionam com o mar e com a praia em si. Em algumas localidades, os docentes percebem que seus alunos podem não possuir relação com o mar, ou se possuem ela não é uma relação de fruição do espaço através do lazer, como podemos observar nestes trechos:

Ô cara, olha, eu em algumas oportunidades assim eu vi surfista ali em Atlântida Sul na caminhada no horário do meio-dia na praia 'né' [...] ou quando eu chego muito cedo na escola daí eu dou uma chegada ali na beira do mar para olhar e algumas oportunidades eu vi surfistas, mas eu não reparei assim, isso não tem, acho que as crianças não tem relação assim com o mar né então, eu nunca vi eles nunca comentaram nada sobre surfe ali na escola e é a escola com mais proximidade do mar do município 'né'.Docente D1.

[...]sinceramente o Surfe para as crianças da nossa escola ela simplesmente ignoram o mar, né, é como se não existisse, ali perto não tem histórias assim, já fomos no mar ou fomos na praia, primeiro que são muito pobres né, então o ir ao mar, o curtir não é uma coisa assim que está na cultura da família deles, então a maioria dos que moram em Atlântida Sul são pessoas que trabalham nos condomínios 'né', naqueles aquelas casas da beira do mar 'de rico' e tal, então eles no verão eles estão trabalhando às vezes até vendem picolé na praia ,essas coisas assim 'né', mas é um local de trabalho não é um local de que eles olham como uma coisa de prazer... Docente D1.

Como podemos observar o docente traça algumas relações entre seus estudantes, a praia e o contexto observado ao redor da escola, que possui número significativo de condomínios fechados, e que segundo o docente, em sua maioria são ocupados somente durante o veraneio, permanecendo praticamente vazios durante o inverno, período que em o ano letivo acontece em sua maior parte.

Fica evidente a percepção do docente acerca da condição financeira das pessoas que usufruem destes espaços, e o mesmo expõe em sua fala uma cisão que se apresenta no verão, onde os turistas conseguem aproveitar o mar e a orla, enquanto os moradores locais trabalham para buscar seu sustento neste período.

Este docente não está sozinho nesta compreensão, e, juntamente a ele outros também trazem reflexões que corroboram este pensamento:

Bem pouco cara, 'né' cheguei em 2015 sim e comecei a tentar ver qual é a relação deles com o mar, eu achei muito pouca relação com deles como o mar na beira da praia né [...] então tem muito pouca gente que surfa e muita pouca gente que frequenta a praia tá... Ali surfando eu encontrei alguns alunos na escolinha de surfe, então tem ali cara 3, 4 ou 5 alunos que experimentaram os surfe - Docente 'D2'

[...]dentro da escola eu posso te dizer porque eu sempre faço esse questionamento, dentro da escola tem pouquíssimos praticantes de surfe 'velho' entre a gurizada do Fundamental, pouquíssimos, eu trabalho em escola de periferia né, talvez nas escolas mais centrais tem escolas que pegam públicos um poder aquisitivo maior[...] Docente 'D3'

Nestas falas observamos uma percepção por parte dos docentes, de que seus educandos possuem um contato pequeno com a praia no sentido de uma fruição do espaço para lazer, mas admite-se que há um relação de trabalho, principalmente na temporada de veraneio, onde o turismo influencia diretamente a vida de todos os habitantes do Litoral Norte, como também é corroborado pela fala da docente D6:

Aí eu perguntava para os alunos como era né a ida pro mar, e não é [...] o pai trabalha, a mãe trabalha, chega fim de semana tão cansados, eles não tem carro, então o pessoal mora na praia e não tem esse costume pela correria ou por falta de uma assim, 'hmm', cultura de praia? Docente D6.

Segundo Lopes, Ruiz & dos Anjos (2018) devido à proximidade do litoral gaúcho com as duas maiores cidades do estado, Porto Alegre e Caxias do Sul respectivamente, o turismo e as atividades de lazer constituem a base da economia litorânea, devido ao histórico de ocupação do local que nas últimas décadas estabeleceu-se principalmente a partir do turismo de segunda residência.

Conforme os autores, “o turismo de segunda residência é uma tipologia turística vinculada à hospedagem de fins de semana de temporada de férias.” (ibidem, p. 443, 2018) Este modelo de turismo influencia de forma sazonal na economia local, que no Rio Grande do Sul ocorre no período compreendido entre dezembro e março, período de calor mais intenso no estado e que coincide com as férias escolares, que no geral, ocorrem nos meses de janeiro e fevereiro.

Em ampla pesquisa realizada sobre o lazer dos brasileiros em seus períodos de férias, Stoppa, Trigo e Isayama (2017) analisaram e cruzaram dados populacionais entre diversas categorias como idade, renda e sexo e ao refletir o lazer no período da infância afirmam que:

Na infância, a vivência, via de regra, é realizada com o acompanhamento de uma pessoa, geralmente adulta, da família, situação que leva a criança a ter seu tempo de lazer diretamente relacionado ao tempo de lazer de outra pessoa. (STOPPA, TRIGO E ISAYAMA, 2017, p. 151)

Logo, compreendo que, acaba sendo justamente no período de férias escolares que o período econômico mais próspero da região acontece, aumentando consideravelmente a oferta de trabalho para os adultos da região e, conseqüentemente reduzindo drasticamente suas horas de tempo livre, as quais poderiam dedicar a acompanhar seus filhos em momentos à beira mar.

Esta modificação das relações acaba afastando os estudantes, principalmente os de idades menos avançadas da beira mar no período mais quente do ano, e reduz de forma substancial o tempo que possuem para exercer seu direito ao lazer neste espaço específico que lhes é disponível de forma gratuita, qual seja: a orla e o mar.

Ainda sobre o lazer no período da infância, Ribeiro et.al (2021, p. 77) afirmam que “o lazer das crianças brasileiras é influenciado pela cultura esportiva”, pois

identificaram as atividades físico-esportivas como a principal atividade de lazer de final de semana das crianças entrevistadas na pesquisa de âmbito nacional, sendo que a mesma categoria também lidera os números para os períodos livres durante a semana, mas, seguida de perto pela categoria “outros” que abrange uma diversidade de atividades, incluindo as diferentes opções de mídias eletrônicas disponíveis.

Porém, é necessário ressaltar que acerca dos dados sobre o lazer nos períodos de férias escolares, há um aumento considerável de frequência nas resposta sobre a categoria “ócio” que abrange atividades como “ficar em casa, dormir/descansar, ficar sozinho, não fazer nada e tomar sol”, acompanhado de uma redução na frequência da categoria das atividades físico esportivas. (RIBEIRO, et.al, 2021, p. 79)

Em segundo lugar no período de férias aparece a categoria das atividades turísticas, que segundo os dados se relaciona diretamente ao nível social em que se encontram os indivíduos, nesta categoria, os autores destacam que “as crianças que vivem o ócio durante as férias se enquadram principalmente nas classes sociais B2, C1 e C2 (sendo E a classe com menor poder de compra)”, sendo justamente estas as classes que contam com o provedor empregado no período das férias, e que precisa procurar soluções para as férias infantis. (RIBEIRO et.al, 2021)

Ao falarmos sobre as condições sociais da região, alguns docentes entendem que o poder aquisitivo das famílias também é um fator que surge como um impeditivo para que os estudantes possam vivenciar o surfe, conforme os excertos a seguir:

[...]como surfe ele né ele é um esporte assim que tem um custo né ou tem uma prancha bom pé de pato, ou uma ‘bicuda’, nessa uma ‘bicuda’ boa sim tu vai pagar, agora eu ‘tô’ até por fora, mas na época eram 600, 800 reais, uma prancha hoje deve ser até mais caro né... **Docente D3**

[...]mas como é um esporte né ‘elitizado’ porque uma bola a gente compra por 30 ‘pila’ ali no camelô para jogar, agora para ter uma prancha para poder surfar, é complicado né... **Docente D4.**

Para Ribeiro et.al (2021), existem muitos fatores que podem impedir os estudantes de usufruírem de momentos de lazer, principalmente em uma sociedade como a brasileira, onde o trabalho tem muito valor, favorecendo a compreensão de que as práticas de lazer podem ser muitas vezes desnecessárias. A principal barreira encontrada em seu estudo quando aborda o período das férias de crianças, é a dificuldade financeira.

Mais da metade dos entrevistados da pesquisa de nível nacional, colocou a dificuldade financeira como o principal fator impeditivo da realização de atividades turísticas, ou de práticas de lazer, neste caso, os autores estabelecem uma relação com o processo de “mercadorização do lazer”, exposto por Mascarenhas (2005).

Segundo este autor, com o esgotamento do modelo fordista de trabalho, em meados de 1970, inicia-se uma transformação nas relações de trabalho, que apesar de incluírem muitas inovações tecnológicas, ao longo do tempo, resultam na flexibilização das jornadas de trabalho e uma intensificação da exploração do mesmo, como podemos observar:

Cai a antiga rigidez do fordismo que garantia a clara delimitação dos tempos sociais. Tempo livre de final de dia, de final de semana, de final de ano e do final da vida, tudo se desmancha no ar. O encurtamento, a descontinuidade, a incerteza e a pulverização do tempo livre dados pela flexibilização da jornada de trabalho provocam uma imensa reviravolta nas práticas culturais, com a aceleração dos ritmos e processos diários de vida. (MASCARENHAS, p. 278, 2005)

Esta aceleração produziu também uma modificação nos interesses de lazer da sociedade, por atividades de tempo mais curto e que possam oferecer prazer de forma instantânea, e segundo o autor: “Havendo limites para o giro de bens duráveis, os capitalistas passam a investir no fornecimento de serviços efêmeros em termos de consumo.” (MASCARENHAS, p. 278, 2005)

A partir disso, as atividades de lazer são cada vez mais captadas pelo capitalismo e “mercadorizadas”, depois, oferecidas pela propaganda e comercializadas, excluindo, no meio disto tudo, àqueles indivíduos de rendas inferiores e que possuem menos tempo livre para usufruí-las.

Desta forma, entendo que a percepção desses docentes sobre a relação de seus estudantes com a orla, o mar e também a prática do surfe, enfatiza que no seu

entendimento o aumento da demanda de mão de obra na região oferece mais oportunidades de geração de renda para os familiares o que acaba por reduzir seu tempo de lazer. Também percebe-se que a relação entre o custo mínimo dos materiais necessários para praticar o surfe e a renda familiar dos estudantes destas localidades pode ser incompatível na compreensão dos docentes.

Contudo, também há relatos de docentes que atuam em balneários com menor densidade populacional, em que, se possuindo menor infraestrutura de lazer, parece ampliarem-se as possibilidades de relação com o mar e com o surfe por parte dos educandos e moradores locais, como neste trecho retirado da entrevista com a docente aqui denominada “D5”:

Aqui é uma área é tipo deles né a praia nossa assim eu acho que eles têm o pessoal que é daqui mesmo tem esse cuidado com o mar sabe[...] Docente D5.

[...]é o nosso lazer é a praia, que a gente não tem outro lugar, assim, aí talvez por isso também tenha mais esse esse apego assim com a praia né. E por ser menor então não tem nada aqui e acaba aproveitando mais...[...] Docente D5.

Ao dizer “não tem nada aqui”, a docente refere-se à outras atividades de lazer, que vão além dos passeios e caminhadas à beira mar, rodas de chimarrão nas calçadas e eventos pequenos em bares em algumas noites, pois o balneário de onde fala é localizado mais ao sul do Litoral Norte, localidade onde a população é significativamente menor que a das cidades mais ao norte da região, e não possui grandes infraestruturas comerciais ou de lazer.

Nesta localidade a docente também percebe a presença de educandos que praticam o surfe, e que inclusive fazem questão de demonstrar isto passando em frente à escola, que segundo a entrevistada é um ponto de referência na comunidade local:

Não posso dar certeza assim, mas eu sei de alguns alunos nossos pelo menos que se formaram no nono ano que eles praticavam, agora pela pandemia não sei te dizer mas até ano passado tinha os praticantes ‘né’, eles passam com a prancha ‘né’ sempre de tardezinha daí sempre dá um grito chama “sora” e aí eu sempre via eles com a prancha com a roupa de surfe, às vezes eles passam lá na escola também para aquela roupa com a prancha para dar uma conversada com a gente, eles gostam de mostrar

uma prancha nova, ou uma roupa nova, aí eles tem que passar lá para mostrar...Docente D5.

Assim como os primeiros apresentados, esta docente não está sozinha em sua percepção sobre a presença do surfe ou de surfistas na sua localidade, juntamente à ela temos as reflexões dos docentes D6 e D7, que identificam tanto na localidade quanto entre seus educandos a prática de surfe:

Tem em algumas escolas que a gente chama municipais que pega uma outra clientela, eu acredito que ali tem... assim sabe meninos assim...
Docente D6.

Consigo observar no destaque do trecho da docente D6, quando diz que nas escolas que “pegam outra clientela” há uma possibilidade maior de encontrar alunos praticantes, ela também está se referindo a uma compreensão do surfe como um esporte relativamente caro e que exige melhor condição financeira para adquirir os materiais e poder praticá-lo.

Neste ponto, entendo já ter analisado duas fortes associações construídas pelos docentes sobre o surfe na região, através da interpretação de seus relatos e o confronto com as teorias acima citadas, compreendo que o surfe para estes docentes é percebido como uma prática de lazer, de ocorrência nas praias onde lecionam, mas que, exige um nível mínimo de condições financeiras que permitam o acesso ao material necessário à sua experimentação, o que pode acabar dificultando o acesso de muitos estudantes de renda mais baixa a esta prática da cultura corporal de movimento.

Contudo, esta exclusão pode não se dar completamente, haja vista que a dimensão do lazer não é acessada unicamente por meio da prática do surfe em si, e durante o verão nas praias do litoral norte, estes estudantes podem ter outros tipos de contato com as práticas corporais da localidade.

Principalmente àquelas apresentadas pela mídia esportiva na televisão aberta, fechada ou na internet meios nos quais o surfe têm tido sua presença aumentada, devido a diversos fatores associados, como o recente surgimento de um grupo de atletas de sucesso no campeonato mundial e a recente inclusão do surfe no Programa Olímpico, que têm sido destaque nos meios de comunicação nacionais e internacionais.

Neste 'outro' mundo da mídia esportiva, a mercadorização das práticas de lazer está intimamente ligada à espetacularização das mesmas, que são expostas à sociedade pelos meios de comunicação de massa, permeando os pensamentos de milhões de pessoas, das quais boa parcela consome o esporte em um primeiro momento de uma forma visual através das propagandas e programas especializados, que relacionam quase qualquer tipo de produto àquele esporte, e só posteriormente a este contato, o praticam em sua vida diária.

Este processo foi observado por Miranda Filho e Dos Santos (2014), que pesquisaram sobre a espetacularização e mercadorização do MMA (Artes Marciais Misturadas), que popularizou-se no Brasil a partir do início dos anos 2000, e atualmente é transmitido um canal especializado sobre lutas em canal fechado, e que ainda apresenta transmissão de eventos considerados mais importantes em grandes canais abertos do país.

Após revisarem a literatura disponível e dialogarem com outros autores, concluem que:

A partir das reflexões realizadas com a análise da literatura, podemos afirmar que o grande envolvimento das pessoas com o MMA é consequência da persuasão da mídia através da mercadorização esportiva, cujo viés é o apelo à espetacularização, uma vez que o referido esporte de combate tornou-se um atrativo para a venda de produtos e serviços, o que tem contribuído com a sua popularização na sociedade. (MIRANDA FILHO; DOS SANTOS, 2014, p. 874)

Dialogando com outros trabalhos resumem como a sociedade hodierna baseada no espetáculo, apropriou-se do MMA e de tantos outros esportes nas últimas décadas em prol do capitalismo que comanda a sociedade de consumo atual, o surfe não está excluído deste processo, sendo possível observar ano após ano um aumento da sua exposição em diferentes meios de comunicação como a televisão aberta, fechada, mas principalmente através de transmissões *online* de competições dos mais variados níveis e modalidades da prática.

Recentemente, Mariante Neto, Vasques e Stigger (2021) analisaram em estudo de caso a partir de etnografia de tela como o programa de tipo *reality show* chamado "The Ultimate Fighter" (TUF) em um canal fechado com foco em esportes de combate, pode auxiliar no processo de construção de diferentes sentidos sobre os lutadores de MMA, modalidade considerada violenta há algumas décadas e que

encontrou através de um processo de esportivização e espetacularização por meio das mídias um meio de ampliar sua audiência e também seu público nos eventos que organizam.

Os autores observaram um processo de “humanização” do lutador de MMA, construído a partir de diferentes filmagens ao longo dos capítulos, e que criam uma narrativa que busca aproximar o lutador do público que o assiste. Imagens que apresentam treinamentos específicos em academias de alto padrão, procuram associar o MMA ao fenômeno do esporte, organizado e com regras estabelecidas que reduzem a violência dos combates, bem como cenas que trazem a história dos jovens lutadores que se apresentam ao programa em busca do “sonho” de entrar para o UFC (*Ultimate Fighting Championship*) maior evento do MMA na atualidade. (MARIANTE NETO; VASQUES; STIGGER, 2021)

Ainda, “as relações com as famílias, os dramas pessoais, a religiosidade” expostas ao longo dos capítulos, contribuem para a aproximação do lutador com uma figura mais humanizada, que busca neste mundo do MMA uma oportunidade para profissionalizar-se nesta modalidade que cresce constantemente nos últimos anos. (MARIANTE NETO; VASQUES; STIGGER, 2021, P. 7)

A mídia especializada do surfe, também criou programa semelhante ao do canal de lutas, inclusive com nomenclatura muito semelhante: “The Ultimate Surfer”¹⁵, no Brasil chamado de “O próximo Brazilian Storm”, que contou com a participação de 12 atletas amadores competindo por uma premiação enquanto observados, orientados e julgados por ex-atletas e atletas brasileiros reconhecidos no cenário competitivo do surfe mundial.

Não é possível traçar maiores comparações entre os programas já que o programa de surfe referido não foi utilizado como objeto de estudo até o momento, porém, o que interpreto a partir destas reflexões é que o uso das mídias, vêm se tornando ao longo das últimas décadas uma ferramenta para a construção de novos sentidos sobre práticas corporais que vêm ganhando maior espaço na sociedade atual, como entendo ser o caso do surfe e do MMA.

¹⁵ Matéria disponível em:

<https://www.terra.com.br/esportes/conheca-o-proximo-brazilian-storm-primeiro-reality-show-do-canal-off,8b0879a895501989b8f090ea332ff5981iy86y8s.html>

Ainda ao pensar no surfe, pode-se dizer que um dos maiores exemplos dessa espetacularização e mercadorização na atualidade talvez seja a sua recente inclusão no programa olímpico, figurando com estreante ao lado de outros esportes que foram apresentados como joviais e modernos como o skate e a escalada esportiva, que fizeram sucesso no maior evento esportivo do planeta, figurando entre as modalidades com as maiores audiências do evento segundo a mídia especializada¹⁶.

A partir das informações levantadas com os entrevistados, é possível perceber alguma influência exercida por este evento nas suas aulas de EFE nos trechos abaixo:

[...]agora com as Olimpíadas aí eu explorei muito essas coisas, Surf porque teve a estreia do surf é um esporte estreante daí eu explorei bastante a história do surfe, fiz com as turmas do sexto ao nono [...] Docente D1.

[...]mas o aluno tá trazendo... e aí falando do surf 'né', o skate e o BMX e tal, 'pô' *entra pela primeira vez numa edição Olímpica 'né'... então não tinha como não falar...* Docente D6, *grifo meu*.

A Olimpíada é um dos, se não o maior evento esportivo do mundo, que reúne equipes de nações do mundo inteiro, para competir entre si durante cerca de 15 a 20 dias, e tudo isso, obviamente é altamente transmitido pelos mais diversos meios de comunicação atingindo uma enorme quantidade de telespectadores, seja na televisão aberta/fechada ou em canais *online*.

Segundo Betti (1998) “não é mais possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa”, isto porque a partir dos anos 50 quando iniciam as primeiras transmissões de partidas e de disputas esportivas em locais isolados, este tipo de transmissão só cresceu no mundo inteiro.

Para o autor, o número cada vez maior de transmissões de televisão e outros meios, modelou o esporte em um espetáculo a ser produto de consumo nas sociedades modernas, o que podemos perceber nas falas dos entrevistados, exerce algum tipo de influência também sobre a EFE. (BETTI, 1998)

¹⁶ Matéria disponível em:

<https://hardcore.com.br/surf-e-skate-estao-entre-as-maiores-audiencias-das-olimpiadas/>

Esta percepção do surfe como uma prática atual e que já tornou-se um espetáculo esportivo altamente transmitido, também está presente no trabalho de Rivelli e Ribeiro (2019, p. 28), em que os autores declaram que:

[...] o surfe foi escolhido para ser desenvolvido nas aulas, por ter sido incluído como modalidade nos jogos olímpicos de 2020 no Japão, entendendo que num futuro próximo os jovens serão os telespectadores destes eventos e a mídia irá bombardear com informações referentes à prática.

A docente D6, deixa evidente que há algum nível de influência dos “esportes espetáculo” sobre os conteúdos da Educação Física Escolar, quando diz “então não tinha como não falar” (sobre surfe, já que ele está na Olimpíada) ela permite interpretar que em suas escolhas de conteúdo, procura contemplar aquelas práticas que estão sendo amplamente divulgadas no momento, demonstrando preocupação com a atualidade do conteúdo que trabalha com seus educandos, mas também revelando algum nível de imposição, mesmo que implícito, dos megaeventos esportivos sobre as aulas de EFE.

Sobre este tema, e às vésperas da realização de alguns megaeventos esportivos no Brasil, como a Copa do Mundo de futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio em 2016, dentre outros de menor amplitude de transmissão, o autor Jocimar Daolio (2013) escreveu um texto sobre os desafios e possibilidades que estes eventos trazem para a EFE.

Reflete sobre a esportivização das práticas corporais ao longo das décadas, processo que amplia características comuns ao esporte de rendimento, como a competição e o valor exacerbado dado à vitória, em detrimento de outras características que seriam mais apropriadas para a EFE, segundo o autor.

Ainda salienta, que ao utilizar apenas o rendimento esportivo como parâmetro para as aulas, acaba-se negando diversos princípios que são fundamentais à instituição escolar, como a garantia de oportunidades iguais de conhecimento, ao conhecimento crítico do esporte em nome da prática de modelos apresentados pela mídia, um conhecimento mais amplo do esporte na sociedade, entre outros. (DAOLIO, 2013, p. 130).

Para o autor a EFE deve apropriar-se das práticas da Cultura Corporal de Movimento, apresentá-las em sua pluralidade de manifestações para os educandos, e a partir da fruição das mesmas dentro da escola, abrir a possibilidade de criticá-las, refletir e recriar as mesmas práticas no ambiente escolar, com seus princípios e objetivos educacionais. (DAOLIO, 2013)

Defende que a disciplina deve pautar-se numa perspectiva de educação para o lazer, a qual abre espaço para os estudantes viverem o esporte dentro e fora da escola incorporando-o em sua rotina de vida, já que a dimensão do lazer é fundamental para a vida dos seres humanos.

Para o autor:

A perspectiva do esporte como atividade de lazer não considera apenas a prática esportiva em locais e momentos de lazer, mas trata-se de uma atividade que pode incorporar outros códigos e valores humanos que não estão presentes no esporte de rendimento, tais como a preocupação com a saúde, o bem estar, o prazer da prática, a socialização, a criatividade, o rico encontro entre seres humanos, o riso, etc. (DAOLIO, 2013, p. 132)

Ao olhar os megaeventos esportivos o autor preocupa-se com a formação de uma população que apenas consuma o esporte e seus produtos de forma passiva, e para a EFE, o autor sugere que os docentes apropriem-se desta temática em suas aulas, mas, que estimulem os alunos à reflexão sobre os mesmos, estimulando-os à construção de um conhecimento crítico que os leve a uma prática consciente e transformadora na sociedade.

Alguns informantes revelaram que abordaram o surfe em suas aulas, devido à sua inclusão nos Jogos Olímpicos serem um fator de relevância para o mesmo, sendo reconhecido e praticado no maior evento esportivo do mundo, agora, o surfe alçou um novo degrau no processo mercadorização/esportivização, tornando-se um produto de maior evidência nas prateleiras do esporte midiaticizado e comercializado.

Desta forma, pude compreender até aqui, de forma breve, que os docentes percebem o surfe no litoral como uma prática de lazer, mas que se encontra facilmente nas mídias devido ao recente sucesso de atletas brasileiros no esporte de rendimento. Consideram esta prática como inserida na cultura do litoral norte do

estado, mas que por apresentar um custo relativamente alto para sua prática, acaba sendo praticada por poucos estudantes de suas escolas.

Esta prática foi incluída nas aulas de alguns docentes, e, adentrou à EFE da região, em grande parte, devido à sua recente popularização e sua ainda mais recente inserção nos Jogos Olímpicos, tornando-o um esporte que ostenta a grandeza simbólica de ser um esporte olímpico, atribuindo um outro valor à sua prática na sociedade, principalmente no meio esportivo, o que influenciou no reconhecimento de alguns docentes desta prática como um conteúdo possível de ser apresentado nas aulas.

Após este primeiro momento da entrevistas, iniciei os questionamentos mais específicos ao surfe, conversando com os docentes sobre assuntos como: de que maneira eles introduziram o surfe em suas aulas ou, se não introduziram, como compreendem ser possível introduzi-lo em suas aulas, para que pudesse então dialogar com os mesmos sobre as especificidades desta prática e da EFE, bem como sobre a especificidade da sua localidade e do seu modo de conduzir as aulas em seu espaço de trabalho.

É a partir deste momento que percebo que não estávamos apenas discutindo sobre uma possível inserção do surfe nas aulas, mas também, sobre diferentes modos de conduzir as aulas de EFE, diferentes compreensões acerca dos objetivos do componente curricular na escola, que se apresentam de formas plurais e que me trouxeram diferentes estranhamentos durante o processo interpretativo.

Portanto, na segunda categoria de análise o foco está em discutir as informações referentes às diferentes formas de compreender a EFE dos docentes entrevistados, que, durante as entrevistas demonstraram que não há uma forma única de compreender quais são os objetivos do componente curricular na escola.

Tendo em vista que ao longo das décadas passadas, os paradigmas que sustentaram e justificaram a presença do componente curricular na escola, foram sendo questionados, criticados e alterados, sendo que neste processo de transição

não houve uma exclusão completa de um, para a troca por outro, mas sim uma ampliação dos mesmos, que foram complementando-se e surgem de forma muito plural e por vezes, misturada nas falas dos entrevistados, que serão analisadas ao longo do capítulo que segue.

É sobre estes pontos que debruço a análise na próxima categoria, que relaciona as diferentes concepções dos docentes do litoral sobre o que é, ou o que deveria ser a educação física escolar segundo as suas percepções, com a literatura específica da área e o referencial teórico do estado do conhecimento construído neste trabalho, além da inevitável mas sempre refletida, influência da experiência deste pesquisador na área de atuação em específico.

8 DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA ESPECIFICIDADE NA ESCOLA.

Durante as entrevistas, e posteriormente na leitura das transcrições, foi possível perceber que os docentes atribuem um valor significativo a uma das características mais peculiares do componente curricular de educação física, que são os momentos de prática dos conteúdos propostos.

Diferentemente de outros componentes curriculares, que costumam, não em sua totalidade mas em grande parte do tempo, executar suas propostas dentro das salas de aula comuns, nas aulas de EFE existem momentos em que as atividades são realizadas em áreas externas às salas comuns, sendo realizadas na rua, no pátio ou em ginásios cobertos ou fechados.

É possível perceber que os docentes entendem este momento como muito importante para as aulas, e a partir dos questionamentos direcionados de forma mais específica à EFE, nas falas desses docentes foi possível identificar diferentes percepções que me fazem compreender a existência de diferentes perspectivas acerca do componente curricular, sobre a maneira como ela é vista e conduzida dentro das escolas e também os diferentes objetivos da mesma dentro da escola.

Antes de aprofundar as reflexões acerca das especificidades do componente curricular, entendo que é necessário primeiramente apresentar uma breve recapitulação de como a Educação Física foi introduzida no país e na Educação brasileira, para que possamos dialogar com as diferentes perspectivas sobre a mesma que se apresentaram durante as entrevistas desta pesquisa, haja vista que a EFE da atualidade, ainda apresenta muito de cada uma das perspectivas e paradigmas que fundaram e sustentam sua consolidação nas escolas do país.

Sendo assim, de início saliento que a inserção do componente curricular de educação física nas escolas brasileiras remonta ainda o século XIX quando a Ginástica passou a ser obrigatória nas instituições de ensino. Sendo proveniente de uma cultura física enraizada na tradição das escolas europeias de ginástica (alemã, sueca e francesa) as atividades físicas realizadas à época envolviam jogos, dança, exercícios em grupos ou individuais, muitos com orientação militar como a esgrima, dentre outros jogos esportivos. (SOARES, 1996)

Neste primeiro momento, e por muito tempo depois, o paradigma que orienta as atividades ginásticas na escola é o da “aptidão física”, embasado nos discursos das ciências médicas e biológicas as atividades eram organizadas a fim de que os alunos pudessem se desenvolver física e mentalmente, permanecendo assim saudáveis e aptos para a vida diária e para o trabalho. (SOARES, 1996);(CASTELLANI FILHO, 2013)

Nas entrevistas, foi possível observar que os docentes compreendem a EFE de forma diversificada, e a justificam e organizam conforme diferentes concepções sobre o componente curricular, apresentando de modo geral, uma mescla entre os diferentes pressupostos teóricos aos quais o componente curricular se embasou durante as últimas décadas. Referente a este primeiro período citado, podemos observar que alguns docentes sustentam objetivos para o componente curricular amparados em teorias biologicistas e provenientes das ciências médicas, como neste trecho:

Um desafio da Educação Física é tu tirar essa geração do sedentarismo [...] Docente D3.

Essa nossa disciplina é a mais importante da escola, aí eu explico, e quando os professores vem conversar em conselho de classe eu defendo a educação física e eu digo: a nossa disciplina é a mais importante, a própria OMS reconhece, que todo mundo faça atividade física, para melhorar a saúde mental, a saúde física, isso diminui o estresse, enfim né [...] Docente D4

Observo nestes trechos, um entendimento por parte destes docentes, que, um dos objetivos do componente curricular é oportunizar momentos de atividades físicas com intuito de promover a saúde dos estudantes, mantendo-lhes saudáveis a partir das práticas que o componente curricular oferece no decorrer de suas atividades.

Segundo Castellani Filho (2013, p. 14), durante bom tempo a Educação Física foi justificada na escola, pois objetivava principalmente, com seu conjunto de treinamentos e atividades, auxiliar na construção de uma sociedade/juventude sadia e forte, para construir o país igualmente forte economicamente, sendo identificado até mesmo na legislação regulatória do componente curricular frases como: “dar

conta do aprimoramento da aptidão física da população brasileira em geral e da melhoria da aptidão física do educando brasileiro em particular.”

Um dos pontos de crítica desta concepção de educação física é que ao conceber a educação física como um meio para a promoção da saúde e da aptidão física dos estudantes, ela acaba sendo considerada apenas “atividade” e não uma “disciplina” curricular. (CASTELLANI FILHO, 2013, p.25)

Esta perspectiva utilitarista do componente curricular foi observada também no trabalho de Araújo (2016) que realizou pesquisa etnográfica com docentes de EFE em busca de compreender como estes selecionam os conteúdos a aplicar nas aulas em uma escola pública da região noroeste do Rio Grande do Sul.

Encontrando uma presença hegemônica da prática de Futsal na escola em que inseriu-se para pesquisar, o autor compreende que o componente curricular é justificada pelos docentes desta escola de forma utilitarista utilizando-se de diversos objetivos similares a atingir com as práticas, como: preparar os indivíduos para competições escolares, preencher o tempo dos estudantes com práticas educativas, a manutenção da ordem e da disciplina através do cumprimento das regras e demandas pelo trabalho coletivo característico do esporte. (ARAÚJO, 2016)

Há uma consequência que esta perspectiva utilitarista acaba trazendo para o componente curricular, que acaba sendo reconhecido por um dos docentes sem que ele perceba a provável relação entre os argumentos que utilizou para justificar o componente na escola, e as constatações que faz sobre a imagem dos docentes e do componente e a comunidade escolar, conforme o trecho a seguir:

Hoje o professor de Educação Física ele é visto muitas vezes né, muitas vezes como um professor recreacionista, que vai ali para fazer uma brincadeira ‘né’, que ele não é importante.

Ele não é visto como um professor na minha opinião, não é visto como um professor de matemática, português, história, geografia, ela tá uma disciplina à margem, pra ocupar um espaço da grade, por quê a LDB diz que tem que ter e nós estamos ali. Docente D4

Este docente nos revela sua insatisfação com o que chama de desvalorização do componente curricular na escola, compreendendo que há uma hierarquização entre os componentes curriculares do currículo, e que nesta escala de importância, a educação física encontra-se em nível menos conceituado que as outras.

Corroborando este entendimento docente, relembro que, a EFE no Brasil, quando pautada na inserção de práticas esportivas, objetivando a saúde física e a busca pelo rendimento esportivo dos estudantes, construiu uma representação do componente curricular que se estabeleceu dentro da escola como um momento de prática esportiva e de treinamentos, e, estando desconexa do projeto educacional como um todo, a educação física era uma disciplina à parte do currículo e não traçava relações com outros conhecimentos além daqueles relacionados ao desenvolvimento de táticas e técnicas exclusivos das modalidades escolhidas para as aulas. (CASTELLANI FILHO, 2013)

Araújo (2016) também identificou percepções parecidas entre os docentes que pesquisou, onde se mostravam insatisfeitos com a desvalorização do componente curricular na escola, que para os mesmos se apresentava em casos como reuniões sem aviso prévio ao professor tirando-o de suas aulas e momentos em que estudantes de outras turmas eram incluídos em suas aulas devido à falta de outro professor ou outros imprevistos.

Esta perspectiva que resumia a EFE à atividade física dentro da escola, constitui grande parte da história do componente curricular no país, sendo modificada de forma sutil ao longo das décadas, porém, podemos observar que ela ainda está presente na atualidade, mesmo que de forma menos acentuada do que nos períodos anteriores.

Para dar continuidade, observemos que o termo Ginástica inicialmente adotado, foi sendo deslocado entre o fim do século 19 e início do 20, com uma ampliação (quase hegemônica) dos conteúdos referentes às atividades esportivas em detrimento de outros:

A partir da última década do século XIX, o termo ginástica ainda é largamente utilizado para denominar a aula que trata das atividades físicas, mas já vem surgindo um outro termo, com o qual convivemos até hoje: Educação Física.[...] Tem lugar a *educação do gesto*, pensada a partir de análises laboratoriais. Tem lugar também *um conteúdo predominantemente de natureza esportiva*. A abrangência anterior perde terreno para a aula como o lugar do treino esportivo e do jogo esportivo como conteúdo senão único, certamente predominante. (SOARES, 1996, p. 9, *grifo meu*)

Muda-se a nomenclatura, porém não há mudança expressiva na maneira de entender os propósitos da, a partir de então, Educação Física nas escolas

brasileiras, sendo inserida nas escolas a partir da lógica de treinamentos físicos, com propósitos higienistas e militaristas tanto na Era Vargas entre 1930 a 1945, período em que foi legalmente criada a profissão de professor de Educação Física, quanto posteriormente, no período da Ditadura Militar entre 1964 e 1985. (SOUZA NETO, et.al, 2004)

Neste longo período, os conteúdos de natureza esportiva predominaram pela maior parte do tempo, pautados no rendimento esportivo que buscava sempre a excelência nos resultados, e estava em constante busca de novos atletas que representassem a nação brasileira em jogos e torneios mundiais, numa tentativa de mostrar a soberania e a vitalidade da nação sob o comando dos militares.

Contudo, nas décadas de 1970/80, novas influências impulsionam as bases da Educação Física no Brasil, entre elas está a Psicomotricidade, que segundo a autora Soares (1996):

Com a afirmação, num primeiro momento da Psicomotricidade, nós vamos ter de um lado, um vigoroso envolvimento da Educação Física com as tarefas da escola, com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender (talvez bem mais do que com o de ensinar), com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores. Mergulhamos num outro universo teórico, metodológico e lingüístico. Descobrimos, naquele momento, que estávamos na escola para algo maior, para a formação integral da criança. A Educação Física era apenas um meio. Um meio para aprender Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências... era um meio para a socialização. (SOARES, 1996, p. 9)

Ainda segundo a autora (idem), a influência da Psicomotricidade na Educação Física brasileira à época, não excluiu por completo as atividades esportivas da área, que ainda fazem parte do currículo na disciplina, mas, contribuiu para uma nova visão da função do professor de educação física dentro da escola, que assume maiores responsabilidades pedagógicas, e que, a partir de então começa a se preocupar mais com o processo de ensino dos movimentos do que com o gesto técnico perfeitamente executado.

Kunz (1994) entende que a concepção importada da Psicomotricidade, surge como uma solução para os problemas relacionados à polêmica instaurada pela hegemonia dos esportes na educação física escolar, principalmente pautados em

uma busca excessiva pelo rendimento esportivo, que, a partir do novo entendimento começava a ser alvo de crítica no país.

Ainda para Kunz (1994, p. 17), “a psicomotricidade tinha uma clara tendência à educação integral do indivíduo, considerada alcançável somente quando o ensino pelo movimento fizer parte do processo educacional [...]”.

Ou seja, para esta perspectiva a EFE muda seu foco de uma “educação *do* movimento”, para uma “educação *pelo* movimento”, em que segundo Bracht (1992, p.27): “A motricidade ou movimento corporal (por ex. na forma cultural de esporte) não é um saber a ser transmitido, e sim meio, instrumento.”

Também foi possível identificar que outros docentes demonstram alinhar-se à concepções mais modernas de educação física escolar, do que às anteriores, pontuando que seus objetivos em aula vão além dos benefícios para a saúde ou habilidades motoras dos estudantes, e possuem intuito de promover uma pluralidade de práticas, bem como a reflexão acerca das mesmas durante os momentos de aula.

No excerto abaixo as afirmações da docente entrevistada vão ao encontro destes pensamentos:

Dentro da Educação Física, a gente sabe que em tudo ‘né’ nas Artes na música também, ele tem, o aluno tem que ter essa gama de vivências para ele se encaixar, [...] o adolescente ele precisa de tribo, então se eu oferecer só o futebol e o vôlei como é que ele vai saber que o que ele curte é água, existe toda uma pluralidade ‘né’, que tem que ser contemplada. Docente D6

Neste excerto interpreto que a docente demonstra compreender a EFE, como um momento na escola em que os estudantes devem conhecer uma variedade de práticas, para que a partir do seu interesse, possa incluir alguma delas em sua rotina diária, como podemos observar também neste excerto do Docente D3:

Eu sempre tenho uma fala com meus alunos que eu gosto de trabalhar a diversidade ‘né’, plano de aula tem o tem os quatro grandes esportes coletivos, futebol, vôlei, handebol, basquete, tem um atletismo mas tem Slackline, tem yoga ‘né’, tem musicalização, então eu trabalho muita coisa ‘né’, não aprofundo muito mas eu trago várias coisas [...]

Podemos observar nos trechos, uma preocupação dos docentes em diversificar as práticas oferecidas pelo componente curricular, não mais pautando-se

no rendimento esportivo e exclusivamente na técnica ou nos benefícios para a saúde dos estudantes. Mas sim, em oferecer dentro das suas possibilidades, uma gama de vivências corporais que possibilitem aos estudantes encontros e experiências com uma pluralidade de práticas corporais.

Não somente os docentes desta pesquisa, mas alguns autores como Goulart (2016), Chagas (2017) e Machado (2019) já explorados no estado do conhecimento deste trabalho, justificam o surfe dentro de suas aulas de EFE, a partir do argumento da diversificação de conteúdos, e apresentam o surfe como uma oportunidade de inovação nas práticas pedagógicas, com o objetivo de escapar da rotina dos esportes coletivos, que no período anterior predominavam nas aulas do componente curricular.

Percebo então, que mesmo com alguns docentes demonstrando preocupação em apresentar uma diversidade de práticas corporais à seus estudantes, os mesmos estabelecem estas escolhas baseados em objetivos que condizem com uma perspectiva da Educação Física Humanista, que segundo Bracht (1992, p. 26) tem como objetivo principal “a instrumentalização do aluno para ocupar suas horas de lazer com atividades”, como podemos observar nos trechos abaixo;

[...]e se, dentro de uma daquelas coisas ali o aluno descobrir um esporte que ele vai ter prazer em fazer, *que ele vai conseguir incorporar na rotina dele*[...] Docente D3, grifo meu.

[...] o aluno tem que ter essa gama de vivências *para ele se encaixar*. Docente D6, *grifo meu*.

[...] eu acho que é o principal caminho do professor de educação física ‘né’ trazer a vivência para que o aluno possa aprender, vivenciar um pouquinho daquilo para ele poder de repente no futuro praticar algum esporte, e ser um adulto ativo, ‘né’ fisicamente ativo... Docente D4.

Retorno a estes trechos, pois compreendo que eles demonstram um entendimento por parte destes docentes sobre mais uma perspectiva de EFE, em que os objetivos a atingir com as práticas do componente curricular focalizam muito mais seus efeitos fora da escola e também um outro momento da vida dos

estudantes que não aquele da aula em si, proporcionando reflexões sobre seu contexto histórico e social das práticas corporais de sua localidade.

Para Castellani Filho (2013) é a partir da década de 1980 que acontece “o momento de ruptura paradigmática em que se descortina a possibilidade de se pensar a EFE para além de sua relação paradigmática com a aptidão física, na direção de outra, desta feita de natureza histórico-social.” (p. 15)

Para o autor não é à toa que esta ruptura ocorre nesta década, já que o Brasil vive um período de renovação em muitos âmbitos, a partir da retirada dos militares do poder que abre espaço para a redemocratização do país, logo, está acontecendo uma “oxigenação” na sociedade brasileira como um todo, e claro, a Educação e a Educação Física não estão excluídas deste processo.

Deste período em diante, influenciados em grande parte pelas vertentes críticas das Ciências Humanas e Sociais, diversos autores iniciam um movimento que será chamado “Movimento Renovador”, que se caracteriza em primeira instância por intensas críticas ao modelo utilitarista e tecnicista anterior.

Este novo movimento compreende as práticas corporais enquanto objetos da cultura, socialmente construídos pelo ser humano ao longo da história, com a finalidade de atender às suas demandas específicas a cada contexto histórico. (CASTELLANI FILHO, 2013)

A partir desta nova perspectiva inicia-se a construção de uma nova educação física escolar que defende uma abordagem que dê conta da pluralidade de práticas da cultura corporal, como os Jogos e Brincadeiras, Ginásticas, Esportes, Dança e Lutas a partir de um panorama sócio-histórico, que deve incluir reflexões acerca das condições em que surgiram, como se desenvolvem e suas implicações na sociedade moderna, o que exige da área um compromisso com novas bases epistemológicas, como a História e a Sociologia, já que as ciências Naturais e Biológicas antes predominantes não dão conta de responder aos novos questionamentos propostos. (CASTELLANI FILHO, 2013)

Observa-se algumas características desta perspectiva do componente curricular neste trecho da docente D6, quando questionada sobre as possíveis contribuições do surfe nas aulas de EFE:

É difícil porque ele é muito amplo né, ele vai trazer todas essas questões de tá trabalhando próximo da natureza, começam também, as questões de que ele precisa cuidar porque o ambiente que ele tá ali 'né', o que que o surf em si, como nas capacidades físicas vai trazer né de benefício corporal de quem 'tá' ali não só na parte física como a parte emocional 'né'. Então nossa, é um caminho assim uma coisa que não tem fim dependendo do foco que tu te propõe a cada momento, mas num primeiro momento eu acho que é assim: Trazer essa história do surfe 'né', como começa, o que que acontece no Brasil no Rio Grande do sul, na cidade né, porque a gente tem surfe aqui, porque tem lugares para surfar que são separados, essas coisas... Docente D6.

Podemos observar na fala da docente, que ela percebe uma multiplicidade de abordagens possíveis sobre a mesma prática corporal, compreendendo desde associações possíveis com o tema Meio Ambiente, passando pelos benefícios e riscos possíveis à saúde física dos praticantes, mas, ressaltando que primeiramente, seria importante conhecer a história da prática, e como ela se desenvolve na região, demonstrando um interesse também em pautar a historicidade desta prática, contemplando a possibilidade de reflexão pedagógica durante as atividades e não apenas a prática em si.

Uma das obras mais citadas e destacadas deste momento de reflexão paradigmático da educação física escolar é o livro Metodologia do Ensino de Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992), que sob esta nova perspectiva diz o seguinte:

Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas das da tendência anterior. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 26)

Segundo os autores, refletir com os estudantes a noção de historicidade das práticas da cultura corporal é o ponto fundamental desta perspectiva. Possibilitar a compreensão de que o homem é o construtor de sua própria cultura, pois o mesmo “não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando ou jogando”, é

importante para que os estudantes percebam que podem assumir uma postura de produtores das práticas corporais. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 27)

Para o Coletivo de Autores (1992), a reflexão crítica sobre estas práticas é fundamental, pois é a partir desta e das relações estabelecidas com outros conhecimentos que atravessam estas práticas, que a educação física pode proporcionar aos estudantes um melhor entendimento sobre sua realidade, e, no caso do Surfe é possível perceber no trecho anterior da Docente D6 diversos conhecimentos que atravessam a sua prática.

Embasados na Teorias Críticas, os autores defendem um currículo escolar que seja:

[...] capaz dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares, tendo como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão, e a explicação da realidade social complexa e contraditória. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 17)

Neste modelo, a ideia central não é apenas aprender as técnicas que a humanidade criou em busca de seu desenvolvimento, mas também, questioná-las, investigá-las e colocá-las para dialogar umas com as outras, na busca de uma aprendizagem crítica e reflexiva para os estudantes.

Uma educação física escolar pautada nesta perspectiva, deve, segundo os autores, levar em consideração no momento da seleção de conteúdos alguns princípios curriculares, como privilegiar aqueles conteúdos que são relevantes para a reflexão pedagógica escolar, e que estejam vinculados à explicação da realidade concreta dos estudantes, assim como a contemporaneidade do conteúdo. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Observo todos estes pontos descritos acima, em um dos trechos da Docente D5, que admitiu já ter abordado o surfe em suas aulas, e quando questionada de que modo o fez, trouxe o seguinte relato:

[...] quando eu comecei a gente falava alguma coisa principalmente do surfe do skate *que era mais uma realidade deles aqui 'né'* assim a gente assistia a alguns vídeos explicando 'né' assim a história dele, e depois a gente fazia geralmente, que que a gente fazia: uma pesquisa de quem eram os mais

conhecidos 'né' como é que funcionava assim, eu sempre procurei trabalhar por estar na praia 'né', *não podia a gente simplesmente não trabalhar né*, para deixar passar em branco, mas mais teórico né, só teórico... Docente D5

Observo que a docente vê como 'inevitável' a abordagem de assuntos como skate e surfe, pois são práticas identificadas na cultura corporal da localidade em que atua, e admite isso quando diz: [...] *não podia a gente simplesmente não trabalhar 'né' [...]*.

Porém, há que se contrapor que a mesma fala também dá a entender que a escolha destes conteúdos, não se dá exclusivamente por vontade própria da docente, mas sim pela existência destas práticas na localidades que, ao emergirem de diversas maneiras no contexto local, são percebidas como 'inevitáveis' para o programa de conteúdos que seleciona.

Assim como o Coletivo de Autores (1992) estabelece, a docente relata selecionar estes conteúdos, dada a contemporaneidade e a relevância dos mesmos na localidade, “[...] *por estar na praia né [...]*”, logo, compreendo que há certo alinhamento entre a maneira desta docente de compreender os conteúdos da EFE e os pensamentos destes autores importantes para o componente curricular.

Neste primeiro momento do capítulo, escrevi e pude identificar como as diferentes concepções de educação física que foram desenvolvidas ao longo dos anos anteriores, ainda estão presentes de forma muito plural dentre as concepções dos docentes entrevistados nesta pesquisa.

Pude perceber até aqui, que a história da educação física escolar no país, desenvolveu-se em meio à diálogos, conflitos, discussões e reflexões embasadas em diferentes vertentes epistemológicas, que ao longo das décadas, principalmente a partir das últimas duas do Século XX, ampliaram-se, criando assim diferentes perspectivas para o componente curricular na escola.

Fato é, que mesmo com os conflitos, nenhum dos paradigmas anulou-se por completo, sendo evidente nos relatos docentes que o que se tem na prática é uma mescla entre as perspectivas existentes e uma maior abrangência de finalidades do componente curricular para a Educação e o projeto de escolarização proposto pela mesma, como já identificado por Darido (2012, p.1):

Faz-se necessário destacar que, na prática pedagógica, as perspectivas que se instalam não aparecem de forma pura, mas com características particulares, mesclando aspectos de mais de uma linha pedagógica. Em outras palavras, dificilmente seguimos uma única abordagem.

Contudo, conforme dito anteriormente, durante estes diálogos também foi possível identificar algum tipo de convergência dentro desta miscelânea de perspectivas, sendo possível identificar uma percepção que surge de forma praticamente uníssona nas vozes dos docentes: a importância das aulas práticas para os docentes de educação física escolar.

Ao dialogar com os docentes sobre a inserção do surfe na aulas, questionando e estimulando-os a refletirem sobre de que modo organizaram, ou podem organizar as atividades que abordem esta prática corporal em suas aulas, foi possível identificar em todos os relatos docentes um importante valor atribuído pelos mesmos aos momentos de prática do componente curricular.

Como dito anteriormente, esta é uma das especificidades da EFE, que se diferencia das outros componentes curriculares curriculares pelo fato de utilizar de forma intensa e frequente, espaços externos à sala de aula, e, nos relatos é possível observar como os docentes compreendem esta característica específica do componente curricular, como neste trecho da docente D5, quando relata o cotidiano de suas aulas na escola:

Eu sempre levo pra quadra, porque eles vêm daquela função da sala de aula *daquelas 4 horas*, então eles conseguem botar para fora assim 'né', aquela euforia, sendo que é mais tempo que o recreio, e movimenta muito mais eles. Docente D5

Ao encontro deste trecho, também trago a fala dos docentes D2 e D6:

Cara em sala da aula dificilmente eu estava, com essas crianças em sala de aula eu eu ia passar lá buscar uma chamada e já descia pro ginásio, na minha aprendizagem, minha característica 'né', acho que *a criança tá ali a semana inteira dentro da sala de aula 'né'*, trabalhando as outras disciplinas, e é o momento de tirar ela dali momento de mudar, é onde elas queriam mais estar, então sala de aula não, é ginásio direto 'né'. [...] Docente 6

Então, com o surfe foi dessa forma: eu apresentei a modalidade para eles eu pensei assim, como vou falar no mar, no surfista e na prancha tenho ali meu plano de aula, mas para mim isso sai muito ao natural né, então eu, deixava ele salvo, e usei pra trazer para prática *porque tem que ter a prática né na aula de educação física.*” Docente D2 - grifo meu.

Estas são observações que demonstram parte da concepção destes docentes sobre o componente curricular, evidenciando sua associação direta entre a educação física e um momento de prática, que, como dito anteriormente, é uma maneira de compreender que a Educação Física é diferente, que este momento precisa ser divertido, e tirar o estudante da “monotonia da sala de aula”.

Segundo Darido (2012) entre as várias concepções e abordagens que surgiram no país, algumas como a Psicomotricidade, Saúde Renovada e a abordagem Desenvolvimentista possuem forte apreço pela prática na disciplina, embasando suas propostas principalmente na necessidade da prática, pois ela é o que faz o componente curricular de EFE ter sua especificidade e legitimidade na escola.

De certa forma, entendo que estas falas auxiliam naquela imagem do professor de educação física enquanto um “recreacionista” como visto anteriormente na fala do docente D4, pois privilegiam apenas a dimensão procedimental dos conteúdos em detrimento de outros saberes (conceituais e atitudinais) que são igualmente importantes para o desenvolvimento dos estudantes. (BARROS; DARIDO, 2009)

Segundo Barros e Darido (2009), a dimensão procedimental dos conteúdos sempre foi privilegiada nas aulas de EFE, ou seja, práticas e estratégias de ensino que estimulavam o saber fazer sobre os conteúdos propostos, principalmente aqueles provenientes da área esportiva, eram muito mais presentes do que outras, como por exemplo reflexões através de leitura de textos, uso de imagens ou mesmo diálogos conduzidos durante as práticas, que levam o aluno ao saber sobre o que se faz.

Os autores desenvolveram pesquisa etnográfica com dois professores de educação física da rede pública municipal de São Paulo, com o objetivo de identificar de que maneira os mesmos abordaram a dimensão conceitual dos conteúdos propostos. Foram observadas aulas, analisados os documentos de

planejamento pedagógico, além de entrevistas com os docentes e alguns estudantes das aulas observadas.

Os pesquisadores identificaram que tanto em momentos de reflexão apenas teórica, em sala de aula, através de textos, imagens ou vídeos, quanto em momentos majoritariamente de prática das atividades, houveram reflexões significativas acerca de diversas temáticas relacionadas ao conteúdo proposto. (BARROS; DARIDO, 2009)

É possível observar que os docentes admitem existir diferenças entre teoria e prática nas aulas de educação física, mesmo que de forma implícita. Neste sentido, observo que alguns docentes da pesquisa, relataram ter abordado o surfe recentemente em suas aulas, mas há um porém, é preciso levar em consideração que os anos letivos de 2020 (praticamente todo), e 2021 (cerca de 2/3) não foram realizados de forma presencial dentro das escolas como estávamos acostumados, e foi neste período que outros docentes assumem ter trabalhado a temática do surfe:

E agora com essa pandemia, *foi um balde de água fria*, que a gente falou não vai ter não (prática), vai ter né aula teórica, então só teve aulas teóricas esse ano e o ano passado também inteiro porque era tudo remoto, a gente estudou assim, quando tava prevendo as Olimpíadas, estudei quais seriam os esportes novos, e aí lembrei do surfe[...] Docente D1, *grifo meu*.

Neste sentido o estudo de Costa (2015) também encontrou uma “exclusividade da dimensão prática na forma de abordar os conteúdos e conhecimentos na Educação Física Escolar”, e ainda observou que:

Mesmo no caso em que revelam trabalhar com outras formas de apreensão da cultura corporal movimento, como no uso de vídeos [...] essas são realizadas como forma de compensação da impossibilidade de experimentar corporalmente ou para substituir as “aulas práticas”. (COSTA, 2015, p. 190)

Podemos compreender essa importância da prática para o componente curricular, quando observa-se todo o período anterior e constata-se que, na maior parte do tempo em que existe o componente curricular foi entendida de forma utilitarista e praticista dentro das escolas, sendo que, o impacto destas perspectivas

na prática pedagógica dos docentes pode ser percebido na atualidade a partir de relatos como o exposto acima.

Compreendo que fica ainda mais exposta esta prioridade atribuída à prática a partir do uso da figura de linguagem: “foi um balde de água fria” pelo docente, conotando uma frustração por estar impedido de realizar o que costumeiramente já fazia, e esperava poder fazer novamente (dar aulas práticas), e, estando impedido de fazê-lo o que lhe resta é apresentar os conteúdos de maneira “teórica”. (DOCENTE “D1”)

Em pesquisa realizada durante o primeiro ano da Pandemia com docentes de EFE do estado do Rio Grande do Sul, Machado *et.al* (2020) depararam-se com relatos docentes acerca de diversas dificuldades para o contato com os estudantes durante o referido ano letivo, muitos deles são relacionados aos meios para se chegar até os estudantes, que na impossibilitados do encontro presencial, têm seu acesso às atividades limitados devido a problemas de conexão com a internet, ou mesmo a falta de acesso à mesma.

Foi identificado por esta pesquisa, que aqueles docentes de localidades em que encontros síncronos virtuais não foram possíveis, houveram relatos de um aumento na proposição de estudos sobre saberes conceituais relacionados às práticas corporais do componente, ficando as atividades voltadas à “vivência corporal” não mais tão presentes, e que para estes docentes as dificuldades exigiram diferentes ações e mudanças para se adequar ao modelo imposto pela pandemia. (MACHADO, *et.al*, 2020, P. 09)

São compreensivas as dificuldades dos docentes em estabelecer um novo tipo de relação com os estudantes, a partir das imposições que a pandemia trouxe, exigindo mudanças rápidas e adaptações em seus planejamentos. Ainda, entendo que, são ainda mais agravantes no caso da EFE, haja vista que, historicamente privilegiaram-se os saberes “corporais” (MACHADO *et.al*, 2020 p. 8) em detrimento dos conceituais ou utilizando-se para tal dos espaços externos à sala de aula

“tradicional” de quatro paredes, classes e lousa, utilizadas para as aulas “teóricas” (DOCENTE “D1”).

Esta dicotomia entre teoria e prática foi tensionada a partir das novas perspectivas surgidas na década de 80, que segundo Fensterseifer e González (2007) colocaram um novo conjunto de questões à frente do componente curricular, as quais são fundamentais para sustentar o novo caráter da EFE enquanto componente curricular curricular integrado à proposta da escola.

Entre estas, temos questões como: “porque esta disciplina deve estar na escola? Quais são seus objetivos? Quais são seus conteúdos? Como esses conteúdos devem ser ensinados?”. Para os autores, a inclusão destas questões ao debate foi tão significativa para a área que “imprimiram uma mudança de tal magnitude que é possível comparar esse fenômeno com um ponto de inflexão na qual a trajetória da EF faz uma quebra definitiva com a sua tradição”. (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2007, p. 35)

Neste trabalho os autores entendem que a EFE encontra-se em um período de profunda reflexão interna, que nomeiam “entre o não mais e o ainda não”, para a partir deste entendimento escreverem em dois trabalhos, muitas reflexões importantes sobre a nova e mais íntima relação entre o componente curricular e o projeto de escolarização moderno.

Em síntese, o componente curricular encontrava-se em momento de ruptura paradigmática que apresentava-se por um lado no abandono das antigas perspectivas “não mais”, e por outro na construção e implementação de novas perspectivas que “ainda não” estavam totalmente difundidas teoricamente e amplamente aceitas e aplicadas nas práticas da educação física escolar.

A partir desta grande mudança de paradigma entendo como ponto importante no debate a inclusão de novos objetivos para o componente curricular, que podem romper com a lógica utilitarista e praticista, como por exemplo, a necessidade de propor também o estudo conceitual das práticas corporais abordadas como

conteúdo nas aulas de EFE, oportunizando que os estudantes possam refletir criticamente sobre os mesmos e também sobre a sua possibilidade de agir sobre eles ao longo de sua vida, integrando-se assim ao projeto pedagógico da escola.

Sobre esta dicotomia entre teoria e prática em específico os autores defendem uma perspectiva onde é preciso levar em consideração que:

Isso significa que os saberes produzidos pela experiência das manifestações corporais não podem ser substituídos pela reflexão conceitual sobre elas, da mesma forma que os conhecimentos originados na vivência da prática não substituem as ferramentas cognitivas fornecidas pelos conceitos. Esses saberes se complementam e, por isso, exigem ser tratados de forma específica e articulados numa proposta de EF escolar. (GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER, 2010, p. 17-18)

Para esta articulação acontecer, entendo que primeiramente, o (a) docente que irá trabalhar diretamente com os estudantes deve estar aberto (a) à romper com a lógica praticista e utilitarista que apenas ofertava a prática pela prática, em nome da “saúde” ou “aptidão física”.

Entendo como Freire (1996, p. 12) que nos diz que: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.”

Deste modo compreendo que é momento de mais, de oferecer para os estudantes oportunidades de construir conhecimentos significativos a partir de práticas corporais selecionadas em consonância com a realidade local em que vivem, abordando estes objetos através de um mescla entre momentos de experimentação e momentos de reflexão durante a prática ou usando outros recursos e materiais didáticos.

No caso do surfe, existem diferentes temáticas relacionadas à sua prática e que podem ser exploradas e refletidas, ampliando o acesso e a reflexão dos estudantes sobre as práticas da cultura corporal da localidade em que vivem.

Ao diversificar as oportunidades de aproximação da prática corporal do surfe, entendo que estaremos tanto fugindo do “ativismo” da prática pela prática, mas

também não se recai no “blablablá” em que o foco da análise dos conteúdos ficaria restrito às reflexões e abstrações teóricas sem a oportunidade de experimentação pelos estudantes. (FREIRE, 1996, p.12)

A partir da análise realizada neste capítulo, pude compreender e explicitar como as diferentes perspectivas que sustentaram e sustentam a EFE enquanto componente curricular, estão presentes de forma heterogênea e plural nas concepções dos docentes do litoral que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Também pude explicitar como as mudanças de paradigma e as transformações da área da Educação Física num contexto geral aconteceram de forma lenta e gradual possibilitando que diversas vertentes e concepções surgissem e dialogassem ao longo, principalmente das últimas quatro décadas, gerando debates polêmicos e rupturas que ainda surtem efeito na pesquisa acadêmica e na prática pedagógica.

Ainda, mesmo percebendo uma pluralidade de perspectivas sobre e objetivos da EFE, também foi possível perceber uma convergência quase unânime para uma característica eminentemente prática do componente curricular, que esteve presente ao longo de todas as entrevistas e que surge nas falas como uma obrigatoriedade para as aulas. (BARROS; DARIDO, 2009).

Pude então, constatar a importância que o momento de prática dos conteúdos do componente curricular têm para estes docentes, que, ao conversarem comigo sobre surfe na EFE, trazem muitas reflexões importantes a serem consideradas quanto a uma possível utilização deste conteúdo em aula.

São reflexões que vão desde problemas e dificuldades gerais que o componente curricular (e a escola pública, diga-se de passagem) enfrenta historicamente, como a falta ou a precariedade de material e espaços físicos adequados para as atividades práticas, até características específicas que a prática do surfe possui, como o fato de ser praticado em ambiente líquido e instável e o

risco envolvido, bem como as possíveis sanções de parte da administração escolar ou dos pais dos estudantes acerca de saídas do espaço escolar.

Estas reflexões entre outras serão discutidas na próxima categoria de análise a ser apresentada sob o nome de “Implicações teórico-práticas acerca do conteúdo Surfe na EFE”, onde realizo a análise de alguns trechos importantes para a compreensão das especificidades do componente curricular e as escolhas de conteúdo que os docentes fazem ou deixam de fazer.

Para esta análise pretende-se articular o referencial teórico específico da educação física escolar previamente levantado no estado do conhecimento desta pesquisa, com os trechos dos diálogos docentes e a literatura acadêmica já publicada sobre as temáticas específicas envolvidas nesta categoria.

9 IMPLICAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS ACERCA DO CONTEÚDO SURFE NA AULAS DE EFE.

Uma pauta recorrente nas entrevistas foi a discussão sobre a educação física e suas implicações práticas, o que acabou se desdobrando em debates sobre elementos que possam dificultar a apresentação do conteúdo Surfe nas aulas. Essa relação mecânica entre conteúdos de educação física e práticas nas aulas, acaba, em muitos momentos, inviabilizando o conteúdo, em que pese a sua relevância para a cultura corporal do movimento (BRACHT, 1999) da região e a seção que segue acaba por problematizar esta situação.

Nota-se, que mesmo a BNCC apontando na Unidade Temática das Práticas Corporais de Aventura para o desenvolvimento de habilidades como: identificar as características e riscos envolvidos em sua prática; formular estratégias de prática segura; conhecer normas de segurança; Há consolidado na compreensão de vários docentes que não é possível aprender sobre surfe sem praticá-lo na forma usual. (BRASIL, 2018)

Nesta seção surgiram algumas temáticas significativas, as quais abordarei a seguir: o surfe enquanto conteúdo “novo” para a educação física escolar e a percepção dos docentes acerca do impacto desta novidade na aceitação dos estudantes, as possíveis contribuições do conteúdo surfe para a educação física escolar e seus conhecimentos perante os estudantes.

Bem como a invisibilidade do surf na escola enquanto conteúdo, as motivações dessa invisibilidade, as percepções acerca da necessidade de materiais específicos para uma fruição prática, a preocupação com os riscos envolvidos ao sair do espaço escolar considerado “seguro” e o pouco contato dos docentes com a prática seja ao longo de sua vida pessoal e na formação inicial ou continuada neste sentido, avançarei na descrição e análise destas compreensões procurando interpretá-las na sequência..

Nas entrevistas, em um primeiro momento, foi possível perceber uma boa receptividade por parte dos docentes com a temática, mas ao longo da interlocução alguns informantes convergiam para os mesmos assuntos.

Inicialmente quando questionados sobre como entendem que os estudantes reagiriam a uma proposição de surfe como conteúdo, os docentes percebem que seria de forma muito positiva, afinal aceitam com facilidade propostas novas e “diferentes” como qualificam em suas palavras, e este tipo de entendimento fica evidente em trechos como estes:

Acredito que com certeza, com certeza porque eles estão sempre abertos ao novo, eles gostam de coisas novas[...] Docente D3

Na escola eu acho que sim, com certeza acredito que sim, porque o aluno está sempre disponível e disposto ao que é novo e ao que encanta ele ‘né’, então com uma boa abordagem sim, e o Surfe ele já traz essa curiosidade, como ele não é algo muito visto ‘né’. Docente D7

Como se percebe, estes docentes assumem uma concepção de que o surfe é um conteúdo novo, diferente daqueles que costumam contemplar em sua prática, e que isso por si só, já tem um aspecto motivante aos estudantes.

Compreensão semelhante também está sustentada nos trabalhos de Chagas (2017) e Machado (2019), que realizaram investigações acerca do surfe na EFE e sugerem a “inovação” de conteúdo como uma das justificativas para a abordagem do surfe nas suas aulas.

Neste sentido, é importante salientar que entre as diversas mudanças que a BNCC trouxe para o componente de EFE, destaca-se a inclusão das “Práticas Corporais de Aventura: Urbanas e na Natureza”, como unidades temáticas a serem trabalhadas pelos docentes no país. (BRASIL, 2018)

Para Paixão (2018) estas práticas são consideradas “novas” e sua inserção nas aulas deve enfrentar um processo de quebra de paradigmas, principalmente o paradigma esportivo, tão presente e influente no cotidiano da EFE brasileira.

Ainda, surgem como possibilidades de “novas vivências” que possibilitam outras oportunidades de estímulo às sensações corporais, proporcionadas pelo

contato com o ambiente e com os riscos, além de possibilidades de repensar questões relacionadas à preservação do meio ambiente, considerada uma demanda crescente no contexto atual. (PAIXÃO, 2018)

Entendo que é neste sentido que os docentes se referem à “novidade” do conteúdo, mas outro docente apresenta argumentos diferentes para sustentar uma boa recepção dos estudantes para com a temática, é o caso do docente D2 que quando questionado, responde:

Aceitam muito, como eu te falei antes ele é muito atraente 'né', ele conquista muitas pessoas, elas querem ser surfistas, as pessoas vêem, enxergam o surfista, a pessoa que tá no mar com uma pessoa legal entendeu. Docente D2

e segue:

[...]eles gostam de tudo que é diferente, eu acho que o handebol, futebol, basquete e vôlei são sensacionais, eles tem que continuar pois são ferramentas incríveis, mas assim a gente não pode ficar só nisso a gente tem muito mais coisa, e atraindo eles são muito atraídos, esses jovens novos assim eles são muito atraídos pelo diferente. Docente D2

De forma diversa, D2 constrói seu argumento sobre a positividade do Surfe a partir de elementos constituintes da própria prática, estabelecendo conexões com questões específicas e locais, além disso, associa a figura do surfista ao sujeito simpático e que possui um estilo de vida atraente, percepção que também discutida no trabalho de Pereira Neto, et.al (2017), sobre motivação de mulheres jovens à aprender a prática do surfe.

É importante salientar aqui que este docente é praticante de surfe em seus momentos de lazer, e entendo que sua relação de proximidade com a prática o leva a ter outras compreensões que se apresentam de forma diversa daquelas dos docentes que nunca praticaram o surfe, evidenciando que essa relação mais íntima pode trazer outras percepções sobre a prática.

Contudo, em um segundo momento o docente também considera que os estudantes se sentem mais atraídos por conteúdos novos e que vão além daqueles tradicionalmente propostos pela EFE, nomeados como “Quarteto Fantástico” no

trabalho de Machado (2019, p. 10), que são o Futsal, Voleibol, Handebol e Basquetebol.

Para Silva e Bracht (2012) os docentes que se colocam à disposição de romper as barreiras do ensino tradicional em educação física, propondo conteúdos além daqueles já estabelecidos como os esportes coletivos, podem ser considerados como “professores inovadores”.

Os autores contrapõem este tipo de prática pedagógica a outras duas que consideram como já estabelecidas anteriormente e que podem/devem ser ultrapassadas pelos professores inovadores, são eles a “pedagogia da sombra” também conhecida como “professor rola-bola”, que segundo os autores geralmente não possuem “pretensão maior do que ocupar seus alunos com alguma atividade”. (SILVA; BRACHT, 2012, p. 82)

Também há, para os autores, “os professores que costumam organizar o ensino a partir da ideia de que seu papel é ensinar aos alunos a prática de alguns esportes, particularmente, o voleibol, o basquetebol, o handebol e o futsal ou futebol.” (IBIDEM)

Não pretende-se neste estudo caracterizar os docentes a partir destas tipologias estabelecidas pelos autores, mas a nível de comparação, veremos que é possível identificar alguns elementos associados a estes “tipos ideais” descritos por Silva e Bracht (2012) ao longo das análises dos trechos das entrevistas.

Em um segundo momento, quando instigados a refletir sobre as contribuições deste conteúdo para as aulas de EFE, além do fato de ser novidade, os docentes reconhecem a possibilidade de contemplar nessas aulas outras temáticas relacionadas.

Dentre elas se destaca fortemente o contato direto com a natureza que a prática oferece e a possibilidade de estimular uma melhor compreensão sobre a própria localidade em conjunto com temas como a educação/conscientização ambiental.

Relação com o mar 'né', fazer eles enxergarem o mar né, são pessoas que moram há 500m, 1km do mar e não enxergam o mar. Se virar para o mar, olhar para o mar, ir até a praia, encontrar o meio aquático ali a natureza, (entender/perceber) o meio aquático como possibilidade de movimento mais saudável, acho que é o principal. Docente D2

Eu acho que, falar da comunidade aqui nossa 'né' como a gente na praia eu acho que eles se identificam, eu acho que eu falei no começo sobre essa coisa de pertencimento até em relação à praia porque é um esporte de praia 'né'. Docente D5

Separei os trechos em dois grupos, pois percebi compreensões distintas nas respostas desta temática, nos trechos acima, interpreto que os docentes entendem que a proposição pode levar os estudantes a desenvolver uma melhor compreensão e interação com a localidade onde moram, afinal, estamos numa região litorânea.

Relembro então, que a percepção da maioria destes docentes destacada na primeira categoria de análise é de forma geral, a de que os estudantes da região possuem pouco, ou nenhum contato com a orla ou o mar durante a maior parte do ano. Principalmente quando se pensa na utilização do espaço para atividades de lazer, já que alguns indicam haver uma relação de trabalho na temporada de veraneio.

Já nos trechos abaixo, os docentes ressaltam a relação direta com a natureza que a prática proporciona, mas apontam para contribuições mais amplas, como a “consciência ecológica” e os benefícios “físicos e mentais” que a prática pode trazer:

Cara, eu acho que ele poderia contribuir para aumentar a relação que os alunos têm com a natureza. Acho que seria um ponto importantíssimo por que o surfe ele traz esse contato com a natureza 'né cara'. Docente D3

Eu acho o surfe sensacional, porque é uma atividade física que interage com o meio ambiente né, a gente só defende aquilo que conhece então a criança que conhece o mar como um local de prazer, ela se importa com a qualidade daquele meio ambiente é uma coisa que seria super benéfica em todos os sentidos para as crianças, não só fisicamente mas também ambientalmente, consciência ecológica e 'tal' seria sensacional. Docente D1

Ele vai trazer todas essas questões da BNCC, como um esporte de Aventura e aí tu vai ter todas essas possibilidades de tá trabalhando próximo da natureza, o que que o surf em si tem como qualidade 'né', de benefício corporal de quem tá ali, não só na parte física como a parte

emocional 'né' 'pô' vou poder limpar minha cabeça, olhar aquele 'marzão' lá e 'tal'. Docente D6

Nota-se então que os docentes reconhecem uma boa quantidade de contribuições da inserção deste conteúdo nas aulas de educação física escolar, tanto para que os estudantes possam estabelecer outras relações com a localidade e as especificidades da região litorânea, quanto com questões mais amplas que desenvolvam novos conhecimentos sobre a educação física, a cultura corporal de movimento da localidade e a sua própria relação com o Meio Ambiente.

Neste sentido os trechos vão ao encontro de alguns apontamentos sobre as Práticas Corporais de Aventura encontrados no trabalho de Costa (2020) que sustenta que:

“[...] as PCA's seriam expressões privilegiadas do movimento por estarem em consonância com a realidade local e com a destradicionalização em marcha da contemporaneidade, presente nos novos hábitos sociais, corporais e esportivos.” (CORREA, et.al, 2020, p.254)

e ainda:

“[...] o ensino das modalidades de aventura na escola traz um novo olhar sobre as emoções, os riscos, e a apropriação dos ambientes, além de surgir como uma possibilidade de rever as modalidades mais tradicionais da área (futebol, voleibol, basquete handebol e futsal) que ainda são trabalhadas em uma perspectiva tradicional.” (CORREA, et. al. 2020, p. 254)

Contudo mesmo com a BNCC apontando para a inclusão da temática das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de EFE, e os docentes reconhecendo que existem múltiplas possibilidades de mobilização e reflexão de novos conhecimentos a partir do estudo desta prática da cultura local pelos estudantes, o surfe enquanto PCA que ocorre nas localidades da pesquisa, ainda não é um conteúdo amplamente utilizado pelos docentes nas escolas litorâneas. (BRASIL, 2018)

Mesmo considerando a “inovação” e a possível recepção facilitada por parte dos estudantes, ao dialogar sobre maneiras de articular o surfe nas aulas de EFE, o que surgiu com frequência foram muitas percepções que apontam para a existência de uma série de dificuldades relacionadas à sua execução prática, que são utilizadas como argumento para justificar a invisibilização desta prática corporal em suas aulas, como podemos observar no trecho abaixo:

Aqui eu acho que os principais fatores é o não poder trabalhar na água porque a gente fala em surfe, a gente lembra da prancha na água surfando uma onda 'né', talvez os principais fatores que impedem, é realmente fato de tu não poder estar ali na prática como ela é de fato 'né'. Docente D7

Percebo ao interpretar este relato, emergir novamente a grande importância atribuída pelos docentes às estratégias de ensino que se utilizem de atividades práticas (e no caso do surfe a prática no mar em si), colocando-as quase como uma obrigatoriedade para as aulas de educação física.

A partir deste momento, passei a perceber que os docentes apresentam suas respostas sempre em direção à possibilidade de uma aplicação prática do surfe nas aulas, sendo que, a maioria dos docentes não considera num primeiro momento, outras possibilidades de ensino, como simulações dos movimentos do surfe na quadra da escola, seja com skates ou de outros modos, ou mesmo, aulas em que o estudo conceitual sobre a prática na região seja prioridade.

Quando questionados sobre essas outras possibilidades alguns poucos docentes passam a considerá-las como possíveis, mas outros argumentam de forma veemente que não há uma aula de surfe, sem levar os estudantes a experimentarem a prática “como ela é”, demonstrando a importância que dão não somente à prática, mas a uma prática “fiel” àquela vivenciada pelos praticantes usualmente, como neste trecho:

Porque pra ser o surfe a gente precisa da água, eu posso dizer que é surfe, mas não é, é dentro da água, porque mesmo que tu tenha movimentos similares, a questão de equilíbrio, centro de gravidade é tudo diferente 'né'. Tu sentar numa prancha é diferente, tu não senta numa prancha num primeiro dia, são movimentos, são habilidades que tu vai desenvolvendo 'né', por mais que eu pegue um skate, diga, faça lá, todo mundo com a mãozinha para cima pra fazer um tubo, não vai se o surfe né, é skate. Docente D4

Neste caso, percebo que é possível realizar uma associação entre o professor mais ligado aos conteúdos tradicionais proposto por Silva e Bracht (2012) e o trecho deste docente, onde expõe que objetivos como aprender as técnicas específicas da prática estudada são prioridade e devem ser reproduzidos tal qual o são na prática do surfe na água, desconsiderando outras possibilidades como válidas para as aprendizagens dos estudantes.

Para solucionar esta oposição de ideias, também é possível amparar-se no que aponta a própria BNCC ao explicar especificamente as possibilidades de abordagem das práticas corporais de aventura nas escolas brasileiras.

Ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais. Isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola. Por exemplo, *as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada, tomando-se como referência o cenário de cada contexto escolar.* (BRASIL, 2018, p. 219) *Grifo meu.*

Entendo que há necessidade de cruzarmos a barreira imposta por esta importância tão forte, historicamente atribuída aos momentos de prática da EFE, em favor de abertura de espaço para outras possibilidades didáticas em que se possam ter momentos de reflexão sobre os conteúdos, sem a necessidade de reproduzi-los de forma prática ou exatamente tal qual é realizada em outros ambientes.

Como visto, a própria base curricular, propõe adaptações à realidade escolar de cada docente, bem como também cita atividades simuladas para contemplar estes conteúdos que exigem outros métodos de ensino devido à sua especificidade.

Concordo com Silva e Bracht (2012) no sentido de que devemos nos colocar como “professores inovadores”, não apenas com intenção de adicionar mais práticas corporais não contempladas pelo componente curricular, mas inovar buscando alterar os sentidos das práticas, incorporando estudos ligados conhecimentos “sobre” a cultura corporal de movimento, modificando seu trato pedagógico, criando novas formas de avaliação e articulando a EFE “de forma mais clara e orgânica ao projeto pedagógico da escola.”

Observo então este trecho, onde o docente expressa sua opinião sobre a possibilidade de se propor o surfe nas aulas de educação física escolar na atualidade: “Hoje é viável fazer surf na escola? Hoje talvez não!” Docente D4

Como dito anteriormente, nos diálogos sobre uma implementação do conteúdo surfe nas aulas de EFE do litoral, em grande parte das respostas os docentes direcionaram suas reflexões a diversos elementos (risco, necessidade de material específico, falta de infraestrutura adequada nas escolas, pouco contato

prévio com a prática do surfe) que possam dificultar ou desincentivar os docentes a propor o conteúdo surfe em suas aulas.

Estes diferentes elementos podem exercer seus efeitos de forma separada ou interligada dependendo da localidade de atuação do docente, mas alguns deles são inerentes à própria prática do surfe, como é o caso do risco que a prática pode oferecer.

Acerca dos riscos envolvidos em propor atividades sobre surfe, o que se apresenta de forma mais recorrente nos diálogos é o risco a ser assumido pelo docente ao sair da escola com os estudantes:

Cara, essa eu posso te responder de barbada... a questão de levar os alunos para o mar a responsabilidade que envolve levar uma criança para o mar sabe. Docente D3

Essa questão do surf aí é um problema a gente não poder trazer essa vivência e não ter um controle, de trazer essa vivência sem muitos riscos. Docente D4

Há uma preocupação imediata, e compreensível com a segurança dos estudantes, este fato se deve principalmente ao surfe ser uma prática corporal realizada em ambiente líquido, instável e que não oferece muita possibilidade de controle direto ao docente sobre o que acontece durante uma prática neste ambiente.

Ao refletir sobre a localidade em que os docentes lecionam, considero estes riscos como muito importantes e que devem ser gerenciados pelo docente, afinal, o mar do nosso litoral costuma ser mais agitado e possuir maior intensidade de correntes quando comparados à praias de outros estados que oferecem enseadas e baías que possibilitam melhores condições de mar para uma proposta prática com surfe diretamente na água.

Acerca desta preocupação sobre a saída da escola, Costa (2015) em pesquisa realizada em Florianópolis, analisou a estrutura física interna e externa de escolas públicas da rede municipal de ensino e também problematizou os significados atribuídos por docentes aos espaços destinados à educação física escolar na região.

Nas entrevistas com os docentes desta rede identificou que muitos possuem medo em utilizar os espaços externos às escolas para aulas de educação física escolar, seja devido aos riscos de acidente que são amplificados pela dificuldade em controlar os estudantes em um ambiente externo, ou por medo de ser culpabilizado por quaisquer danos que possam ocorrer, seja por parte da direção escolar ou dos responsáveis.

Para o autor:

“Aparentemente, existe nas escolas uma “cultura do medo”, uma compreensão generalizada de que o espaço “de dentro” é seguro, enquanto o exterior é perigoso e potencialmente arriscado.” (COSTA, 2015, p.183).

Esta insegurança citada como um dos elementos que dificultam a saída de docentes para propostas fora da escola, também foi identificada em outros estudos analisados anteriormente quando no estado do conhecimento desta pesquisa, e está presente nos trabalhos de Machado (2019) e Chagas (2017).

Neste trecho do Docente D3, é possível perceber que o mesmo confirma que se sente inseguro para trabalhar fora da escola, principalmente em uma aula no mar:

“E daí depois a partir daí tentar ia acrescentar e partir para a parte prática né provavelmente eu não levaria no mar, né, por medo. Como é uma situação de escola, eu confesso que nem sei se poderia levar para entrar na água acredito que não ou se pudesse teria que levar mais alguns professores alguma situação auxiliar no cuidado.” Docente D3

Como dito anteriormente, é compreensível que haja preocupação por parte dos docentes, pois há um risco real que é inerente às práticas corporais de aventura (PAIXÃO, 2018), porém, não se pode deixar levar em consideração que quando se propõe um jogo de futebol, ou salto em altura, também há algum risco de acidentes lesivos aos estudantes acontecerem, e essa possibilidade por si só não é justificativa para que os docentes não apresentem estes conteúdos.

O docente D1 nos traz uma reflexão sobre este aspecto que é importante de ser considerado:

Na educação física, é a disciplina onde 100% dos acidentes da escola acontecem, qual a disciplina que é um atrator para não só o joelho ralado mas pé quebrado, ligamento rompido e não sei o quê? Então a educação física já tem esse estigma e daí se propõe um surf talvez seja difícil ‘né’.
Docente D1

O que entendo emergir de forma implícita é que os docentes percebem que haverá maior dificuldade em justificar algum acidente lesivo que aconteça fora da escola, do que qualquer outro que por ventura aconteça dentro do espaço “seguro” da escola, e, este é um aspecto que também foi identificado no trabalho de Costa (2015).

Segundo o autor, isso se deve pois:

[...] há indícios de que esta sensação de insegurança, além de uma dimensão material, possui também um componente simbólico, tendo em vista que, entre outros elementos, o próprio discurso governamental é de que as crianças devem estar na escola para que não estejam “nas ruas”, soltas, correndo riscos que, em tese, não existem no interior de seus muros. A escola é vista em nossa sociedade como o espaço em que as crianças estão seguras enquanto seus pais estão ocupados, no emprego ou em seus outros afazeres. E, portanto, não serão tolerados quaisquer tipos de situações que possam constituir-se em riscos, ainda mais se “desnecessários” (COSTA, 2015, p.183)

É possível identificar em algum nível esta pressão da sociedade que é exercida sobre os docentes neste trecho do docente D2, que admite ter desistido de propor atividades na praia, após ter tido contratempos com um responsável após os estudantes terem tomado banho durante uma saída para uma proposta de aula na orla.

E a questão de levar para a água é complicado em função dos responsáveis. Cara eu tava um dia de final de ano com um nono ano na beira da praia, trabalhamos várias questões ali na atividade e quando eu vi tava todo mundo dentro d'água, aí voltei para escola com todo mundo molhado. Cara dos 15 (alunos), 14, tá tudo bem, mas um pai voltou na escola reclamando: 'Como é que aconteceu isso, como é que eu fui eu fui deixar acontecer isso, etc'. Eu sei que eu fiz a filha dele passar por um momento inesquecível na vida dela, mas ele não aceitou. E a partir dali eu não levei mais[...] Docente D2

Mesmo assim, o docente admite que este fato não seria um impeditivo para novas propostas, mas que numa próxima tentativa, construiria um melhor planejamento das atividades, para evitar este tipo de situação, e ainda salienta que é necessário muita coragem aos docentes que se propõe a planejar atividades do tipo.

Para contribuir com estes planejamentos, entendo que não podemos deixar de rememorar que entre as habilidades a serem desenvolvidas a partir da temática

das Práticas Corporais de Aventura juntamente aos estudantes segundo a BNCC (2018, p.239) estão:

Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.

Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.

Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.

Entendo que a partir destas habilidades, é possível planejar diversas atividades que se utilizem de estratégias diferentes de ensino, que não necessariamente devem pautar-se na prática usual do surfe como elemento principal, além de, o próprio risco ser também uma das características a serem estudadas a partir do contato com estas práticas.

Além disto, o mesmo documento apresenta oito dimensões possíveis de abordagem dos conteúdos a serem contempladas nas aulas de educação física escolar, quais sejam: Experimentação; Uso e apropriação; Fruição; Reflexão sobre a ação; Construção de valores; Análise; Compreensão e Protagonismo Comunitário.

Cada uma das dimensões listadas possui suas próprias especificidades no documento, mas saliento neste trabalho em relação ao surfe nas escolas do litoral a dimensão do Protagonismo Comunitário que segundo o documento:

Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo. (BRASIL, 2018, p. 222)

Esta é uma orientação que apresenta claramente uma das possibilidades (dentre tantas) de discutir o surfe como uma prática da cultura corporal de movimento local sem a necessidade de propor atividades exclusivamente práticas.

Articulando os conhecimentos prévios dos estudantes, estimulando-os a dialogar e refletir criticamente sobre a prática, a partir de questionamentos sobre sua existência ou não na região, os locais onde acontece ou poderia acontecer entre tantas outras questões possíveis de serem propostas e que contribuem para uma construção de conhecimento contextualizada à cultura corporal de movimento da localidade. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Outro fator associado às dificuldades em propor o surfe em uma dimensão prática recorrente nos diálogos, é a falta ou limitação de estrutura física e de material dentro das escolas.

Apresento alguns trechos que apresentam esta percepção relatada por parte dos docentes:

Se porventura viesse um instrutor né com pranchas com equipamentos não sei se os pais deixariam, mas se houvesse isso seria sensacional, mas daí seria teria que ter um patrocínio externo, uma Petrobras da vida para financiar *porque por exemplo, bambolê, aí que que é uma coisa bem mais barato é muito difícil conseguir né é uma bola né ô coisa assim, é muito difícil, então pranchas de surfe são são equipamentos caros 'né', quase impossível. Docente D1 - grifo meu.*

Mas é bem difícil pelo material 'né', se eu quiser montar uma prancha ali suspensa né para simular um simulador de surfe 'né'. Teria um custo que às vezes a escola não consegue arcar. Docente D3

Chagas (2017) também reconheceu a falta ou a dificuldade de material adequado à abordagem prática como um fator que limita em muito o trabalho de docentes de educação física escolar, e junto a isso contempla a possibilidade colocada pelo docente supracitado, de estabelecer uma parceria com agentes externos a trabalhar com a parte prática do surfe durante as aulas.

Para este autor, uma possibilidade de contemplar a parte prática do surfe, seria estabelecer parceria com instituições ou instrutores locais, que possam ceder uma estrutura e também sua experiência com a prática para oportunizar as vivências na água de forma mais segura para os estudantes.

Esta ideia é corroborada também em outras entrevistas e entendo que também está ligada a uma percepção de que existe uma necessidade de que o docente tenha algum contato prévio com as práticas que irá propor na escola, e que

quando ela não existe, o melhor caminho é ceder parte da condução da aula para alguém com maior experiência no ensino desta prática específica, como é possível observar nestes trechos:

Se tiver alguém que consiga conduzir as aulas de maneira segura né, como é um esporte no mar 'né'. Docente D3

Então eu confesso que o surfe nunca trabalhei com Surfe, talvez pela minha inoperância, talvez pela minha falta de prática pode ser. Docente D7

Eu digo que, eu quero dizer o seguinte: O professor de educação física que não tem contato, eu vou saber explicar tudo sobre história, tudo sobre os movimentos, a relação da natureza, mas o cara que tem toda a prática, então ele vai ter mais experiência do que eu pra ensinar 'né'. Docente D4

Neste caso, minha interpretação é a de que os docentes sentem-se incapacitados para propor algo do tipo, e sustentam a existência de uma certa necessidade de contato prévio com a prática do surfe para trabalhá-lo em suas aulas nas escolas.

O docente D4 traz algumas ressalvas, considerando-se capaz de articular os conhecimentos relacionados à “história, [...] os movimentos, a relação com a natureza [...]”, mas, também afirma ao final que profissionais com tempo de prática de surfe seriam mais experientes do que ele próprio.

O que me deixa intrigado ao ler este trecho, é que mesmo o docente D4 sendo surfista há muitos anos, portanto tendo um largo contato prévio com a prática, quando questionado apresenta uma perspectiva em parte contraditória.

O que consigo compreender a partir desta contradição é que o docente parece estar falando sobre alguém que já possua experiência em ensinar de forma prática o surfe, habilidade que não necessariamente um praticante deve ter, mesmo sendo professor de educação física.

Trago então, os trabalhos de Brasil, Ramos e Goda (2013) e Ramos et.al (2014) em que o foco das investigações foi a percepção de treinadores de surfe sobre os conhecimentos pedagógicos necessários ao ensino da prática, e análise da trajetória de vida de treinadores de surfe respectivamente.

Nestes dois trabalhos foi possível identificar que a experiência prática dos treinadores é um dos elementos importantes para saber ensinar o surfe, havendo relação também com o tempo de prática que este treinador tem e sua capacidade de ensinar o surfe de forma adequada.

No caso destes trabalhos, dos 11 treinadores, apenas 3 possuíam graduação em Educação Física, e os outros 8 não possuíam formação sendo a média de tempo de prática entre os treinadores de 27 anos, evidenciando a importância atribuída pelos mesmos ao tempo de prática no surfe que um instrutor precisa ter para atuar nesta área.

Contudo, saliento novamente que em meu entendimento, não é o objetivo da EFE ensinar os estudantes a surfar de forma perfeita, com técnica apurada e conhecimentos avançados que os praticantes de surfe por vezes levam anos para aprender.

Mas sim, oportunizar aos estudantes um primeiro contato com uma prática corporal significativa para a cultura corporal de movimento da localidade em que vivem, seja observando, refletindo através da experiência que a mesma proporciona utilizando-se de diferentes estratégias de ensino dentro ou fora da escola.

Ainda, entendo que esta percepção por parte dos docentes, se deve ao fato de que quase sempre os argumentos foram encaminhados para uma discussão sobre elementos que podem inviabilizar propostas práticas, corroborando a tradição da disciplina em privilegiar a dimensão procedimental do conteúdo, em detrimento de outras. (BARROS; DARIDO, 2009)

A prioridade na busca pelo ensino técnico dos movimentos específicos da prática se sobressai de forma tão forte no entendimento de alguns docentes que acaba excluindo o surfe do seu rol de escolhas de conteúdo ao longo do ano letivo, o que acaba por invisibilizar a possibilidade de abordá-lo de outras maneiras que extrapolam a ideia de práticas no mar.

Em outros trechos alguns docentes relatam que sentem-se mais confortáveis em escolher trabalhar com aqueles conteúdos em que já possuem um domínio específico, como a docente D6:

Eu entendo que também tenho direito de ficar na zona de conforto, por que quando a gente aprende a cadeira de lutas, a gente aprende várias técnicas, de várias, todas elas e eu caio na capoeira que é a minha, o meu conforto[...] E é um direito que eu tenho, mas ao mesmo tempo eu não vou deixar de falar do Tae Kwon Do, do Muay Thai, do Jiu Jitsu das várias brincadeiras em que eu tô trabalhando. Então porque que eu não vou trabalhar com surfe porque eu não sou surfista.

Neste exemplo, a docente nos apresenta que possui um largo contato com a prática da capoeira, e, no momento de oferecer atividades de lutas dá privilégio para a apresentação desta prática, contudo, não deixa de considerar outras práticas igualmente importantes para o conhecimento dos estudantes sobre a temática das lutas, que se manifestam sob outras formas no mundo da cultura corporal, deixando no final do trecho uma reflexão parecida sobre o conteúdo surfe.

Para Darido e Rangel (2005) é muito comum na educação física uma tendência por parte dos professores, a abordar conteúdos que possuem maior domínio, e, o que questionam a partir desta constatação é que pode existir um abandono por parte dos docentes de outras possibilidades de conteúdos igualmente relevantes para a cultura corporal de movimento.

Percebo que a docente D6 se apresenta comprometida com concepções mais novas, pois, mesmo utilizando-se de uma prática em que possui experiência prévia para introduzir o conteúdo das lutas, não deixa de abordar outros fenômenos igualmente importantes para esta temática da cultura corporal de movimento.

Reflexão semelhante surgiu também no diálogo com o docente D2, que ao falar sobre uma aula em que ministrou o conteúdo skate, me disse: “Mas o professor tem que estar aberto para isso tem que ter coragem, eu trabalhei skate, mas não sou skatista”, e é também neste trecho que apresenta sua percepção sobre uma certa coragem necessária para propor novos conteúdos, principalmente os que envolvem maior risco.

Estes relatos apresentam outra percepção e atitude que acredito poder considerar como fruto de um pensamento “inovador”, também demonstram que não há unanimidade acerca da necessidade de experiência prévia para uma proposta de surfe nas aulas, existindo maneiras diferentes de se posicionar perante os novos conteúdos que emergem a partir da transição recente por que passa a prática pedagógica em educação física. (SILVA; BRACHT, 2012) (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011)

Em pesquisa realizada com docentes de EFE considerados inovadores, os autores procuraram “conhecer e analisar os elementos que, na ótica desses professores, foram/estão sendo importantes para a realização e sustentação dessas práticas.” (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011, p. 119)

Foram identificados neste trabalho diferentes elementos que atravessaram e atravessam a trajetória profissional destes docentes inovadores, sendo eles a formação inicial e a participação em projetos ligados à comunidade local durante sua graduação, o investimento em formação continuada posteriormente à sua formação básica e a participação em grupos de estudo sobre a prática pedagógica em EFE. (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011)

Os autores indicam que estes são elementos importantes para que os docentes possam ter contato com diversas teorias e perspectivas sobre a EFE, sendo oportunizado aos mesmos, de forma contínua oportunidades de refletir e agir sobre suas práticas pedagógicas, para desta forma avançarem em direção às mudanças e inovações que entendem como necessárias. (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011)

Contudo os autores ressaltam que não pretendem trazer estes elementos como material para realizar generalizações, afinal existem limitações e outros elementos igualmente importantes a serem discutidos ainda, mas, salientam que podem ser utilizados como ponto de partida para novos estudos acerca de práticas inovadoras em EFE.

Entendo que devemos considerar a influência da formação inicial e continuada sobre as práticas pedagógicas de docentes da área, mas é preciso salientar que, no caso das práticas de aventura, temática em que o surfe se inclui, ainda não existem muitos cursos que ofertam disciplinas voltadas para esta temática específica.

Em um contexto amplo, o estudo recente de Corrêa e Delgado (2021) identificou num universo de 1274 cursos de graduação do país, que foram analisados de forma sistemática, que apenas 351 cursos apresentaram ao menos uma disciplina referente à temática da aventura em sua grade curricular, representando 27,5% dos cursos analisados.

Os autores ressaltam que há que se considerar que deste universo de instituições pesquisadas cerca de 340 cursos não apresentavam informações que pudessem confirmar a inexistência de alguma disciplina específica sobre atividades de aventura em suas grades, e o restante de fato não possuía a disciplina em suas grades.

Analisando esses dados, percebo que mesmo num contexto hipotético que seja muito positivo, em que estas outras 340 instituições ofereçam a disciplina, seriam 691 cursos no total, o que representaria cerca de 54,2% das instituições estudadas, chegando a conclusão de que apenas pouco mais da metade das instituições de ensino com curso de formação em educação física apresentaria alguma disciplina relacionada às atividades de aventura.

Para os autores este número deve crescer, principalmente visando à demanda prevista pela inclusão das Práticas Corporais de Aventura como temática a ser contemplada na disciplina de educação física nas escolas do Brasil. (CORRÊA; DELGADO, 2021, p. 119)

Quando analisamos em um caráter mais específico do surfe, relembro o estudo de Rolim (2010) que identificou a oferta de disciplinas de graduação que oferecem algum tipo de experimentação com surfe ainda na formação inicial em apenas 8 unidades em um universo pesquisado de 75 Instituições de Ensino Superior públicas

e privadas do país, demonstrando um índice menor ainda no que se refere à experiências com surfe na formação inicial.

Considero importante ressaltar que há necessidade de atualização destas informações, devido ao longo espaço de tempo entre o período de sua publicação e o contexto e desenvolvimento das Atividades de Aventura no Brasil à época estarem em um patamar menor do que na atualidade.

Portanto, entendo que devemos levar em consideração o argumento destes docentes ao me deparar com este quadro reduzido de oferta de experiências com atividades de aventura, e que é mais restrito quando se fala de surfe.

Mas, também compreendo que há necessidade de que o docente se posicione dentro de sua disciplina e que torne-se de fato, um especialista naquilo que faz, não devendo deixar de propor conteúdos significativos à cultura corporal de movimento mais próxima de seus estudantes, por falta de formação ou de não ter tido contato com as práticas que irá propor.

Tomo como referência além do conceito de Silva e Bracht (2012) de que podemos nos posicionar como professores “inovadores”, que vão além do já estabelecido na EFE, rumo à novas práticas pedagógicas, também a concepção de Freire (1996) que defende uma postura docente curiosa, pesquisadora, reflexiva, crítica e comprometida com a consciência crítica dos educandos, que busque atuar de modo que:

“Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”
(FREIRE, 1996, p. 14)

Neste sentido, entendo que mesmo com todas os elementos analisados, considerados pelos docentes aqui entrevistados como dificultantes para o processo de ensino e aprendizagem do conteúdo surfe nas aulas de educação física escolar da região, precisamos encontrar caminhos dentre o que nos é possível em conformidade com a realidade física, material da escola e do seu entorno, para que

possamos incluir esta prática corporal significativa da cultura corporal da região como um objeto de conhecimento para os estudantes.

Questiono a partir de Freire (1996, p. 15), o porquê de não aproveitarem a experiência que têm os estudantes do litoral e partir em busca de questionar, refletir e discutir os problemas ambientais existentes nas localidades a partir da introdução do conteúdo surfe em suas aulas? Ou ainda: “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

Neste estudo o foco das investigações foi direcionado à compreensão e percepção dos docentes sobre o surfe em aulas de EFE dos municípios do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul, portanto, as informações aqui disponíveis não dão conta de responder estas novas questões que certamente ainda serão investigadas em outro momento.

Não as abandonarei, pois entendo que respondê-las é necessário, para que se possa compreender com maior profundidade outros elementos importantes envolvidos no processo de seleção de conteúdos destes docentes em suas localidades.

Finalizando esta terceira categoria de análise, compreendo que interpretei e discuti com a literatura da área as diferentes percepções que os docentes têm sobre elementos importantes à proposta deste trabalho. Primeiramente pela recepção dos alunos com o conteúdo surfe, evidenciando que de forma geral, conteúdos novos ou inovadores são bem aceitos pelos estudantes, e que o surfe em si seria uma prática com boa aceitação dada a sua atualidade e relação com os estudantes devido à existência de praticantes nas localidades em que lecionam.

Também pude compreender as dificuldades evidenciadas pelos docentes em articular ideias para uma implementação deste conteúdo nas escolas do litoral, sem a necessidade de levá-los para a praia ou entrar no mar. Fato que considero estar ligado às diferentes concepções sobre a educação física escolar apresentadas e

analisadas no capítulo anterior, sobretudo àquelas que historicamente atribuem grande importância à prática dos conteúdos do componente curricular.

A percepção dos docentes sobre o risco de utilizar espaços fora do ambiente escolar, somado à precariedade de materiais didáticos e de espaços considerados adequados ao ensino da prática pelos mesmos, são elementos que dificultam de maneira considerável uma proposição de conteúdo surfe nas escolas do litoral.

E um último elemento dificultante também muito significativo na percepção dos docentes, é o de que a falta de contato prévio com a prática corporal (seja na formação inicial, continuada ou na experiência prévia dos docentes) do surfe que segundo os mesmo traz muita insegurança ou mesmo inviabiliza a possibilidade de proposições do conteúdo surfe nas aulas de EFE, a menos que, existam parceiros externos ou terceiros que possam, a partir de sua experiência com a prática possam contribuir para a execução com segurança para todos, principalmente em aulas fora da escola.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo a proposta comumente é encontrar palavras para de certo modo ‘concluir’ a pesquisa aqui realizada e assim chegar a certos pontos que podem ser considerados como relevantes para a área de pesquisa a qual se vincula e também ao componente curricular de Educação Física Escolar a qual tenho dedicado minha trajetória de vida e esforço profissional.

Neste período em que muito pude aprender, além de aprofundar meus conhecimentos tanto nas áreas da Educação e Educação Física através das muitas horas de leitura, reflexão e escrita, tive a oportunidade de conhecer mais sobre a região onde trabalho, compreender melhor a partir das vozes de outros colegas, como em parte a Educação Física Escolar é percebida e conduzida pelo Litoral Norte do estado.

Também, neste longo e precioso processo de aprendizagem e crescimento, cada vez mais compreendo que nenhuma das interpretações aqui produzidas é considerada como fixa ou imutável, já que todo conhecimento constitui-se principalmente a partir de seu caráter transitório e passível de novas análises e questionamentos, contribuindo assim para a atualização da produção científica.

Tão logo fique exposto isto, o primeiro ponto a salientar é que a partir das informações aqui analisadas e descritas, em cruzamento com todos os dados levantados ao longo deste período de formação foram produzidas diversas interpretações, às quais estão diretamente relacionadas ao período, contexto e momento histórico em que esta pesquisa foi realizada, diga-se de passagem os mundialmente conturbados anos de 2020, 2021 e 2022.

Este trabalho, propôs uma investigação qualitativa acerca das relações entre o surfe, considerado como uma prática corporal específica da Cultura Corporal de Movimento da região de pesquisa e o componente curricular de Educação Física Escolar, sendo este o componente curricular responsável por abordar a Cultura Corporal de Movimento como seu objeto de conhecimento principal.

Para isto, depois de muito trabalho foi construída a problemática inicial desta pesquisa, que conduziu o estudo por inteiro e foi o principal guia desta investigação, qual seja: **Quais as percepções de docentes de escolas públicas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul acerca do surfe nas aulas de Educação Física Escolar?**

É a partir desta pergunta inicial, que se desdobram todas as interpretações produzidas a partir dos cruzamentos realizados entre as informações produzidas juntamente à docentes de diferentes localidades da região de pesquisa, os dados já produzidos na bibliografia nacional acerca da temática selecionada e as diferentes referências que se propõe a discutir a componente curricular de Educação Física Escolar no País.

Neste trabalho foi possível perceber inicialmente, que a pesquisa sobre surfe está ligada à uma diversidade de áreas de conhecimento como a História, Geografia, Marketing, Turismo, Educação Física entre outras. Contudo, também foi possível constatar que mesmo sendo uma temática que se encontra incluída na grande área da Educação Física, ao aprofundar-me nas leituras, pude observar uma maior quantidade de estudos que privilegiam referenciais mais ligados às áreas da Saúde, Ciências Biomédicas e da Sócio-antropologia.

Por tratar-se de um Mestrado em Educação, compreendi que deveria ampliar as buscas, procurando referenciais dentro da área que relacionassem esta prática corporal com a Educação Física Escolar, referenciando desta forma autores que se propõe a refletir de forma mais específica sobre a Educação e o componente curricular na escola. Esta tarefa revelou que as pesquisas com foco no surfe relacionado à EFE possuem expressão reduzida dentro da grande área da EF, o que ao mesmo tempo em que contribui para um caráter “inovador” (SILVA E BRACHT, 2012) desta pesquisa também traz o peso de trabalhar com referenciais limitados em quantidade.

Foi possível interpretar que mesmo o surfe sendo uma prática corporal inserida na cultura corporal de movimento das localidades em que atuam a maioria

dos docentes entrevistados, ele ainda não é uma prática comum de ser observada em aulas de EFE (embora esteja presente nos planejamentos e nas aulas de alguns docentes entrevistados), e isto se deve a diversos elementos que auxiliam na invisibilização do surfe como uma prática corporal possível de ser explorada nas aulas de EFE pelos docentes entrevistados.

O primeiro elemento a ser citado liga-se a percepção de que a existência do surfe na região pode ser relacionada com o fluxo de pessoas no litoral que aumenta e diminui de forma sazonal sua densidade populacional, ocorrendo um aumento expressivo nestes números principalmente no Verão, período em que ocorre o chamado “veraneio”.

Também há que se considerar as percepções docentes de que por tratar-se de uma prática que exige materiais mais complexos, de acesso limitado e por muitas vezes de valor um pouco mais elevado, compreende-se que nem todos os estudantes da região consigam ter contato com esta prática ao longo do ano letivo, que alguns poucos podem ter este contato em seu período de férias, mas que contudo muitos podem estar trabalhando neste período, que é o de grande aquecimento econômico da região e também o mais propício para a prática do surfe nas localidades.

Foi possível identificar entre os docentes uma percepção de que o surfe é uma prática atual, e que por estar presente atualmente em meios de comunicação mais amplos e que ultrapassam as mídias especializadas onde eram exibidas com mais frequência em períodos anteriores, pode ser um conteúdo atrativo e que inclusive foi utilizado por alguns docentes durante o período pandêmico, período onde as aulas práticas da EFE foram significativamente reduzidas, quando não impossibilitadas, pelas restrições legais de distanciamento social.

Contudo, ao analisar as diferentes perspectivas sobre a EFE, sua função e objetivos no sistema escolar para os docentes, foi possível interpretar que há uma miscelânea de influências sobre seus modos de perceber a Educação Física nas escolas. Dentro desta pluralidade, foi identificado que entre os docentes há uma

convergência para uma priorização de escolha de atividades ou propostas de aula de caráter eminentemente prático sobre outros modos de apresentar os conteúdos que não envolvam diretamente os movimentos específicos da prática corporal a ser estudada.

Por ser uma componente curricular que cresceu sobre a influência de paradigmas provenientes de diferentes áreas de conhecimento ao longo de sua trajetória nas escolas brasileiras, principalmente a áreas como a Saúde, e posteriormente a área do Treinamento Esportivo muito vinculada aos esportes coletivos, a EFE é comumente associada à aulas fora da sala tradicional, em quadras e espaços abertos das escolas, o que torna compreensível a percepção dos docentes sobre o surfe e suas possíveis dificuldades de implementação.

Estas dificuldades expostas pelos docentes estão basicamente amparadas em questões de ordem prática, a partir de uma reflexão sobre a EFE centrada na prática do surfe, mas não somente nisto como também na prática do surfe no mar, e de preferência do modo exato como é executado por surfistas experientes, não considerando de forma espontânea atividades que proponham simulações do surfe em ambiente sólido como atividades que também auxiliem no processo de compreensão e estudo desta prática local.

Desta forma compreendo que esta priorização por atividades que tendem a conduzir os estudantes à executar as práticas corporais tais quais elas ocorrem no meio esportivo ou do alto rendimento por exemplo, auxiliam de forma significativa no processo de invisibilização da prática corporal do surfe enquanto possibilidade de conteúdo nas aulas de EFE. Além disso, com este modo de conduzir as aulas entendo que se estaria indo contras as modernas perspectivas sobre a EFE, que traz entre suas ideias a possibilidade de recriação das práticas corporais dentro da escola, adequando-as a seu ambiente físico e também possibilitando aos estudantes que reflitam sobre a historicidade das práticas corporais, que foram criadas pelos seres humanos ao longo de nossa história.

Outras dificuldades como acesso à material esportivo específico, críticas ou mesmo proibições da parte administrativa das escolas em propor atividades aquáticas fora do ambiente escolar além do sentimento de despreparo técnico dos docentes para atuar com uma prática que envolve riscos à segurança de si mesmo e de seus estudantes, também foram percebidas pelos docentes e dizem respeito à necessidades que envolvem terceiros além daqueles envolvidos nas atividades, exigindo um comprometimento e planejamento maior que nem todos os docentes estão dispostos a realizar, dificultando ainda mais a inserção desta prática que é significativa na cultura corporal de movimento local da região litorânea.

Sendo assim, é possível perceber que as reflexões sobre uma possível utilização do surfe em aulas de EFE necessita ser realizada levando em consideração os diversos aspectos expostos nesta pesquisa, que buscou compreender como os docentes de EFE percebem esta prática em suas aulas.

Entretanto, faz-se necessário compreender que todos os esforços aqui empreendidos na busca de responder, ou ao menos levantar reflexões acerca da problemática central deste estudo possuem limitações, e que não é pretensão deste estudo encerrar, mas sim contribuir para a discussão do componente curricular de EFE e sobre as práticas corporais da cultura corporal de movimento local que ainda não são contempladas nas aulas da região.

Salienta-se que este estudo contou com a contribuição de 7 docentes que lecionam em municípios diferentes de uma região ampla, e que possui um número muito maior de professores de Educação Física que podem contribuir com inúmeras reflexões que aqui não foram contempladas, e que podem ampliar de forma substancial a discussão sobre o surfe nas aulas de EF.

As possibilidades de desdobramento desta pesquisa em novas investigações com foco em temáticas adjacentes à pesquisada neste empreendimento precisam ser levadas em consideração. Pesquisas que busquem identificar como os docentes da região selecionam os conteúdos que irão lecionar ao longo dos anos letivos de

cada etapa podem ser importantes para auxiliar na compreensão de como a cultura local pode ser contemplada pela EFE nas escolas do Litoral Norte gaúcho.

Também há possibilidades de pesquisa que envolvam os demais envolvidos no ambiente escolar, como os estudantes que podem contribuir com suas percepções sobre o surfe em seu contexto atual que é fortemente marcado pelas interações virtuais. Além disso, observa-se também a possibilidade de proporcionar uma reflexão advinda das compreensões de gestores administrativos, diretores e equipes pedagógicas acerca do surfe na escola incluindo também a possibilidade de de reflexão por parte dos próprios docentes que se dedicam a utilizar o surfe enquanto conteúdo de aula, através da produção de relatos de experiência ou mesmo de pesquisas mais aprofundadas e de maior tempo em contato com os informantes como a etnografia ou a autoetnografia.

Conclui-se, dentro de todas as faces analisadas neste estudo que as percepções docentes acerca da prática corporal dos surfe enquanto uma possibilidade de conteúdo nas aulas de EFE apontam para um caminho possível, que tem potencial para envolver docentes e discentes em uma proposta considerada inovadora (SILVA E BRACHT, 2012) e que pode contribuir de forma significativa às reflexões sobre a Cultura Corporal de Movimento (BRACHT, 1999) da região do Litoral Norte gaúcho.

Entendemos que frente às novas possibilidades abertas pela BNCC (BRASIL, 2018), a partir da inclusão das PCA's como temática na EFE, o surfe se apresenta como uma prática com potencial para a discussão da realidade local do litoral, haja vista sua possibilidade de interação com diversas outras temáticas importantes para o componente curricular, como a Cultura local, o Meio Ambiente, a Saúde, o Treinamento Físico Esportivo, entre outras muitas possibilidades inclusive inter/transdisciplinares.

Deste modo, pensar o surfe como conteúdo da EFE, principalmente em regiões litorâneas, constitui-se em uma possibilidade que abre novos caminhos para o componente curricular na escola, entendida através de uma perspectiva que

proporcione momentos de prática, reflexão, debate e produção de conhecimento com base na crítica à realidade dos estudantes a partir das práticas corporais comuns ao seu cotidiano, oportunizando aos estudantes momentos em que possam “estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”, para que possam se voltar para a sua realidade e observá-la de forma questionadora e curiosa em busca de novas faces de sua própria vivência e possibilidade de intervenção em seu contexto social. FREIRE (1994, p. 15)

11 PRODUTO DE PESQUISA

O Produto Educacional proveniente desta investigação constitui-se em um *e-book* que disserta sobre o surfe no litoral norte gaúcho. O objetivo deste produto é auxiliar docentes interessados em aprofundar seus conhecimentos acerca do Surfe reunindo diferentes informações acerca desta prática e suas relações com diferentes temáticas possíveis de serem trabalhadas nas escolas gaúchas.

Este material está em fase protótipo e será disponibilizado de forma gratuita juntamente à esta dissertação nos sites da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e nas redes sociais do Grupo de Estudos em Práticas Cotidianas Educativas (GEPRACO) quando finalizado.

REFERÊNCIAS:

- ALVES, Vladimir, Zamorano.; MELO, Victor. Andrade de. **Um novo barato**: surfe e contracultura no rio de janeiro dos anos 1970. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 39, i. 1, p. 02-09, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328916000068> Acesso em: 01/01/2021.
- ARAÚJO, Samuel Nascimento de. **Cultura Corporal de Movimento na escola Cultura Corporal De Movimento da escola**: uma etnografia sobre a particularidade da seleção de conteúdos de ensino da educação física escolar. 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/150920> Acesso em: 3 mar. 2022.
- ARAÚJO, Larissa Mamede; SILVA, Victor Alexandre Ferreira e; OLIVEIRA, Natália Cristina de. **Relato de experiência**: a pedagogia do surf na educação básica. Revista Edapeci: Educação à Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 158-163, 14 ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/8546>. Acesso em: 12 maio 2022.
- AVILA, Luciana Toaldo Gentilini ; LIMA DE SOUZA, Cláudia.; MATIAS SOARES, Rogério.; COELHO BOTELHO, Nathalia; SILVA SCHUERNE, Lara.; ALVES DUARTE, Sherelise; DE SOUZA RODRIGUES, Leonardo; BARROCO PINTO, Joana.; MARTINS PINTO, André Luis. **Práticas corporais de aventura**: uma experiência do PIBID educação física. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. DOI: 10.22456/2595-4377.103130. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/103130>. Acesso em: 29 out. 2022.
- BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. **“De fora”**: corpo e natureza, medo e gênero no surf. Rev. bras. educ. Fis. esporte (Impr.), São Paulo, v. 25, n. 1, pág. 97-110, março de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092011000100010&lng=en&nrm=iso>. acess o em 22 de fevereiro de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092011000100010>.
- BANDEIRA, Marília Martins. **Territorial disputes, identity conflicts, and violence in surfing**. Motriz: rev. educ. fis., Rio Claro , v. 20, n. 1, p. 16-25, Mar. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742014000100016&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Feb. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-65742014000100003>.
- BARROS, André Minuzzo de; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas pedagógicas de dois professores mestres em educação física escolar e o tratamento da dimensão conceitual dos conteúdos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 23, p. 61-75, mar. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16711>. Acesso em: 15 maio 2022.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. 1997. 279f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252765>
- BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e educação física**. Porto Alegre: Magister, 1992
- BRACHT, Valter . **Educação física & ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí, Editora Unijuí. 1999.
- BRASIL, Vinicius Zeilmann et al. **As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 403-416, dez. 2015. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/57346/37373>>. Acesso em: 22 fev. 2021. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.57346>.

BRASIL, Vinicius. Zeilmann.; RAMOS, Valmor.; GODA, Ciro. **A produção científica sobre surf: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011.** *Pensar a Prática*, v. 16, n. 3, 30 set. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/19466> Acesso em 21 fev 2021.

BRASIL, Vinicius. Zeilmann; RAMOS, Valmor; GODA, Ciro. **O conhecimento pedagógico para o ensino do surf.** *Journal of Physical Education*, v. 24, n. 3, p. 381-392, 27 Sep. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/refuem/v24n3/05.pdf> Acesso em: 21 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB, 9394/1996. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 10 fev. 2021.

CASTELLANI FILHO, Lino. As concepções de Educação Física no Brasil. **Horizontes - Revista de Educação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 11–31, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/3162> Acesso em: 5 jul. 2022.

CHAGAS, Luiz Gustavo das. **O surfe como tema da educação física escolar em escolas públicas de Florianópolis/SC.** 2017. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177633?show=full>. Acesso em: 10 jul. 2022.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: **Cortez**, 1992.

CORREA, Liciane Vanessa de Oliveira Mello, BADARÓ, Luiz Fernando, SOUZA Juliano de, PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Práticas Corporais de Aventura e Biografias de Movimento na Educação Física Escolar.** *Revista Humanidades e Inovação*, (Tocantins) v. 7, n. 10, p. 254-265, 23.jun. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2893> Acesso em: 01/jul/2021.

CORRÊA, Evandro Antônio; DELGADO, Mônica. Atividades de Aventura nos currículos de formação inicial em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 114-135, ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/29059/28076>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CORREIO DO POVO. Aulas de surfe chamam atenção de veranistas em Atlântida. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 05 jan. 2021. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/verao/aulas-de-surf-chamam-aten%C3%A7%C3%A3o-de-veranistas-em-atl%C3%A2ntida-1.548459> Acesso em: 24 fev. 2021.

CORREIO DO POVO. Projeto no Litoral Norte forma surfistas e cidadãos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 fev. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/verao/projeto-no-litoral-norte-forma-surfistas-e-cidad%C3%A3os-1.319953> Acesso em: Acesso em: 24 fev. 2021

COSTA, André Justino dos Santos. **O espaço em escolas públicas municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física.** 2015. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Conceição Andrade (Org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293p.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33, v. 16. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/41548>

DAOLIO, Jocimar. **Educação física escolar e megaeventos esportivos**: desafios e possibilidades. Kinesis, [S. l.], v. 31, n. 1, 2013. DOI: 10.5902/2316546410032. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10032> . Acesso em: 21 jun. 2022.

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. **Nas ondas**: surf, juventude e cultura dos anos 60 do Rio de Janeiro. Estud. hist. (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, pág. 112-128, jun 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862012000100008&lng=en&nrm=iso Acesso em 22 de fev de 2021.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FENSTERSEIFER, Paulo Evandro; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: a difícil e incontornável relação teoria e prática.. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 28, p. 27-37, jul. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernando-Gonzalez-11/publication/332109639_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR_a_dificil_e_incontornavel_relacao_teorica_e_pratica/links/5ca161a845851506d738a53a/EDUCACAO-FISICA-ESCOLAR-a-dificil-e-incontornavel-relacao-teoria-e-pratica.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André da. **Ensaioando o "novo" em educação física escolar**: a perspectiva de seus atores. Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Impresso), [S.L.], v. 33, n. 1, p. 119-134, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32892011000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/wFBmNBzZMv5KsfdVQzDzJbb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 maio 2022.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso**: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n.10, p.58-78, jan/fev/mar/abr 1999. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf Acesso em: 04 jul. 2021

FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. **Novos formatos, velhos discursos**: representações do surf no cinema brasileiro (1991-2006). Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. , São Paulo, v. 36, n. 1, pág. 187-208, junho de 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442013000100010&lng=en&nrm=iso acesso em 22 de fev de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos . **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4 ed. São Paulo: ATLAS, 2002

GLOBO. Há 65 anos o surfe ganhava seus primeiros praticantes no RS. **Globo**, Porto Alegre, 09 jun. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/ha-65-anos-surfe-ganhava-seus-primeiros-praticantes-no-rs.html> Acesso em: 24 fev. 2021

GLUSZCZUK, Rafaela. **O Surfe na Educação Física Escolar**: relações entre a legislação e a prática pedagógica. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Educação Física Licenciatura.(2019) Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199708>

GOMES, Leonardo. do Couto; SOUZA NETO, Amilton; ROJO, Jeferson Roberto; MORAES E SILVA, Marcelo. **Nas Ondas da Ciência:** Perfil da Produção do Conhecimento Sobre o Surf em Periódicos Brasileiros. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 20(4), 285–311 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1734> Acesso em: 20 fev. 2021

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evandro. ENTRE O "NÃO MAIS" E O "AINDA NÃO": pensando saídas do não lugar da ef escolar ii. **Cadernos de Formação do Rbce**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 10-21, mar. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978>. Acesso em: 15 maio 2022.

GOULART, Matheus Perucci Rosa. **A educação física inserindo o surf no contexto escolar**. 2016. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, 2016 Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/9660> Acesso em: 10/09/2021

GZH. Os melhores picos de surfe no litoral norte. **RBS TV**, Porto Alegre, 13 fev. 2020. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/ha-65-anos-surfe-ganhava-seus-primeiros-praticantes-no-rs.html> Acesso em: 24 fev. 2021

KUNZ, Elenor. **Esporte:** uma abordagem com a fenomenologia. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. I-XIII, out. 2000. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2503>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, Unijuí. 1994.

LOPES, Eduardo Baptista; RUIZ, Thays Cristina Domareski; ANJOS, Francisco Antonio dos. **A ocupação urbana no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, e suas implicações no turismo de segunda residência**. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 426-441, 26 fev. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.ao03>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/3HdPOMKgJfY8h89TNqwMrZn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

MACHADO, Roseli Belmonte; FONSECA, Denise Grosso da; MEDEIROS, Francine Muniz; FERNANDES, Nicolas. **Educação física escolar em tempos de distanciamento social:** panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. Movimento (ESEFID/UFRGS), p. e26081, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106233>.

MACHADO, Jhonatan Farias de. **O surfe como possibilidade de ensino nas aulas de educação física escolar:** uma proposta de sistematização a partir das dimensões dos conteúdos.. 2019. 22 f. TCC (Doutorado) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199708/Rafaela%20Gluszcuk%20Trabalho%20de%20Conclus%C3%A3o%20de%20Curso%20-%20TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MAINARDES, Jefferson; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Autodeclaração de princípios e procedimentos éticos na pesquisa em Educação** p.129-132 in ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. *Ética e Pesquisa em Educação: subsídios*. Rio de Janeiro: ANPED, v. 1, 2019. 133 p. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/etica_e_pesquisa_em_educacao_-_2019_17_jul.pdf Acesso em: 15 jul. 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. **A construção televisiva do MMA**: o programa TUF Brasil e o processo de humanização do lutador. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2021, v. 43, e002820. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/rbce.43.e002820>>.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer.. 2005. 320 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <https://www.periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1526> . Acesso em: 10 maio 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. São Paulo: Vozes, 2002.

MIRANDA FILHO, Vamberto. Ferreira.; DOS SANTOS, Igor Sampaio Pinho; **Mídia, mercadorização esportiva e o movimento de popularização do MMA**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 3, 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i3.28881. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/28881>. Acesso em: 21 jun. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2018, v. 40, n. 3 [Acessado 16 Setembro 2022], pp. 215-223. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>> . ISSN 2179-3255. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001>

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; HONORATO, George Washington Noronha; BOSI, Maria Lúcia Magalhães.; SILVA, Fidel Machado de Castro. **A esportivização do surfe**: reflexões a luz de Pierre Bourdieu. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-17, abril/junho 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e63230> Acesso em: 20 fev. 2021

OSÓRIO. Corede Litoral. Conselho Regional de Desenvolvimento. **Plano estratégico participativo de desenvolvimento regional do corede litoral do rio grande do sul**. 2017. Disponível em: <https://governanca.rs.gov.br/upload/arquivos/201710/09144219-plano-litoral.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar**. *Motrivivência (UFSC)*, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, maio/2017. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170>

PEREIRA NETO, Gerson Paulo, ABREU, Ewerton Sousa de, NASCIMENTO, Jessica de Freitas, OLIVEIRA, Bráulio Nogueira de, & MACHADO, André Accioly Nogueira. **Surfe é Estilo de Vida** : Motivação Para a Prática em Mulheres Jovens. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 20(1), 115–139. Mar-2017 <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1589>

PÉREZ-GUTIÉRREZ, Mikel; COBO-CORRALES, Carlos. **Produção científica do surfe indexada na web of science e scopus (1967-2017)**. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, p. e26015, mar. 2020. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/94062>>. Acesso em: 22 fev. 2021. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.94062>.

PORT, Vicente Piacentini; PRAZERES, Rafael Marques; PINTO, Fábio Machado. **Lutas e surfe na educação física escolar**. *Cadernos de Formação do RBCE*, p. 37-48, mai-2013. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1977/859>

RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinicius Zeilmann; DE BARROS, Thais Emanuelli da Silva; GODA, Ciro; GODTSFRIEDT, Jonas. **Trajatória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional.** *Pensar a Prática*, v. 17, n. 3, 16 set. 2014. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/30335> Acesso em: 20 fev. 2021

RIBEIRO, Sheylazarth Presciliana; COELHO, Luciano.; MEDINA, Aládia; ISAYAMA, Helder; STOPPA, Edmur; **Lazer de crianças brasileiras: análise sobre o direito ao lazer.** *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, [S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 71–86, 2021. DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p71-86. Disponível em:

<https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/9458>. Acesso em: 21 jun. 2022.

RIVELLI, Yuri Marciano; RIBEIRO, Ricardo Yoshio Silveira. **Ampliando conhecimentos sobre o movimentar-se no surfe na educação física escolar: relato de experiência no pibid.** *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, São Paulo, v. 3, p. 25-33, 3 mar. 2019. Disponível em:

<https://www.rebescolar.com/conpefe/AMPLIANDO-OS-CONHECIMENTOS-SOBRE-O-MOVIMENTAR-SE-NO-SURFE-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-F%C3%8DICA-ESCOLAR%3A-RELATO-DE-EXPERI%C3%8ANCIA-NO-PIBID/12---2019---MAR-----A-IV---V-III/10d8b20d-57c0-4de9-b952-440cf4475e90>. Acesso em: 15 maio 2022.

RIO GRANDE DO SUL. Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria Estadual de Educação. Censo escolar da educação básica. 2018. Disponível em: <https://servicos.educacao.rs.gov.br/pse/srv/estatisticas.jsp?ACAO=acao1>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ROLIM, Tiago Malta Rossi. *As perspectivas de ensino do surfe nos cursos de Educação Física.* 2012. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191402>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SILVA, Mauro. Sérgio.; BRACHT, Valter. **Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar.** *Kinesis, [S. l.]*, v. 30, n. 1, 2012. DOI: 10.5902/010283085718. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SCHOSSLER, Carolina. **Patrimônio Balneário: a cultura do veraneio no Rio Grande do Sul e no Uruguai.** IPHAN. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/2026>> Acesso em: 28/03/2021.

SOUZA NETO, Samuel de et al. **A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século xx.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004. Disponível em:

<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/230/232>. Acesso em: 15 maio 2022.

SOARES, Carmen Lúcia. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: conhecimento e especificidade.** *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, p. 6-12, 1996. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/73/o/Texto_65_-_Educao_Fisica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-_Carmem_Lucia_Soares.pdf Acesso em: 12 maio 2022.

SOUZA, Tiago. Silva. de; FREITAS, Gabriel. da Silva.; RIGO, Luiz Carlos. **Uma ação docente na educação física infantil: crianças surfando a vida.** *Revista Didática Sistemática, [S. l.]*, v. 11, p. 58–66, 2011. DOI: 10.14295/rds.v11i0.1736. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1736>. Acesso em: 29 out. 2022.

STOPPA, E. A.; TRIGO, L. G. G.; ISAYAMA, H. F. **O lazer do brasileiro no período de férias: representações e concretizações das atividades turísticas.** *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1,

p. 138-154, abr. 2017. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1139>. Acesso em: 15 maio 2022.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987

APÊNDICE A

Estado do Conhecimento 1

Ano	Tipo	Título	Autoria	Área	Local de publicação	Metodologia
2011	Artigo	"Do Outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano	Bandeira e Rubio	Sócio-antropologia	RBEFE	Estudo etnográfico
2012	Artigo	Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960	Dias, Fortes e Melo	Sócio-antropologia	<i>Revista Estudos Históricos</i>	Análise conceitual
2013	Artigo	A produção científica sobre surfe: uma análise a partir das publicações entre 2000 e 2011	Brasil et. al	Esporte	<i>Revista Pensar a Prática</i>	Descritiva Exploratória
2013	Artigo	Novos formatos, antigos discursos: representações do <i>surf</i> no cinema brasileiro (1991 - 2006)	Fortes e Melo	Mídia e esporte	<i>Revista Intercon</i>	Análise documental
2013	Artigo	O conhecimento pedagógico para o ensino do surf	Ramos, Brasil e Goda	Pedagogia do Esporte	Journal of Physical Education	Estudo de Caso
2014	Artigo	Trajetoária de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional	Ramos et. al	Sócio-antropologia	<i>Revista Pensar a Prática</i>	Análise de conteúdo
2014	Artigo	Territorial disputes identity conflicts and violence in surfing	Bandeira	Sócio-antropologia	<i>Revista Motriz</i>	Estudo etnográfico
2016	Artigo	As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf	Brasil et. al	Pedagogia do Esporte	<i>Revista Movimento</i>	Estudo de Caso
2016	Artigo	Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970	Alves e Melo	Sócio-antropologia	RBCE	Análise documental
2017	Artigo	Nas Ondas da Ciência: Perfil da produção de conhecimento sobre o surfe em periódicos brasileiros	Gomes et.al	Esporte e Lazer	LICERE	Descritiva Exploratória
2017	Artigo	Surfe é estilo de vida: Motivação para a prática em mulheres jovens	Pereira Neto et. al	Esporte e Lazer	LICERE	Quali/quantitativa entrevista
2020	Artigo	A esportivização do surfe: reflexões a luz de Pierre Bourdieu.	Nepomoceno et. al	Sócio-antropologia	<i>Revista Motrivivência</i>	Análise conceitual
2020	Artigo	Produção científica do surfe indexada na Web of Science e Scopus	Perez Gutierrez e Cobo-Corrales	Esporte	<i>Revista Movimento</i>	Análise bibliométrica

APÊNDICE B

Estado do conhecimento 2

Ano	Tipo	Título	Autoria	Local de publicação	Instituição
2010	Monografia	As perspectivas de ensino do surfe nos cursos de educação física	Tiago Malta Rossi Rolim	Repositório Ufsc	UFSC
2016	Monografia	A educação física inserindo o surf no contexto escolar	Matheus Perucci; Rosa Goulart	Repositório Uff	UFF
2017	Monografia	O surfe como tema da educação física escolar em escolas públicas de Florianópolis/SC	Luiz Gustavo Das Chagas	Repositório Ufsc	UFSC
2019	Monografia	O surfe como possibilidade de ensino nas aulas de educação física escolar: uma proposta de sistematização a partir das dimensões dos conteúdos.	Jhonatan De Farias Machado	Repositório Udesc	UDESC
2019	Monografia	O surfe na educação física escolar: relações entre a legislação e a prática pedagógica	Rafaela Gluszcuk	Repositório Ufsc	UFSC
2021	Monografia	O surfe como conteúdo das aulas de educação física no ensino médio	Caio Furghestti Borges	Repositório Udesc	UDESC
2010	Relato de experiência	Uma ação docente na educação física infantil: crianças surfando a vida	Thiago Silva De Souza; Gustavo Da Silva Freitas; Luiz Carlos Rigo	Revista Didática Sistêmica	FURG
2013	Relato de experiência	Lutas e surfe na educação física escolar	Vicente Piacentini Port; Rafael Marques Prazeres; Dr. Fábio Machado Pinto	Cadernos De Formação Rbce	UFSC
2018	Relato de experiência	Relato de experiência: a pedagogia do surf na educação básica	Larissa Mamede Araújo Victor Alexandre Ferreira e Silva; Natália Cristina De Oliveira	Revista Edapeci	US + UNASP
2019	Relato de experiência	Ampliando os conhecimentos sobre o movimentar-se no surfe na educação física escolar: relato de experiência no PIBID	Yuri Marciano Rivelli Ricardo Yoshio Silveira Ribeiro	Rebescolar	UNINOVE
2020	Relato de experiência	Práticas corporais de aventura: uma experiência do PIBID EF	Luciana Toaldo Gentilini Avila Et. Al	Cadernos Do Aplicação	FURG

APÊNDICE C

Formulário online de seleção de informantes para a Pesquisa.

Formulário Pesquisa: Surfe e Educação Física Escolar

Prezado candidato (a), este formulário foi criado para auxiliar no processo de seleção de informantes da Pesquisa de Mestrado Profissional em Educação do PPGEDU da UERGS - Litoral Norte, denominada "SURFE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: representações sociais de docentes acerca do surfe na escola."

Estou construindo esta pesquisa para a dissertação de Mestrado, com o intuito de abordar as especificidades do Litoral, contribuindo com novas temáticas para a Educação Física Escolar baseadas em nossa cultura corporal local.

Conto com sua participação, respondendo este formulário você estará contribuindo para a seleção dos informantes desta pesquisa. Espero que você possa participar!

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Nome *

3. Gênero

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

Outro: _____

4. Idade *

5. Telefone (WhatsApp) *

6. Formação Acadêmica *

Marcar apenas uma oval.

- Graduação em Educação Física (Licenciatura, Bacharelado ou Plena)
- Pós-Graduação Lato-Sensu (se quiser, descrever a ênfase do Curso na opção Outros.)
- Mestrado
- Doutorado
- Outro: _____

7. Município ou municípios de Atuação. *

8. Há quanto tempo você atua na Educação Física Escolar? *

9. Em qual das seguintes etapas da educação básica você atua? *

Marque todas que se aplicam.

- Anos Iniciais (1º à 5º anos)
- Anos Finais (6º à 9º anos)

10. Você já abordou algum conteúdo, ou realizou alguma atividade relacionada às Práticas Corporais de Aventura em suas aulas? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. Se afirmativa à última resposta, descreva abaixo qual conteúdo/atividade você trabalhou...

12. Já pensou ou refletiu sobre abordar o surfe como um conteúdo das suas aulas Educação Física Escolar? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. Estaria disposto a participar de uma entrevista semiestruturada de forma online? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(A) Sr.(a) está sendo convidado a participar como voluntário de um estudo, no qual participará de um grupo focal, que tem como problema de pesquisa: “Quais as percepções de docentes de escolas públicas do Litoral Norte do Rio Grande do Sul acerca do surfe nas aulas de Educação Física Escolar?” de responsabilidade do mestrando Felipe Ferreira, vinculado a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação na Unidade Litoral Norte – Osório, localizada na Rua Machado de Assis nº 1456, fone (51) 3663-9455.

Meu estudo tem o intuito de realizar aproximações entre o surfe e suas diversas possibilidades culturais de manifestação na sociedade, a educação física escolar e suas formas de apropriação deste fenômeno da cultura corporal nas cidades litorâneas, contribuindo para a produção acadêmica atual.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

O (A) Sr.(a) será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz os materiais ficarão sob a propriedade do pesquisador responsável. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Eu, _____, portador do CPF: _____, nascido(a) em ___/___/___, residente no endereço, _____, na cidade de, _____, Estado, _____, podendo ser contatado pelo nº de telefone (____) _____ e email: _____, fui informado(a) dos objetivos do estudo, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Concordo que os materiais e informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

_____, _____ de _____, de _____

Assinatura

Felipe Ferreira